

EXTENSÃO E (TRANS)FORMAÇÃO

COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF



A extensão universitária é muito mais do que uma das bases que compõem a tríade ensino-pesquisa-extensão do ensino superior; ela habita a alma dos extensionistas, envolve sentimentos de indignação e justiça e é sempre carregada de esperança. O fazer extensionista exige humildade para se aprender ensinando, pede licença para entrar e para transformar a realidade social. A extensão não busca apenas cumprir uma meta ou alcançar um objetivo, ela compartilha conhecimentos e forma profissionais comprometidos com a sociedade.

Esta coletânea reúne relatos de discentes extensionistas da Universidade Federal Fluminense que participaram do **I Concurso de Depoimento Extensionista**. Mais do que selecionar vencedores, o concurso buscou alcançar os múltiplos sentidos e sensações que a prática da extensão provoca cotidianamente nos estudantes. Os 51 textos aqui apresentados revelam o espírito altruísta e o significado da prática extensionista na formação dos discentes.

As fotos que ilustram a coletânea são registros de atividades desenvolvidas pelas ações extensionistas cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão da UFF e não possuem necessariamente relação

direta com os depoimentos. Trata-se de uma tentativa por parte dos editores de transmitir com imagens a mesma profundidade de sentidos que os estudantes expressaram em seus textos.

Cabe ressaltar que, para manter a autenticidade dos textos originais, somente foram corrigidos os erros que atentavam contra a correção ortográfica e gramatical da Língua Portuguesa.

Agradecemos a todos os discentes por aceitarem o desafio de abrir o coração, com isso nos mostrando o significado da extensão para sua formação profissional e cidadã. Agradecemos também aos docentes Andreia Escudeiro, Cristina Delou, Elaine Monteiro, Jairo Werner e Nivia Barros, que muito generosamente compuseram nossa banca avaliadora.

Esperamos que este livro possa ser uma inspiração para que, cada vez mais, docentes e discentes assumam o fazer extensionista como algo cotidiano, experimentando as transformações para quem o realiza e para a sociedade, em uma troca na qual diferentes formas de conhecer o mundo e de saberes são compartilhadas.

Equipe Editorial

EXTENSÃO E
(TRANS)FORMAÇÃO

COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF

Universidade Federal Fluminense
Pró-Reitoria de Extensão

Extensão e (Trans)Formação:

Coletânea de Depoimentos de
Discentes Extensionistas da UFF

Niterói
2020

Reitor

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-reitor

Fabio Barboza Passos

Pró-Reitoria de Extensão - Proex

Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

Coordenação de Difusão e Fomento a Extensão – CDFE/EX

Lucíola Rangel de Luca

Gerência Plena Financeira – GPF/EX

Carlos Antonio Almeida Raeder

Coordenação de Integração Acadêmica – CIAC/EX

André Augusto Brandão

**Coordenação de Desenvolvimento e Análise das Áreas
Temáticas – CDAT/EX**

Antônio de Souza Boechat

Coordenação de Intercâmbio e Convênios – CIC/EX

Leonardo Marco Muls

Realização

Universidade Federal Fluminense

Reitor: Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Pró-Reitoria de Extensão

Pró-Reitor de Extensão: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

Coordenação Editorial

Luciôla Rangel de Luca

Equipe Editorial

Luciôla Rangel de Luca

Giovanni Mannarino

Santhyago Camello

Tatiana Ferreira da C. e Silva

Fotografias

Silvia Regina

Redação dos Depoimentos

Ana Beatriz Rodrigues Ferreira

Bárbara Macieira Ribeiro Macedo

Beatriz Batistela Silva Rodrigues

Beatriz Fileme

Caio Silva Lins

Carolina Marinho Colchete

Felipe Fernandes Ribeiro

Flávio Marques de O. Filho

Gabriel Gontijo Granja

Gabriela Alves Pereira

Giovana Cardoso C. Jordão

Giulia Lemos de Almeida

Icaro Andrade Daflon

Ingrid Lucchese

Jéssica Raposa Rocha

João Paulo C. L. Almeida

Júlia Maroni Bastos Ribeiro

Julio Cesar da Silva

Larissa Batista Franco

Larissa Vahia Malliagros

Liliane Amazonas Camilo

Lohany Corona Seabra

Lucimere S. de Carvalho

Luiza Silva Rezende

Luyara Rosa da Silva

Marcelo da Silva Regufe

Marcos Felipe Pereira Valença

Maria Clara da C. Machado

Mariáh Valentim P. Rodrigues

Mariany Lima B. de Oliveira

Matheus Mello Ferreira

Matheus Pacheco Epifanio

Milena Alves Crespo Azevedo

Millena Cristina Areas

Pablo Fernandes Pinheiro

Paloma Gomes de Araujo

Rafael Triaca

Raquel Trigo Pereira

Rodrigo Colaço das Neves

Rubens da Silva Thimóteo

Shanykka Queiroz Rojas

Thainá Barbosa Fernandes

Thais Dias de Oliveira

Thais Santos Thurler e Silva

Thalissom Serrath de Carvalho

Thamires Ferreira Neves

Thayná Rosário Lima da Silva

Thuani Barbatti de Azevedo

Vinicius Marques C. e Silva

Vitor Fraga da Cunha

Yasmin Aguiar Faria Lima

Revisão de Textos

Giovanni Mannarino

Santhyago Camello

Tatiana Ferreira da C. e Silva

Diagramação

Caio Macedo

Arte da Capa

Barbara da Paz

Copyright by Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense Todos os direitos são reservados à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense. Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

Extensão e (Trans)formação – Coletânea de depoimentos de discentes extensionistas da UFF / Pró-Reitoria de Extensão - Universidade Federal Fluminense. – Niterói: PROEX-UFF, 2020. – 166 p.: il. ; 210 cm

ISBN 978-65-990419-2-1

BISAC

Extensão - Universidade. 2. Depoimentos. 3.Coletânea. I. Título.

CDD 378.155.4

Apresentação

A Universidade Federal Fluminense completa sessenta anos em dezembro de 2020. Formada a partir de Escolas, Institutos e Faculdades pré-existentes (algumas com quase ou mais de cem anos), a UFF nasceu com o objetivo primário de formar mão de obra para o Estado Rio de Janeiro. Desde sua origem, a instituição entendeu que formar profissionais era muito mais do que transferir conteúdo e entregar um diploma de graduação. Por esta razão, buscou articular o ensino com a pesquisa científica e com a interação com a sociedade. Hoje, toda a mesorregião do Estado do Rio de Janeiro, do litoral sul ao noroeste fluminense, conta com ao menos uma unidade acadêmica da UFF, além da fazenda escola em Cachoeiras de Macacu e do núcleo na área de proteção ambiental em Iguaba Grande, fazendo-se, assim, presente em 11 municípios do Estado, assim como no município de Oriximiná, no Estado do Pará, onde a Universidade mantém uma unidade avançada. Essa característica capilarizada, distribuída e intimamente relacionada ao Estado do Rio de Janeiro, não é produto do acaso, mas resulta de uma decisão estratégica institucional de participar de forma intensa e permanente com o desenvolvimento social e econômico da região e do país por meio da educação, da ciência e do conhecimento.

Estratégico também, como dito acima, foi compreender que a missão da UFF não é simplesmente conceder grau repassando conteúdos herméticos de forma mecânica, seguindo a típica “educação bancária”, como bem diria Paulo Freire. Mais do que uma formação, exercitamos uma (trans)formação de pessoas - parafraseando o título dessa obra - na direção de profissionais competentes, éticos e solidários, críticos de si mesmos e do mundo. Nesse processo, a extensão universitária tem papel central. A despeito de alguma controvérsia acadêmica sobre a descrição conceitual mais adequada, a expressão “extensão” exprime bem a figura de ações da universidade que vão além de si mesma alcançando a comunidade externa.

Na Universidade Federal Fluminense, a extensão tem - e sempre teve - papel de destaque desde a sua origem. Quando atacada por forças destrutivas, a UFF mostra sua garra, expõe suas vísceras, vai às ruas com mais força e renova sua legitimidade junto à sociedade, pois ela não serve a governo algum; a UFF serve ao povo brasileiro. E, quando uma pandemia assola o Brasil, lá está a extensão da UFF servindo, colaborando, transformando e fazendo acontecer.

Milhares e milhares de programas e projetos de extensão têm sido realizados ao longo das décadas, transformando a todos, dentro e fora da UFF. Os estudantes, em especial, durante sua intensa (trans)formação na graduação, constroem uma leitura do mundo a partir de seus envolvimento nas ações extensionistas, participando dele ativamente, e não apenas na condição de meros observadores da realidade. Através da extensão, dialogam (dia: através + logos: palavra, lógica), inter-agem, (trans)formam as pessoas e as comunidades e por elas são transformados. Pronto, a Universidade está viva!

São os emocionantes depoimentos desses agentes, sujeitos e objetos da vida universitária em constante (trans)formação pela extensão - nossos estudantes - que nos enchem de orgulho e satisfação, e comprovam que nossa missão, enquanto profissionais da Universidade Federal Fluminense, está sendo cumprida com qualidade e responsabilidade social.

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
REITOR

Prefácio

O que vemos acontecer hoje no que se refere aos rumos da educação no Brasil não tem consequências isoladas que afetam somente alunos e profissionais do ensino; essas consequências afetam diretamente o cidadão em sua dimensão mais ampla. A tentativa da implementação da privatização total da educação, sobretudo do ensino público superior, está cada vez mais intensa e desconsidera detalhes extremamente relevantes nesse debate, como a qualidade do ensino resultante dessa privatização. Nesse processo, verifica-se um número crescente de ataques ao pensamento crítico, próprio da construção do aprendizado e da reflexão teórica, o que dificulta ainda mais a consolidação da missão principal das instituições públicas de ensino superior.

As universidades são espaços que possibilitam a agregação de inúmeros saberes heterogêneos. São instituições criadas para atender às demandas da sociedade não apenas por educação, mas também por pesquisa, desenvolvimento social, econômico e tecnológico. Entre as estratégias das quais as universidades lançam mão para a formação dos profissionais cidadãos, destaca-se a efetiva reciprocidade na relação entre academia e a comunidade, entre outras razões para referenciar essa formação com os problemas que um dia esses profissionais terão que enfrentar.

Essa relação direta entre universidade e comunidade é proporcionada pela extensão universitária, entendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que, sob o princípio da indissociabilidade, promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade. De forma harmônica e indissociável, a extensão se soma ao ensino e à pesquisa para constituir a base que fundamenta o ensino público superior, sendo ela a responsável por proporcionar a já citada relação entre a academia e a comunidade.

É fácil notar, portanto, a extrema relevância que a extensão tem para a construção do conhecimento, uma vez que é cada vez mais difícil hoje separar os saberes desenvolvidos nos espaços acadêmicos dos saberes próprios das comunidades onde as universidades estão inseridas. Contudo, isso pouco se observa na prática. É fato que, ao longo de sua existência, a universidade pública sempre dispensou um tratamento diferenciado à extensão. Sempre relegou a atividade

extensionista aos planos mais secundários de relevância, eclipsando sua importância e diminuindo sua capacidade de atuação. Ao ensino sempre foi dado as maiores atenções pelos gestores das universidades públicas, sendo a pesquisa, por sua vez, prioridade em determinadas instituições, mas em todas elas é razoável apontar a extensão como a detentora da “função menor”. Essa mentalidade atrasada, da qual discordamos e contra a qual trabalhamos intensamente, é eivada de erros conceituais e perpetua-se ainda hoje na grande maioria das universidades públicas do país. Basta comparar os recursos destinados à extensão com os destinados ao ensino e à pesquisa para constatar tal fato.

É neste espírito de combate à desinformação e a essa mentalidade errônea que apresentamos ao leitor esta coletânea resultante do I Concurso de Depoimento Extensionista, realizado durante o XIII Encontro de Bolsistas de Extensão da Universidade Federal Fluminense. Participaram do concurso discentes extensionistas da UFF, que relataram seu envolvimento nas ações de extensão em que atuam, suas experiências, os resultados alcançados e a importância dessa atuação em sua formação acadêmica, profissional e cidadã. Esta coletânea, que muito nos orgulha, compila os cinquenta e um depoimentos inscritos no concurso. São relatos que nos inspiram e nos emocionam, pois foram escritos pelos sujeitos ativos das ações extensionistas: os alunos.

Defendemos que as ações de extensão possibilitam verdadeira ampliação do repertório do conhecimento e da prática social; uma saída da zona de conforto da academia e possibilita a aquisição de outros saberes. Os alunos, temos certeza, tornaram-se protagonistas no processo de ensino-aprendizagem a partir da leitura da realidade social, adquirindo condições para multiplicar, em suas atividades profissionais, as experiências que viveram.

A todos, uma boa leitura.

Cresus Vinicius Depes de Gouvêa
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Sumário

Uma passagem no ninho do CRAS: entre surdos, mudos e invisíveis	14
<i>Júlia Maroni Bastos Ribeiro</i>	
Projeto Cinderela e seu poder de transformação	17
<i>Thuani Barbatti de Azevedo</i>	
Educação e promoção de saúde para LGBTIs: os frutos da Extensão	19
<i>Flávio Marques de Oliveira Filho</i>	
Robótica educacional ensinando a viver	23
<i>Matheus Pacheco Epifanio</i>	
Tecendo Experiências: a Extensão Como Caminho	26
<i>Millena Cristina Areas</i>	
Inspirando sonhos através da extensão universitária	29
<i>Bárbara Macieira Ribeiro Macedo</i>	
Cantando Vidas	32
<i>Thalisson Serrath de Carvalho</i>	
Nos Olhares do Cuidado	36
<i>João Paulo Chevrand Latinide Almeida</i>	
ONRJ: mais que uma extensão, uma realização	39
<i>Rodrigo Colaço das Neves</i>	
Reproduzir, replantar e reeducar	41
<i>Jéssica Raposa Rocha</i>	
A construção do saber no processo da informação para prevenção sobre a Síndrome do Alcoolismo Fetal	44
<i>Mariany Lima Barreto de Oliveira</i>	

Melhor Idade na Universidade <i>Luyara Rosa da Silva</i>	47
Vivenciando no projeto: Ciclo de Estudo em Etnomatemática <i>Lucimere Sanches de Carvalho</i>	49
Depoimento Sobre o Perfil Epidemiológico dos usuários atendidos em testagem para Hepatite C <i>Liliane Amazonas Camilo</i>	51
Aulas de Química no Pré Social <i>Icaro Andrade Daflon</i>	53
Da educação inclusiva aos percursos galgados no magistério <i>Felipe Fernandes Ribeiro</i>	56
Minha experiência na extensão com peixes ornamentais <i>Carolina Marinho Colchete</i>	59
Relato de experiência pré-vestibular <i>Caio Silva Lins</i>	62
Autoria e liberdade <i>Beatriz Batistela Silva Rodrigues</i>	64
Programas “Espaço Aberto para a Saúde” e “Ciência & Saúde” como forma de aprendizado mais detalhado sobre inúmeras doenças <i>Gabriel Gontijo Granja</i>	68
Educar sobre Direitos Humanos na UFF: Desafios e Potencialidades <i>Vitor Fraga da Cunha</i>	71
Ações que estimulam a aproximação <i>Thamires Ferreira Neves</i>	74
Encontros sobre o chão de terra: interrogando saberes, construindo práticas <i>Shanykka Queiroz Rojas</i>	76

Cuidados à Pessoa com Doença de Alzheimer e Outros Transtornos Demenciais - Blog Interativo <i>Rubens da Silva Thimóteo</i>	80
Memórias de um projeto de extensão <i>Lohany Corona Seabra</i>	82
Educação dos tutores sobre doenças que acometem seus “pets” nas quais o diagnóstico por imagem veterinário tem um papel fundamental <i>Larissa Vahia Malliagros</i>	85
Educação das Relações Étnico-Raciais em Jogo: Diálogos e Afetos <i>Julio Cesar da Silva</i>	88
Meu Relato Como Extensionista <i>Gabriela Alves Pereira</i>	91
Encontros educativos sobre os cuidados pós-natais do recém-nascido de baixo risco <i>Ingrid Lucchese</i>	93
A Ativação do Sensível na Atenção Psicossocial a partir da estratégia de Educação Permanente em Saúde <i>Giovana Cardoso Citeli Jordão</i>	96
Pré-Universitário Social da UFF Rio das Ostras <i>Ana Beatriz Rodrigues Ferreira</i>	99
Qual o caminho para garantir os direitos das mulheres? <i>Larissa Batista Franco</i>	102
Promoção da saúde mental com crianças no âmbito escolar: conversando sobre <i>bullying</i> <i>Giulia Lemos de Almeida</i>	105
Multiplicando a Cultura de Direitos Humanos <i>Thayná Rosário Lima da Silva</i>	108

Ambientalize <i>Vinícius Marques Chacon e Silva</i>	111
Transformação aplicada à ciência <i>Beatriz Fileme</i>	114
A construção de uma esperança <i>Mariáh Valentim Pessanha Rodrigues</i>	117
A Divulgação científica a partir do solo <i>Marcelo da Silva Regufe</i>	120
Relato de experiência <i>Marcos Felipe Pereira Valença</i>	123
Revisando a revisão: como ser um revisor <i>Maria Clara da Cunha Machado</i>	126
Odontologia e empatia <i>Milena Alves Crespo Azevedo</i>	129
Guia prático sobre vacinas no smartphone: o uso do QR Code como ferramenta digital de divulgação e auxílio a profissionais e alunos de Enfermagem <i>Pablo Fernandes Pinheiro</i>	132
O cuidado é uma equação equivalente <i>Paloma Gomes de Araujo</i>	134
Compartilhando sabedorias <i>Rafael Triaca</i>	137
Potências da Extensão Universitária e suas articulações com a sociedade <i>Raquel Trigo Pereira</i>	140
Uma experiência com jogos e softwares no ensino da matemática <i>Thais Dias de Oliveira</i>	143

As construções e contribuições <i>Thaís Santos Thurler e Silva</i>	146
Um breve relato da minha experiência no Projeto PICS UFF <i>Yasmin Aguiar Faria Lima</i>	150
Para Além dos Muros da Universidade <i>Luiza Silva Rezende</i>	152
Educação Patrimonial: Um Ensino Interdisciplinar de Geografia e Artes e Linguagens das Cidades de Campos e Cataguases <i>Matheus Mello Ferreira</i>	155
Arte, experiências de vida de adolescentes mulheres das classes subalternas: pesquisa-ação e assessoria <i>Thainá Barbosa Fernandes</i>	157
Anexo I: Currículo dos Avaliadores	160
Anexo II: Edital	162



Uma passagem no ninho do CRAS: entre surdos, mudos e invisíveis

Júlia Maroni Bastos Ribeiro

Em seu significado etimológico, a palavra extensão origina do latim, significando ação de espalhar; difusão. Ao pensar sobre minha experiência singular, posso dizer que esse projeto fez jus à origem da palavra, já que sinto que foi exatamente isso que nosso grupo fez: estendeu sua escuta por diferentes CRAS da cidade, espalhando atenção e cuidado para os trabalhadores. Por isso, comecei dizendo a primeira mudança que esse projeto me exigiu: o ato de estender-me. Para além dos muros da faculdade e das teorias do papel. Estender-me como pessoa e profissional para possibilitar estender os caminhos dos trabalhadores que contatei e apontar novas direções. Tenho que admitir: a extensão começou em mim.

Lembro que, em meu primeiro dia no Centro de Referência de Assistência Social, uma trabalhadora me disse assim: “aqui a gente escuta os gritos de socorro daqueles que não têm pra onde ir”. Usando essas palavras sintetizo nossa função inicial, a de ouvir os gritos de socorro daqueles que escutam os gritos de socorro da comunidade. Ali encontramos trabalhadores que estavam sedentos por melhores condições de trabalho, falando sobre suas questões, funções, decepções. Sobre o que eram antes de trabalhar e o que se tornaram depois. Sobre si próprios em seus trabalhos, e mais ainda, sobre seus trabalhos em si próprios.

E assim, aprendi mais uma grande lição que me acompanhará: a importância dos detalhes. A lâmpada que não acende, os horários que não são cumpridos, o café frio, o planejamento que não é organizado. Aprendi lá que nenhuma queixa é pequena porque não sabemos a dimensão que afeta aquele trabalhador. A rotina de trabalho é constituída por sutilezas, e essas são capazes de transformar

um todo.

Nos primeiros dias no CRAS, ofereci escuta a todos os trabalhadores que estavam disponíveis: assistentes sociais, faxineiras, motoristas. Nesse espaço, pude conhecer sobre aquele ambiente organizacional, desde as reuniões até as piadas que são feitas pra descontrair no café da tarde. Aprendi na prática que escutar não é só ouvir. É também olhar a lâmpada, analisar o planejamento semanal, sentir o gosto do café e o calor das salas sem ventilador. É vivenciar, por um tempo, a vivência de outro ser humano. É trabalhar no trabalho de outra pessoa.

Após a ambientação e seguindo as orientações da supervisora, comecei a aplicação de questionários sobre condições de trabalho nos eixos contratuais e jurídicos, físicos e materiais, e de processos e características do trabalho. A aplicação dos questionários foi o momento em que pude perguntar sobre as reais condições daqueles trabalhadores. O mais interessante é que, diante de perguntas simples, eles diziam “eu nunca tinha pensado nisso”. E é exatamente isso o que eu queria fazer: promover reflexões sobre as próprias condições que ali os atravessavam, para, assim, eles perceberem que aquelas sutilezas das quais eles tinham até vergonha de reclamar eram, na verdade, parte de um todo que constituía o ambiente em que eles passavam a maior parte de seu dia.

Lembro que, ao final da aplicação do questionário, um motorista me disse assim: “obrigado por se importar. Aqui ninguém se importa, ninguém me vê, somos surdos, mudos e invisíveis”. Sim, me importo. Importei-me com todas as reclamações que foram feitas, e com as queixas tão dolorosas que antes não eram ouvidas. Importei-me com a lâmpada, a ponto de ter vontade de juntar dinheiro para comprar uma nova, até entender que não era disso que se tratava o que estava ao meu alcance. Eu poderia levar luz de outro jeito. E assim continuo meu trabalho, analisando cada dado daquele questionário e pensando novas formas de reestruturar aquelas rotinas.

Apesar de todo o aprendizado em tão pouco tempo, preciso confessar que, a cada vez que me deparo com algum trabalhador clamando por melhores condições, eu ainda sinto dor. Um incômodo que me atravessa como ser humano e me faz pensar para além da academia. Pensar as condições do país, da cidade, da economia. E assim me deparo também com a minha função política como agente de transformação. Que futura psicóloga eu seria se só considerasse a dor daqueles que me pagam a hora de uma consulta?

A sociedade contemporânea clama por melhores condições. Por isso, ousou

dizer que aquela lâmpada faltando também afeta minha visão, e que eu também sinto aquele calor - o calor de trabalhadores gritando seus direitos que lhes são negados. O calor que nos move, como cidadãos, em busca de um mundo melhor. Agradeço aos trabalhadores do CRAS por acender esse calor em mim, e espero que ele me aqueça em toda a minha carreira.

Júlia Maroni Bastos Ribeiro é extensionista do Projeto Extensões no trabalho: Práticas em diferentes contextos - intervenções com servidores dos equipamentos de Assistência Social em Campos. Coordenadora: Prof.^a Anizaura Lídia Rodrigues de Souza.



Projeto Cinderela e seu poder de transformação

Thuani Barbatti de Azevedo

Extensão. Diferente de todo e qualquer outro tipo de programa estudantil. A extensão mexe com o nosso interior, desperta o que temos de melhor, nos ensina muito sobre o mundo, e principalmente, no meu caso, sobre empatia. Engana-se quem acha que a extensão é apenas mais um programa, e que quem participa como bolsista só está ali pela bolsa. A extensão muda as pessoas, a interação com a comunidade motiva e transforma. A extensão vai além dos artigos, dos muros da faculdade, e atinge o nível mais alto de humanização.

O Projeto Cinderela foi um presente dado a todos que participam dele. O nosso projeto tem o intuito de ajudar a resgatar a autoestima de mulheres que estão passando pelo tratamento do câncer, e juntamente a isso, promovemos também saúde bucal. Elas ganham um dia incrível, um dia de princesa. E nós? Nós ganhamos amor, carinho e sorrisos. Nós ouvimos histórias de vida, superação e participamos de uma troca de experiência singular.

Fazer parte desse projeto mudou a minha vida. Não sei se foi pelo fato de essa doença estar tão presente na minha família, por conta de os meus pais terem passado pelo tratamento contra o câncer, mas sei que fazer parte do projeto me transformou. Mostrou-me que nós não temos como escolher as batalhas que vamos enfrentar durante a nossa trajetória, mas nós podemos escolher COMO vamos enfrentá-las. Essas mulheres nos ensinam a lutar de frente, de cabeça erguida, de peito aberto! E aquelas que chegam mais desanimadas logo entendem o nosso propósito e se contagiam com a esperança e com a alegria.

Ser mulher nunca foi fácil. A mulher tem a mania de cuidar de tudo e de

todos a todo o tempo. E, nesse dia, um dia preparado inteiramente para elas, elas são cuidadas e acolhidas. A ideia era sermos as fadas-madrinhas, para transformá-las em princesas. Elas recebem um atendimento odontológico humanizado, no qual detectamos os principais problemas para encaminharmos para as clínicas da faculdade, fazemos a instrução de higiene oral e, se tiver alguma coisa que tenha que ser feita de caráter emergencial, nós fazemos. Depois, nossas princesas vão para a maquiagem profissional, oficina de lenços e massagem, depois para uma roda de conversa, fotografia profissional, e vão para a meditação, para aprenderem um pouco sobre respiração, e sobre mantras que podem mudar o seu dia-a-dia. Nós tentamos mostrá-las que a beleza está nelas, nós só damos um empurrãozinho para que elas notem.

No início, eu pensei: “nossa, vamos transformar o dia delas, vamos talvez mudar a vida delas, isso é incrível”. Depois da primeira ação, sabe o que aconteceu de verdade? Percebi que quem são transformados somos nós. Aprendemos, além do conhecimento técnico, a sermos mais humanos, a escutarmos, e a termos empatia. Nós nos transformamos em uma família... Tanto o grupo de voluntários quanto os de mulheres. A gente vibra junto com cada superação, rezamos juntos em cada cirurgia, e também choramos com cada perda. Perder uma delas é sempre muito difícil. Mas nós nos sentimos, de alguma maneira, gratos. Gratos por termos conhecido cada uma delas, gratos pelos ensinamentos, pelas trocas e por termos conseguido colocar, mesmo que seja por um dia, um sorriso no rosto delas.

Levo e trago paz, alegria, gratidão e amor em meu coração. É assim que supero meus limites, aprendo, cresço; não esquecendo que problemas existem, mas sim, enfrentando-os. Já havia participado de outros trabalhos voluntários na minha vida, mas nesse projeto eu consigo atingir o auge da satisfação como voluntária. Agradeço muito por poder ter participado desse projeto, e espero que outras pessoas, assim como eu, possam se sentir assim um dia: felizes e transformadas.

Thuani Barbatti de Azevedo é extensionista do Projeto Cinderela - Autoestima e Saúde Bucal para mulheres com Neoplasia. Coordenadora: Prof.^a Lucíola Rangel de Luca.



Educação e promoção de saúde para LGBTIs: os frutos da Extensão

Flávio Marques de Oliveira Filho

Era o segundo período do curso de Medicina. No Gragoatá, às quartas-feiras, havia aulas de bioestatística. Um aluno de medicina não espera lidar com análise de dados. No entanto, a disciplina era mais do que isso. Os dados eram sobre uma população de travestis e transexuais. Bom, um aluno LGBTI, com interesse em endocrinologia e na luta por direitos para populações vulneráveis, não poderia ter oportunidade melhor, na verdade, oportunidades. A professora parecia mais uma semeadora e, ao final da disciplina, perguntou quem tinha interesse em ser voluntário num seminário. Lançou semente e encontrou campo fértil.

Durante as férias, preparamos e divulgamos o “I Seminário da Saúde Coletiva sobre a inclusão do tema da saúde das pessoas transgênero e travestis na formação médica”. No dia 13 de março de 2018, do solo um broto saiu. No auditório Aloysio de Paula, na Faculdade de Medicina da UFF, 32 colaboradores, 15 palestrantes e mediadores e 90 ouvintes se reuniram para trabalhar um tema geralmente ignorado pela medicina. O movimento social, pessoas trans, médicos, alunos de medicina, pesquisadores e professores trabalhando a saúde, esta muitas vezes invisível. Assim, ainda que fosse um broto, já criava raízes fortes.

Regando o solo, em quatro meses, o broto criou caule e ramos. O grupo cresceu e, no dia 13 de julho de 2018, realizamos o “II Seminário SESCOTRANS: Atendimento médico e o uso de hormônios”. No mesmo auditório, recebemos um número semelhante de pessoas. Homens e mulheres trans ocupando seu lugar de fala, informando-se sobre o uso de hormônios, seus riscos e benefícios; residentes da endocrinologia tendo o seminário como atividade obrigatória da

residência; alunos de medicina aprimorando o conhecimento sobre algo muitas vezes ignorado. O caule já era tronco e, dos ramos, saíam botões.

Os botões desabrocharam. Em novembro de 2018, realizamos cine-debates. Um sobre o documentário “Monas - Nuances da saúde travesti e transexual no processo transexualizador”, mostrando as vivências e barreiras encontradas por pessoas trans na mudança corporal. Outro sobre o filme “Borboletas da Vida”, relatando a realidade de jovens trans e homossexuais que vivem na periferia e sofrem os efeitos da pobreza e da discriminação na vida e na saúde. As flores atraíram pássaros, abelhas e borboletas.

Polinizadas as flores foram. Da necessidade de pluralizar as ações e abranger toda a população LGBTI, criamos o projeto “Saúde das pessoas LGBTI sob a ótica da saúde coletiva: Atenção integral à saúde no Sistema Único de Saúde – PROSAIN”, com o objetivo de concentrar todas as nossas atividades, incluindo os seminários. Logo, as flores deram seus frutos.

Alguns frutos nós colhemos. Passamos a fazer produção científica e tivemos um resumo apresentado em julho na 10th International Conference on HIV Science, no México; nossa orientadora, junto a um grupo de trabalho, contribuiu para a abertura do Ambulatório Trans na Fundação Municipal de Saúde em Niterói, onde fazemos visitas técnicas e acompanhamos consultas com o endocrinologista.

Outros frutos oferecemos para os pássaros se alimentarem. Em março de 2019, realizamos a apresentação do ambulatório para a população em geral e para a Faculdade de Medicina. No mesmo mês, aconteceu o “III SESCOTRANS: Seminário da Saúde Coletiva sobre a inclusão do tema da saúde das pessoas transgênero e travestis na formação médica”, com o tema “Violação dos direitos humanos e violência: consequências para a saúde da população de pessoas transexuais”, que reuniu novamente palestrantes e ouvintes para tratar do tema, além de ter oferecido uma oficina de voz; nesta, um grupo de oito travestis e mulheres trans puderam, junto com uma fonoaudióloga e uma otorrinolaringologista, falar de suas inseguranças, discriminações vividas e dúvidas e serem informadas sobre como lidar com isso e como trabalharem sua voz de acordo com suas vontades.

Os demais frutos abrimos e semeamos as sementes. Em maio, oferecemos uma oficina de primeiros socorros, direcionada para as pessoas LGBTI, onde pudemos informar sobre saúde e demonstrar o socorro adequado, ainda mais

fundamental para pessoas que, muitas vezes, estão expostas a violências, não têm acesso ao atendimento ou o evitam pelos desrespeitos ainda praticados nas instituições de saúde.

Hoje, já vemos algumas dessas sementes proliferando. Organizamos uma roda de conversa sobre as dificuldades e violências em saúde sofridas pelas pessoas intersexo, que acontecerá no dia 6 de setembro. Bem como programamos o próximo SESCOTRANS, que acontecerá no dia 8 de novembro e falará sobre atualizações e prevenções em relação ao HIV/AIDS, extremamente importantes para essas pessoas, já que grande parte das novas infecções acomete a população LGBTI.

Dessa forma, minhas motivações no curso se fortaleceram; aprendi mais do que medicina. Aprendi a semear e fui semeado. Aprendi a enxergar, ouvir e compartilhar com o outro. Aprendi que o conhecimento guardado não prospera, e que o outro faz parte de mim.

Flávio Marques de Oliveira Filho é extensionista do Projeto Saúde das pessoas LGBTI sob a ótica da saúde coletiva: Atenção integral à saúde no Sistema Único de Saúde – PROSAIN. Coordenadora: Prof.^a Sandra Mara Silva Brignol.





Robótica educacional ensinando a viver

Matheus Pacheco Epifanio

No momento em que entrei na faculdade, eu estava um pouco inseguro de ter feito a escolha errada, pois eu estava mudando de cidade, estava saindo do conforto da casa dos meus pais para morar sozinho em um lugar totalmente novo, com pessoas totalmente novas e cursando algo que era um pouco nebuloso para mim no momento. Permaneci com essa insegurança por um ano. Eis que começa a ser divulgada uma palestra sobre robótica. Enxerguei nessa palestra uma oportunidade de me motivar a estar naquela faculdade, afinal, que jovem não tem um sonho de participar de uma batalha de robô?

Ao chegar na palestra, tomei um primeiro choque: encontro robôs Lego em vez de robôs com serras, facas e lança-chamas. Mas me despertou um espírito de curiosidade, então concentrei toda a minha atenção no que era apresentado. Foi então que eu ouvi uma expressão nova, que me gerou certa estranheza de início: Robótica Educacional. Aquele grupo de pessoas falava desse assunto com tamanha felicidade e com tamanho orgulho que me convenceu a dar uma chance a esse novo mundo.

O projeto era o seguinte: nós, alunos de ciência da computação, teríamos que ensinar conceitos de lógica de programação, utilizando ferramentas da robótica, para crianças e jovens dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas da cidade. Algo relativamente simples, se a gente ignorasse o fato de eu ser extremamente tímido, não saber interagir muito bem com crianças e não saber organizar meus pensamentos para ensinar alguém. Ou seja, foi um desafio bem grande.

A maneira como é entregue o conteúdo aos participantes é bem diferente do que eu estava acostumado. Não gostamos de ser chamados de professor, e sim, mentores ou tutores; não gostamos de chamar de aula, e sim, encontro; não gostamos de chamar de curso, e sim, projeto. Não existe a hierarquia básica de aluno e professor. A gente não é detentor de todo conhecimento. A gente auxilia as crianças para elas serem as autoras de novas soluções.

Com o passar do tempo, me dei conta de que eu já estava muito mais motivado para continuar na faculdade, eu estava menos tímido, estava conseguindo estruturar meu pensamento e ensinar de uma forma que todas as crianças conseguiram entender. Já tinha se tornado um prazer estar lá. Ver a felicidade de uma criança quando ela faz o robô andar pela primeira vez é algo indescritível. É sensacional ver que você está fazendo parte da construção de um conhecimento que, tanto no futuro quanto no presente, pode fazer a diferença na vida de cada uma daquelas crianças.

Porém, nem tudo são flores. O foco do projeto é levar esse conhecimento para dentro de cada escola, mas infelizmente, como esse modo de ensinar é bem diferente do que é utilizado há anos nas escolas, tanto os professores quanto os diretores mostraram certa resistência ao projeto, por isso não conseguimos nos instalar nas escolas. Mas não desistimos: recorremos à UFF, que nos acolheu de braços abertos, cedendo o espaço para fazermos nossos encontros. Por ser um projeto novo, começamos com poucos alunos, e fomos crescendo aos poucos.

O que definitivamente fez nosso projeto crescer tanto foram as competições em que participávamos, pois uma maneira de mostrar que nosso projeto estava dando certo era justamente o pódio nas competições. As competições são sempre muito focadas em um objetivo de relevância para a sociedade. Uma delas é a FLL (First Lego League), em que cada ano tem uma temática diferente, mas sempre com o objetivo de ajudar a sociedade; e, baseado nesse tema, os alunos devem desenvolver uma pesquisa contendo alguma solução para algum problema encontrado. Um dos valores dessas competições é incentivar a competição amigável, o trabalho em equipe e, acima de tudo, a diversão.

A situação que mais me marcou foi em uma competição na qual fomos participar em Brasília. Conseguimos o transporte pela UFF, estipulamos que levaríamos 20 horas de viagem, deixando uma margem de algumas horas para qualquer imprevisto. No dia de irmos para Brasília, choveu muito, e a cidade vizinha alagou, então nossa equipe ficou aguardando a enchente baixar para conseguirmos buscar todas as equipes que iriam no mesmo transporte que a

gente. Depois de muito tempo conseguimos pegar todos, e seguimos nossa viagem. Após muitas brincadeiras no ônibus e alguns imprevistos, chegamos em Brasília depois de 40 horas. Essa competição acontece durante dois dias, portanto, por causa do atraso, perdemos o primeiro dia de competição. A organização da competição nos chamou e explicou que a gente podia estar lá, mostrar nossa pesquisa, porém não íamos ser avaliados pois não estávamos presentes no primeiro dia, e perguntaram se íamos desistir ou apresentar nosso projeto, mesmo sem chance de ganhar prêmios. Foi um choque bem grande para todos os técnicos, mas optamos por decidir com nossas crianças. Chegando na equipe, explicamos a situação com lágrimas nos olhos, pois estávamos bem tristes por eles não poderem competir. Foi então que fomos surpreendidos pela reação deles. “Não estamos aqui para competir, viemos mostrar o que fizemos e nos divertir”, “a gente veio aprender, e não competir”, “vamos ficar para mostrar o que a gente fez, a gente não quer medalha”. E nesse momento nos demos conta de que nós não estamos aprendendo somente a lógica de programação: o projeto vai muito além disso, nós estamos aprendendo valores que eles vão levar para a vida.

O projeto me mudou muito como pessoa, me fez construir conhecimentos que eu não esperava ter, me fez desenvolver habilidades importantes. Mas, acima de tudo, esse projeto me deu oportunidade de ajudar pessoas, de capacitar jovens e crianças que podiam ter seguido por outro caminho se não fosse o projeto. E pretendo continuar fazendo isso por um bom tempo, pois é nele que encontro motivação para continuar. E sou imensamente grato a todos que fizeram parte da minha construção como pessoa.

Matheus Pacheco Epifanio é extensionista do Projeto Programação em robótica na integração de escolas municipais de ensino fundamental e médio com o curso de graduação de Ciência da Computação do Campus da UFF em Rio das Ostras. Coordenador: Prof. Carlos Bazílio Martins.



Tecendo Experiências: a Extensão Como Caminho

Millena Cristina Areas

*“Como sou pouco e sei pouco,
faço o pouco que me cabe me
dando por inteiro.”*

(Ariano Suassuna)

Conheço uma professora que costuma me convidar a pensar: do momento em que abri os olhos até a hora de me deitar, o que *fiz* com aquilo que sei? Curiosamente, esta mesma professora me levou a trilhar o caminho da extensão. E hoje percebo que justamente nesta indagação repousa a essência do trabalho do extensionista. A extensão nos convida a ir além das fronteiras da Universidade. Caminhar adiante às paredes que cercam o espaço no qual construímos conhecimento diariamente. Transformar ideias em atitudes, interferir no pedacinho de mundo que nos cerca, expandir. Extensão é, pois, intervenção e expansão. E me motiva a fazer algo com aquilo que sei.

Um episódio marcante em minha preambular trajetória como extensionista foi o “UFF nas Praças”, ação de divulgação dos projetos de extensão da UFF. Passei o dia conversando com transeuntes sobre a importância da formação cultural como forma de enfrentamento do preconceito, da exclusão e de todas as manifestações de violência. Falei sobre como arte e inclusão andam de mãos dadas. Ouvi histórias, relatos, memórias alegres e outras repletas de dor. Troquei, ensinei, aprendi, discordei, repensei. E, ao final do dia, apesar dos joelhos cansados e cordas vocais totalmente esgotadas, senti-me leve. Comecei a captar o espírito da extensão: a importância de democratizar o conhecimento produzido na Academia, de fazer ecoar nossos saberes, anseios, projetos. Vi-me imbuída

de um frio na barriga, uma disposição que, felizmente, me acompanha até hoje.

A ação extensionista à qual estou vinculada objetiva, a partir do diálogo entre a Faculdade de Educação e o Centro de Artes – UFF, contribuir na consolidação de práticas mediadoras inclusivas, com vistas a ampliar a experiência dos sujeitos envolvidos no projeto com a arte e desenvolver percepções que possibilitem a identificação e atenuação de potenciais situações de exclusão. A intenção é que tais mediações conversem com a temática das exposições artísticas em curso no Centro de Artes, trazendo o enfoque às questões que perpassam a inclusão. Até o momento, realizamos três mediações, nas quais recebemos professores e estudantes de escolas públicas e privadas – crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência. Público plural, do jeitinho que queremos ver. As mediações realizadas aconteceram ao longo da exposição “Brasil: a margem – Teko Porã”, do Festival Varilux de Cinema Francês e compondo a programação da Mostra FIFH – Cinema Sem Diferenças, respectivamente. Lançamos mão de recursos diversos, como contação de histórias, rodas de conversa, intervenções artísticas e murais interativos.

Ao longo das experiências vividas, percebo que nada é tão pedagógico quanto o percurso. Desde o início do projeto realizamos encontros semanais para construir as propostas, avaliar os recursos, compartilhar ideias, estabelecer contatos com as escolas. A princípio, confesso que morria de medo dos desafios. “Céus, vamos dar conta de receber tantas crianças? Teremos tempo para desenvolver essa proposta? Acabou o papel *kraft*, e agora? E se alguém não entender? Como adequar a linguagem à multiplicidade do público? E se não vier ninguém? E se chover?” e daí em diante, até onde uma imaginação ansiosa pode levar. No entanto, nunca me senti despreparada. Pois a educação inclusiva dispensa qualquer homogeneização. Não há público ideal, não há cenário que não configure um desafio. Lidar com pessoas é lidar com o que há de singular em cada um. Tudo é possível. E isso é maravilhoso! Hoje, olho para os desafios de forma mais diplomática. Percebo que avançamos entre uma mediação e outra, que estamos aprendendo a aproveitar o tempo, planejar de forma mais assertiva e incorporar o referencial teórico à nossa prática.

Há uma frase do filósofo Norberto Bobbio pela qual guardo grande apreço: “Que não triunfem os inertes.” Ela me alerta à importância de estar sempre em movimento, a despeito das mais nefastas condições de existência. É preciso seguir. Por isso tenho a sensação de estar no caminho certo – a extensão nos coloca em movimento. Minha expectativa é que continuemos aprendendo e agindo,

longe da inércia. E que tenhamos como horizonte sempre a inclusão, com todas as suas letras. No “i”, de *intervenção*, pois é o que buscamos fazer com o que sabemos. No “n”, de *necessidade*, já que precisamos olhar para cada uma com respeito. No “c”, de *coragem*, pois é preciso muita para agir contra os limites sociais. No “l”, de *leveza*, pois ela nos ajuda a manter por perto poesia. No “u”, de *união*, já que vamos mais longe quando somamos esforços e sonhos. No “s”, de *sinergia*, pois esta é consequência da união. No “a”, de *acolhimento*, pois esse é o primeiro movimento necessário. E no “o”, de *otimismo*, porque companhia melhor não há. Inclusão. E não é que inclusão rima com extensão?!

Millena Cristina Areas é extensionista do Projeto Formação Cultural e Educação Inclusiva: ampliando horizontes e diminuindo barreiras. Coordenadora: Prof.^a Erika Souza Leme.



Inspirando sonhos através da extensão universitária

Bárbara Macieira Ribeiro Macedo

Atualmente participo de dois projetos extensionistas. Um deles, o “Maria da Penha vai às escolas”, baseia-se na educação jurídica popular e foi desenvolvido na cidade de Macaé, interior do estado do Rio de Janeiro. As atividades executadas objetivam aflorar o debate quanto a um dos maiores problemas de saúde pública nacional, a violência doméstica contra a mulher.

Esta ação visa conscientizar meninos e meninas acerca dessa problemática. Partindo do ponto de que a extensão é uma construção permitida pela troca de saberes, a realização do projeto apoia-se na articulação dos conceitos e manifestações jurídicas do mundo acadêmico e legislativo com ideais jurídicos e sociais dos alunos de 8º e 9º ano das escolas municipais de Macaé.

Por meio de métodos dinâmicos, trabalhamos o protagonismo dos alunos que, após o debate, sentem-se aptos a ser agentes multiplicadores, levando a discussão para todos a sua volta. Salienta-se que, de março a agosto, mais de 1400 alunos tiveram contato com o projeto.

No momento, contamos com a participação de diversos parceiros formais, como a Secretaria Municipal de Educação, a Coordenadoria Geral de Políticas para as Mulheres e cerca de 13 voluntários, todos estudantes do curso de Direito da UFF-Macaé, que nos auxiliam nessa luta. Também não posso deixar de citar as parcerias informais, isto é, aquelas que, apesar de não formalizarem a parceria por meio da declaração interinstitucional, se mostraram presentes no decorrer do projeto, como os patrulheiros da Patrulha Maria da Penha e o Juizado Especial Adjunto Criminal na figura de duas técnicas, que compartilhavam com

todos suas experiências práticas sobre o tema.

Como forma de receber um retorno por parte dos alunos a respeito do debate, além de aprimorarmos as técnicas utilizadas e saber de fato como está aquele aluno, distribuimos ao final da discussão uma folha onde eles podem se expressar, tirar dúvidas e pedir ajuda. Com isso, recebemos inúmeras demonstrações de carinho e incontáveis relatos pedindo socorro; situações já esperadas como “meu pai bate na minha mãe, o que devo fazer?”, “meu padrasto tem ciúmes de mim, falei com minha mãe e nada aconteceu, o que devo fazer?” e “meu namorado me ameaça, não sei o que fazer”. Fatos que nos chocam e mostram que estamos no caminho certo.

Vale ressaltar que, ao fim do debate, divulgamos panfletos com números importantes, como o do Centro Especializado no Atendimento à Mulher e o telefone da Patrulha Maria da Penha, que vai imediatamente ao local após a ligação para acudir a vítima.

Com o auxílio da Secretaria Municipal de Educação, definimos com diretores e orientadores pedagógicos como poderíamos contar com o protagonismo dos alunos para compartilhar com os demais colegas as informações discutidas. Logo, formas como apresentações de danças, músicas, poemas e exposição de desenhos foram amplamente utilizados, tanto entre eles nas escolas quanto nos eventos realizados no polo universitário, destinados à exibição dos frutos desse projeto.

Para mim, a maior gratificação é saber que através de projetos como este estimulamos sonhos. Não são poucos alunos que me procuram depois da exposição para compartilhar sonhos como “tia, quero fazer Direito também, como fazer?”. Percebo, assim, que estou no caminho certo e colhendo resultados imediatos.

Sinto-me imensamente privilegiada por poder fazer parte desse projeto tão incrível, com essa equipe fantástica. Batalhamos muito para conseguirmos levar esse debate às escolas; convencer cada parceiro não foi simples. Sempre acreditei na facilidade de discutir temas como este, complexos, no meio acadêmico; mas meu furor jovial pulsa pelo desejo de mudar o mundo, e por que não mudar as coisas à minha volta? Posso não conseguir mudar o cenário político, econômico e social na escala global, mas posso compartilhar minha sede por mudanças com todos à minha volta. E, quando falamos de alunos de 8º e 9º ano, estamos falando da verdadeira transformação mundial.

Por fim, quero transmitir minha total gratidão à extensão universitária, que, lá em 2010, na Escola Municipal Lions I, situada em um bairro periférico da cidade de Campos dos Goytacazes, me mostrou que era possível sonhar em cursar uma faculdade pública. E, hoje, aqui estou eu: de sonho realizado, estimulando sonhadores, da forma que vivi.

Bárbara Macieira Ribeiro Macedo é extensionista do Projeto Maria da Penha vai às escolas. Coordenadora: Prof.^a Fernanda Andrade Almeida.



Cantando Vidas

Thalisson Serrath de Carvalho

A escolha pela UFF foi ao acaso, mas talvez tenha sido a melhor escolha que poderia ter feito. Aqui conheci o projeto do qual faço parte desde quando entrei na faculdade, o projeto que me acolheu e me fez entender a importância do meu curso, que muitas das vezes é deixado de lado ou sofre desdém da sociedade e de outros profissionais. A enfermagem na sua essência é a arte do cuidar. Mesmo com toda a cientificidade, é a única profissão que passa 24 horas por dia ao lado do paciente, desde o início da sua vida até o fim dela.

O “Boa Noite Bom Dia”, o qual chamamos carinhosamente de BNBD, é um projeto de extensão, e como tal, busca fazer uma conexão entre a academia e a sociedade que encontra-se fora dos limites físicos da universidade. O BNBD foi criado no ano de 2008 a partir de uma decisão de um estudante de medicina que não estava mais conseguindo se enxergar no curso, até mesmo cogitando largar a faculdade. Ele plantou uma semente que virou uma linda árvore e, ano passado, completou 10 anos de vida.

Atualmente fazemos visitas durante a semana no Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP): é o momento que os alunos têm para enxergar o hospital, e principalmente o paciente, com outros olhos, além do seu diagnóstico de saúde ou do seu quadro clínico. Quem é o paciente daquele leito? Ele tem nome? Ele gosta de conversar? Qual a sua preferência musical? Ele recebe visita de amigos ou familiares? Ele sente-se acolhido mesmo internado em um hospital? Essas perguntas são deixadas de lado durante o dia, durante o exame físico que os alunos fazem em cada paciente de uma forma robótica.

Após um dia extremamente cansativo de aulas, nos reunimos para mais uma visita: é o momento que os alunos têm para fazer uma socialização, uma vez que muitos não se encontram fora do projeto por causa da sobrecarga de aulas e outros afazeres da faculdade. Além disso, são escolhidas as fantasias, adereços, ensaiamos algumas músicas e decidimos qual enfermaria será a visitada naquele dia; visitamos desde a maternidade até o CTI.

Cada semana é em um local diferente; levamos o projeto em todas as enfermarias do hospital. Quando chegamos, o grupo se distribui e vai conversar com os pacientes para saber se gostam de música, qual o estilo, se querem ouvir algo, se apenas querem conversar, se querem ficar sozinhos e não ter contato com o grupo naquele dia. Todas as escolhas são feitas pelos pacientes e respeitadas pelos alunos.

Cada local tem sua característica: a enfermaria feminina tem um gosto por música religiosa, a masculina e a ortopedia têm um gosto um pouco mais eclético. Buscamos tocar e cantar de tudo o que o paciente escolher, independentemente do estilo musical ou de nossa afinação. É o momento em que o paciente se solta, muitos se emocionam, muitos fazem brincadeiras e esquecem que estão em um hospital, muitas das vezes sem receber visitas de pessoas que são importantes em suas vidas.

Já fomos convidados para churrascos, festas, para lanches, piqueniques e muitos outros eventos que os pacientes, no calor do momento e dos sentimentos, pretendem fazer para retribuir a nossa visita. Além disso, os acompanhantes e até mesmo a equipe do plantão muitas das vezes cantam algumas músicas com o grupo. O ambiente fica mais leve e o projeto consegue realizar o que o seu nome propõe, oferecer uma BOA NOITE para o paciente ter um BOM DIA na manhã seguinte. Cada visita é única e saímos revigorados, nem parece que estamos desde 7h ou 8h da manhã tendo aula, fazendo migração pendular, acordando de madrugada para cursar um ensino superior de qualidade e ter vivências únicas como as que o BNBD proporciona.

Não conseguiria terminar o depoimento sem citar o dia em que fizemos uma mudança visível na vida de um casal. Nesse dia tínhamos escolhido a emergência, mas fomos informados que uma paciente tinha acabado de falecer. No corredor vimos uma mulher aos prantos e o seu marido tentando consolá-la, tudo o que estava acontecendo fez sentido. Reunimo-nos para escolher um outro lugar para a visita, mas o grupo se aproximou do casal. Começamos a conversar e ficamos sabendo que a mãe da mulher que estava chorando havia falecido.

Conversamos um pouco mais e a moça parou de chorar, ela perguntou por que estávamos com roupas coloridas e com um violão, explicamos sobre o projeto e como funciona. Ela ficou encantada, e para o espanto de todos perguntou se poderíamos tocar uma música alegre. Tocamos várias músicas, ela começou a interagir mais e sorrir. No final, eles perguntaram se poderiam abraçar cada um de nós, e o seu marido disse que não esperava aquilo nem de pessoas próximas, quanto mais de desconhecidos, e continuou nos agradecendo.

O BNBD muda vidas, não somente as dos pacientes, acompanhantes, equipe de saúde ou dos alunos. O projeto planta a humanização desde os primeiros períodos da faculdade, e é algo que levamos para nossa carreira profissional.

Thalisson Serrath de Carvalho é extensionista do Projeto Boa Noite Bom Dia HUAP - uma proposta de humanização através da arte. Coordenadora: Prof.^a Lenita Barreto Lorena Claro.





Nos Olhares do Cuidado

João Paulo Chevrant Latinide Almeida

Participo de um projeto de extensão cuja coordenadora é a professora doutora Christiane Fernandes Ribeiro e meus colegas são Luiz Diniz e Magali Werneck.

Dizem que os olhos são a porta de entrada para a alma de cada ser humano. O olhar de uma pessoa, sobretudo da mais humilde e necessitada, pode traduzir a mais reveladora expressão do seu interior, suas fragilidades, modos de ver e sentir a vida, e a circunstância na qual se encontra, ou o mais singelo e sutil pedido por socorro.

Foi baseado nisso que nós, participantes desse projeto, procuramos aprender e nos doar para as crianças que atendemos; e tentamos, ao máximo, estender nossos braços muito mais do que os físicos são capazes de fazer.

Nossa missão acontece às sextas-feiras pela manhã na Creche Comunitária Instituto Dr. March. Chegamos cedo e já vamos logo nos dividindo, cada um recebe uma incumbência: um pesa e mede, outro realiza o teste do reflexo vermelho (TRV), e alguém anota os valores obtidos, bem como o resultado do TRV. E, claro, nossa professora sempre nos supervisionando, tirando dúvidas e conferindo nosso trabalho. O TRV visa identificar crianças que tenham algum problema visual que é causa de cegueira, como catarata congênita ou afecção mais séria como o retinoblastoma. Para fazer este teste, o examinador deve ficar de frente para a pessoa a ser examinada. A luz do aparelho é ligada e é nessa hora que toda a mágica acontece: a luz invade os olhos da criança e todo o cerne e alma desta resplandecem diretamente para mim.

Toda vez que faço o TRV, através de um oftalmoscópio, antes eu olho nos olhos de cada pessoa à minha frente, e geralmente essa “pessoinha” tem entre dois e seis anos. Cada um representa um pequeno gigante, que mesmo tão miúdo, indefeso, ingênuo e inocente tem suas batalhas diárias para enfrentar, obstáculos a serem vencidos que tão covardemente são impostos a eles e a nós, num lapso de momento quando estamos lá. Dificuldades estas que perpassam a violência urbana paramilitar do tráfico de drogas no bairro do Fonseca, em que várias vezes afazeres das nossas crianças são cancelados por conta da atividade deste poder paralelo ao Estado. Em alguns momentos, até mesmo nossas funções são prejudicadas ou impedidas por conta dessa dura realidade.

Outra grande barreira para nós é que, em uma parcela da nossa rede atendida, os familiares não são muito ativos e colaboradores, mas nossa coordenadora não se deixou ruir e teve uma brilhante ideia: passamos a oferecer palestras de breve duração sobre temas que pudessem ajudar os pais a se envolver mais com seus filhos e conosco, para prestar um pouco mais de atenção neles também. Por exemplo, abordamos temas como a construção da relação de amor entre os pais e seus filhos e como é importante demonstrar isso para as crianças, até mesmo para os bebês. Outro tema abordado foi sobre a importância de lavar as mãos, pois vivíamos um surto da doença mão-pé-boca e vários foram infectados. Outras conversas foram realizadas conforme víamos a necessidade, então aqueles temas mais importantes e recorrentes eram debatidos, sempre com intuito de promover a saúde, prevenir doenças, ajudar as pessoas e, principalmente, trazer os familiares para o nosso lado, junto de nós.

Com isso, conseguimos colher frutos, nossa rede de ajuda foi se disseminando, atingiu outros corações, a “gentileza foi gerando gentileza” e conseguimos montar um ambulatório de puericultura para atender regularmente as crianças da creche. Inclusive, este se tornou um espaço de aprendizado para outros estudantes da Universidade Federal Fluminense. Uma psicóloga se voluntariou para fazer terapia com os familiares das crianças e funcionários da instituição, e uma médica clínica também ficou encantada com as conquistas, avanços e benfeitorias que estávamos realizando, e agora ela atende também uma vez por semana os pais e funcionários.

Obviamente isso nos enche de orgulho, regenera nossas forças e nos dá mais gás para seguirmos de mãos dadas e tentarmos fazer o melhor que pudermos para estas pessoas, sobretudo da maneira que preconiza Carl Jung: “conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja

apenas outra alma humana.” E qual a nossa recompensa? Bem... Recebemos o melhor pagamento de todos: o lindo sorriso de uma criança junto com seu olhar cheio de esperança.

João Paulo Chevrand Latinide Almeida é extensionista do Projeto Saúde Materno-Infantil na atenção básica: assistência e capacitação. Coordenadora: Prof.^a Christiane Fernandes Ribeiro.



ONRJ: mais que uma extensão, uma realização

Rodrigo Colaço das Neves

Antes de ingressar na universidade, eu desconhecia o que a sustentava. Sobre tudo desconhecia o papel fundamental que a universidade possui para com a população. Minha visão foi transformada quando comecei a participar de projetos de extensão, e assim percebi o dever que possuímos em levar conhecimento às pessoas de fora da universidade. Essa questão se torna ainda mais essencial quando vivemos em um contexto de perseguições ao conhecimento, em que precisamos informar à população o que fazemos dentro desses muros e por que devemos proteger esse patrimônio que é a UFF.

Falando mais especificamente do meu projeto de extensão, do qual participo há mais de um ano, sou muito grato a ele por ter me realizado como universitário, pois a todo momento estou envolvido com atividades e pessoas que gosto muito, e isso, de certa forma, traz uma leveza aos momentos corridos que naturalmente ocorrem nos períodos. Envolver-se com uma Olimpíada científica e do conhecimento, reconhecida internacionalmente, é imensamente gratificante, ainda mais quando posso receber estudantes de ensino médio dentro de uma instituição que também é deles por direito. É impossível não enxergar neles futuros colegas de classe ou de laboratório, e participar dessa instigação do conhecimento científico é extremamente satisfatório.

Além da Olimpíada de Neurociências do Rio de Janeiro (ONRJ), a extensão da qual participo também organiza e realiza o Curso Preparatório para a ONRJ, que particularmente é a minha ação favorita. O curso preparatório, além de ser uma ótima oportunidade de construir conhecimentos, é mais uma forma de reafirmar o significado de uma extensão. Recebemos alunos de ensino mé-

dio dentro da nossa universidade para que eles tenham aulas com professores e alunos de pós-graduação da UFF, visitas a laboratórios, além de explorar, com eles, diversas metodologias de ensino. Estamos a todo momento, mais uma vez, dizendo a esses alunos que eles devem ocupar esse lugar na universidade, que a instituição é deles por direito.

Toda essa interação entre população, pós-graduação e conhecimento científico me faz ter esperanças para o futuro, pois é exatamente disso que estamos necessitando no momento. Não dá pra mensurar a minha gratidão ao ver as carinhas de surpresa, espanto, animação e alegria quando os alunos aprendem algo inédito a que eles não teriam acesso nas escolas. Jamais irei me esquecer de quando uma aluna de instituição pública, em um dos laboratórios, viu pela primeira vez uma célula. Foi uma alegria que contagiou a todos, especialmente a mim, que naquele momento me senti parte de algo muito maior.

A ONRJ, além de proporcionar momentos de conhecimento e descontração aos alunos, me presenteou com alegrias e saberes indispensáveis para minha formação como biólogo e como ser humano. Acredito que, de todos os momentos da minha graduação, a extensão vai ser pra sempre o meu favorito. Serei eternamente grato a todos que estiveram comigo nesse caminho e estarei sempre disposto a cumprir esse papel social que a extensão possui e representa.

Rodrigo Colaço das Neves é extensionista do Projeto ONRJ: uma estratégia para aproximar o ensino médio da universidade. Coordenadora: Prof.^a Adriana da Cunha Faria Melibeu.



Reproduzir, replantar e reeducar

Jéssica Raposa Rocha

O projeto de reflorestamento do Morro Boa Vista surgiu como uma ideia tímida, sem saber ao certo até onde poderíamos chegar, o que iríamos aprender ou quantas pessoas iríamos atingir.

Quando começamos o trabalho, uma parceria entre o Programa de Educação Tutorial de Engenharia Agrícola e Ambiental e a Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (CLIN), sabíamos do mundo de possibilidades que o projeto estava nos proporcionando, tanto no meio acadêmico quanto no meio socioambiental.

O objetivo foi estabelecer uma troca de conhecimento com os funcionários da CLIN de uma forma que aprendêssemos, na prática, a reproduzir o que vemos, em teoria, em sala de aula; e pudêssemos entender, na sua total extensão, a importância desse trabalho de recuperação de nossas áreas degradadas.

A minha participação no projeto proporcionou a construção e o aprimoramento de habilidades como: trabalho em equipe, foco, organização, comprometimento e capacidade de resolver problemas em situações inesperadas. Isso porque, como os encontros para trabalho em campo foram realizados aos sábados e, esporadicamente, durante a semana, isso exigiu uma dedicação a mais de todos os participantes. Além disso, o desenvolvimento do projeto se fundamentou em pesquisa das ferramentas teóricas que tornariam possível a implantação das etapas do reflorestamento. Isso foi realizado por meio da criação de um banco de referências bibliográficas que deram suporte para as escolhas técnicas de recuperação ambiental. Ademais, todas as etapas de campo foram documentadas

em relatórios, fotos e vídeos para posterior produção de artigos e divulgação do projeto, incluso em sites do parceiro como a Prefeitura de Niterói.

A parceria com a CLIN tornou possível a materialização desse projeto, já que todas as ferramentas necessárias, mudas de espécies nativas e auxílio de pessoal foram disponibilizados pela companhia. Ainda que muito do que foi feito tenha sido realizado com materiais reciclados e muito da criatividade dos participantes e funcionários da companhia, o material base foi mesmo o comprometimento da equipe, que mesmo em situações difíceis permaneceu firme na continuidade do projeto.

O maior desafio dessa jornada foi – e tem sido – envolver a comunidade no projeto para que, de maneira eficiente, surja a conscientização da importância do reflorestamento das áreas degradadas que estão no entorno, e mesmo dentro, desta comunidade. A nossa ideia sempre partiu do princípio de que a educação de crianças é o componente essencial na formação de adultos com pensamento crítico e conscientes. Com isso, nossas ações de conscientização ambiental basearam-se em estratégias que atingissem as crianças e despertassem nelas a curiosidade e o questionamento sobre o que seria e qual é a importância da preservação de uma área que pertence, também, a elas.

Para isso, optamos por implementar essa abordagem em um colégio estadual próximo ao local do projeto, onde sabíamos que atingiríamos jovens que morassem, conhecessem e frequentassem o Morro Boa Vista. O processo se iniciou com um encontro com os alunos no colégio, onde foi apresentado e discutido, com uma abordagem mais dinâmica, o trabalho que estava sendo realizado. A partir de uma apresentação, um conhecer-se em sala de aula, com o objetivo de ganhar a atenção e despertar a curiosidade das crianças, no mesmo dia foi feito o plantio de mudas frutíferas e de caráter paisagístico no colégio, com a participação direta dos próprios alunos, e a doação de outras mudas para que eles pudessem plantar em casa e, assim, disseminar o que aprenderam para os seus familiares (fortalecendo o pertencimento e o vínculo com o “verde”).

A segunda ação com as crianças foi levá-las até o local de reflorestamento para que elas próprias realizassem o primeiro dia de plantio, uma das etapas finais de implementação do reflorestamento. Muito em função do ineditismo da ação, foi natural uma certa resistência dos próprios responsáveis pelo colégio e professores. Aliada à conturbada atmosfera de violência na comunidade (que aos alunos é natural), teve-se uma adesão menor do que a esperada entre os alunos. Mesmo assim, pôde-se notar um interesse muito grande das crianças que

compareceram e realizaram o plantio, tornando-o muito gratificante e sendo considerado, por todos os participantes, um dia de grande sucesso do projeto.

Atualmente, o nosso objetivo continua sendo trabalhar com crianças para que possamos aproximá-las e despertar nelas o interesse pelas questões ambientais, aproximando-as das áreas degradadas como um espaço que pode ser delas, que faz parte da realidade delas e de seus familiares.

Enfim, a concretização e a multiplicação desse projeto em outras áreas de Niterói me trazem uma sensação de dever cumprido, me trazem uma convicção de que estamos no caminho certo e que muito ainda pode ser realizado; entretanto, nós demos apenas os primeiros passos para realmente fazer a diferença, muda por muda, árvore por árvore, criança por criança.

Jéssica Raposa Rocha é extensionista do Projeto Reflorestamento no Morro Boa Vista.
Coordenador: Prof. Marcos Alexandre Teixeira.



A construção do saber no processo da informação para prevenção sobre a Síndrome do Alcoolismo Fetal

Mariany Lima Barreto de Oliveira

A atuação no projeto de extensão “Síndrome do Alcoolismo Fetal: Informação para prevenção” é uma experiência enriquecedora para mim tanto como futura profissional da área da saúde quanto como indivíduo pertencente a uma sociedade marcada pelo consumo de álcool. Percebemos que essa informação é pouco divulgada, e o nosso propósito, mais do que apenas informar, é prevenir que bebês tenham algum grau de comprometimento morfológico ou fisiológico devido ao consumo de álcool pela gestante. Saliento que a Síndrome do Alcoolismo Fetal (SAF) é totalmente evitável pela abstinência do álcool durante a gestação. É complicado modificar um hábito de uma pessoa, principalmente quando se fala de uma droga lícita, muito popularizada, incentivada e de fácil acesso, em que os riscos estão disfarçados em uma fala de consumo social e, muitas vezes, como estereótipo de pessoas socialmente bem-sucedidas.

Nosso grupo teve contato com gestantes, alunos do ensino médio, de graduação e pessoas da comunidade em geral, como o que ocorreu no “UFF nas Praças”. Durante nossas ações, percebemos que algumas pessoas desconheciam totalmente os reais efeitos do álcool na gestação e ficavam surpresas quando informadas que não existe dose considerada segura para o bebê. Para mim, o público mais difícil de conseguir a atenção foram os alunos do ensino médio. A cada nova experiência com esse grupo, tentávamos mudar a forma de abordagem sobre o assunto para que realmente fosse atrativo para eles. Estamos atuando ativamente dentro da universidade: participamos do Acolhimento Estudantil

e estamos em contato direto com os alunos ingressantes no curso de Enfermagem que são estimulados a participar, como voluntários, em nosso projeto e nosso grupo de estudo. Acreditamos que esta seja também uma maneira de divulgar a importância da extensão universitária entre os acadêmicos da UFF.

Uma das estratégias utilizadas para maior divulgação das informações foi a tecnologia digital. Produzimos um vídeo explicativo didático, atrativo e de curta duração, que foi difundido através de mídias sociais, e desenvolvemos um site com informações básicas e aprofundadas sobre a SAF, na tentativa de atingir tanto o público leigo quanto os interessados em informações científicas. Nossa expectativa é aumentar significativamente o alcance das nossas informações e ações.

Essa experiência está sendo de extrema importância para a minha futura profissão como enfermeira, que é o profissional que está intimamente ligado ao pré-natal e quem tem a obrigação de rastrear e intervir a respeito do consumo de álcool durante a gestação. Se esse profissional não tem conhecimento sobre a síndrome ou não dá importância a perguntas cruciais durante a anamnese, ele não identifica precocemente esse consumo e suas consequências, e não alerta essas gestantes. Em relação à minha atuação acadêmica e profissional, esse projeto proporciona uma melhora na qualidade da minha assistência, além de estimular o senso crítico e a tomada de decisão. Porém, o principal é que nossas ações no projeto podem ter mudado a vida de uma criança completamente, o que é recompensador. Isso me faz me dedicar a esse projeto inteiramente e buscar a cada dia mais conhecimento. O projeto de extensão é essencial como atuação da universidade, uma vez que nos permite não só levar o conhecimento acadêmico para a população como também aprender junto a ela na construção do saber.

Mariany Lima Barreto de Oliveira é extensionista do Projeto Síndrome do Alcoolismo Fetal: Informação para a prevenção. Coordenadora: Prof.^a Ana Luiza Bastos.



Sex *Treponema pallidum*
Causado sífilis

PRESENCIA DO MACILHÃO DE J. K. FERREIRA
Guangzhou City



Melhor Idade na Universidade

Luyara Rosa da Silva

Sou bolsista do projeto Melhor Idade na Universidade, conforme fui conhecendo melhor o projeto fui vendo que é muito importante para a comunidade e me acrescentou bastante como pessoa, também. Inserir a terceira idade na universidade ajuda a comunidade de forma a proporcionar atividades no campus e interagir com ela. Um exemplo muito pertinente são as aulas de origami que são ministradas nas segundas feiras, um passatempo e um meio de relaxar fazendo trabalhos manuais, o mais importante é que exercita a memória.

Aprendi muito com as vivências do grupo e posso dizer certamente que isso me acrescentou de forma positiva como pessoa. Aprendi também a fazer alguns origamis, o que eu acho fantástico porque adoro trabalhos manuais, pois é um meio de distração e relaxamento. Esse projeto é fundamental para a comunidade. Eu penso que muitos ali parecem ser solitários a maior parte do tempo e ter esses encontros na semana é importante para eles, pois proporciona uma interação com as pessoas e oportunidade de fazer amizades, e além de tudo aprender coisas novas.

Outro ponto a ser pontuado são os encontros nas quintas feiras onde o grupo tem aula de percussão, o que eu acho essencial pois ajuda na coordenação motora, acalma e melhora a concentração. Essa aula eu vejo como algo muito bom para a comunidade, mesmo arriscando um pouco com o instrumento eu vejo que não tenho talento para tocar nada e prefiro as aulas de origami, mas a turma gosta muito das aulas de percussão. É uma forma de expressar suas emoções e melhorar a saúde física e mental.

Pra mim foi muito significativo trabalhar neste projeto, pois aprendi muito com ele nunca tinha visto uma aula de origami e de percussão. Além de ser super gratificante, é um ponto da minha semana que eu uso como ponto de escape do estresse do semestre. As aulas de segunda acho que já deixei bem claro que são minhas favoritas, os origamis são lindos e dinâmicos. O grupo fez um origami de pendurar, cada aluno fez o seu com sua personalidade e o resultado final foi incrível, pois cada um saiu diferente do outro, mas todos lindos. Colocamos em exposição no hall do campus de Rio das Ostras, ficou lindo e chamou a atenção de todos, pois muitos paravam para olhar de perto e ver aquela obra de arte.

Todos do grupo evitam faltar às aulas, só faltam em caso de enfermidades ou problemas em casa, e sempre que algum aluno falta mandamos mensagens para saber o motivo da evasão, temos um vínculo incrível nesse projeto. Além de tudo é um projeto gratuito oferecido pela UFF, o que mostra à sociedade que as universidades públicas devem ser defendidas e valorizadas, pois tem um valor significativo para a comunidade ao seu entorno.

Em suma, quero agradecer a coordenadora Sandra Chaves do Amaral por fazer acontecer e proporcionar essa experiência incrível para essas pessoas, na nossa comunidade não tem aulas gratuitas a não ser essas proporcionadas pela universidade. O que eu vivi e aprendi nesse projeto acrescentou de forma positiva no meu caráter. Esse projeto deve se expandir ainda mais e inserir mais a terceira idade na universidade.

Luyara Rosa da Silva é extensionista do Projeto Melhor Idade na Universidade. Coordenadora: Prof.ª Sandra Maria do Amaral Chaves.



Vivenciando no projeto: Ciclo de Estudo em Etnomatemática

Lucimere Sanches de Carvalho

Iniciei vivenciando o projeto: Ciclo de Estudo em Etnomatemática, no ano passado. Eu não era bolsista, mas minha vivência com esse evento, eu pude perceber como é satisfatório estar com um evento dentro de uma escola, podendo levar aos alunos, novas experiências e participar com eles de coisas novas, levando conhecimentos sobre a Etnomatemática.

Ano passado, o professor João Bosco, eu e mais dois colegas, Beatriz e Mathheus, participamos da feira de ciências da escola Sarah. O diretor dessa escola pediu para que pudéssemos expor nossos jogos. Então colocamos para a exposição jogos milenares, cada um de uma origem diferente. Observamos que os alunos interagiram e eles desenvolveram estratégias para vencer o colega, e não só os alunos, mas os próprios professores interagiram e quiseram participar jogando. Nessa exposição colocamos também uns filmes em desenho animados, onde observamos atenção que eles assistiram e, ao término do filme, os alunos pediram que pudéssemos colocar mais filmes, pois gostaram e fizeram comentários do filme que assistiram e queriam assistir mais. Todos os filmes que colocamos para os alunos assistir falavam sobre a importância de estudar e era associado com matemática, então foi um momento prazeroso tanto para nós do evento quanto para os alunos e professores, pois envolvemos matérias, mas na forma de uma atividade lúdica.

Após a exposição, novamente o professor João Bosco e a aluna Beatriz fizeram um concurso de Mancala, um jogo milenar, onde o aluno precisa desenvolver uma estratégia e envolve o conteúdo sobre contagem. Eu estava presente no concurso para ajudar a aluna Beatriz, pois era um evento dela juntamente

com o professor João Bosco. Observei nesse concurso como os alunos da escola Sarah interagiram, eles nos relataram que estavam em casa treinando para esse concurso.

Esse ano sou bolsista, e desde o início do ano, já estamos trabalhando no evento, com a iniciativa de trazer mais atividades que possamos interagir com os alunos. Também estamos programando levar os alunos até a universidade para que os mesmos possam interagir com o nosso ambiente, onde nós estudamos. Mostrar a universidade e tudo dentro dela para os alunos. O evento não se reduz apenas a jogos, mas também possui outros conteúdos da matemática acadêmica, tais como o baricentro e a parábola.

Um dos objetivos do evento: Ciclo de Estudos em Etnomatemática é preservar a cultura do aluno e fazer que os alunos interajam com os eventos, que possam começar a observar a importância e a presença da matemática no cotidiano. Ensinar através de jogos é uma atividade lúdica que desenvolve o aprendizado em sala de aula, o ponto é educar e ensinar de forma divertida e fazendo com que o aluno possa entender os conteúdos matemáticos de forma simples e objetiva. Para manter o projeto, passamos por dificuldades, por falta de recursos, mas conseguimos no ano passado fazer a exposição, pois tivemos doações para construir os jogos na madeira e voluntários.

A experiência que estou vivendo nesse evento vem trazendo novas visões, faz com que eu possa, como uma futura professora, entender e criar eventos novos para meus futuros alunos, fazendo com que eles possam interagir e consigam desenvolver sua criatividade. Então levar os alunos a campo, para poder ter novas experiências e levar também o uso de jogos, faz com que desperte o interesse dos alunos nos conteúdos, pois eles irão perceber através dos jogos, do cotidiano, a presença desses conteúdos. Vejo a importância de levar eventos para os alunos, pois pude vivenciar o interesse e empolgação deles, já que além da diversão, adquirem conhecimentos e aprendizados, pois com um jogo, feito com materiais simples, vários conteúdos matemáticos que eu, como futura professora, posso abordar com meus futuros alunos.

Penso que ensinar utilizando jogos é uma forma de desenvolver a criatividade, fazendo com que os alunos possam interagir com o conteúdo que está sendo abordado através dos jogos e a interação com os colegas em sala de aula.



Depoimento Sobre o Perfil Epidemiológico dos usuários atendidos em testagem para Hepatite C

Liliane Amazonas Camilo

A hepatite C compreende um agravo que afeta mais de 71 milhões de pessoas em todo o mundo e estima-se que 350.000 pessoas morrem decorrente dessa infecção, por ano no mundo, nessa vertente, constituem um importante problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo realizar o acolhimento, a testagem e o aconselhamento em Hepatite C, orientando e sensibilizando a população do município de Rio das Ostras para a importância da prevenção da hepatite C. O projeto foi desenvolvido em duas etapas: 1ª. etapa: Treinamento dos graduandos de enfermagem para a realização do teste de triagem para a Hepatite C. 2ª. etapa: Campanha contra a Hepatite C: Foi realizada para a comunidade do município de Rio das Ostras.

Diante dos resultados, foram realizados 180 (100%) testagens para Hepatite C, detectou-se apenas 1 (0,6%) indivíduo positivo, do sexo masculino, residente no município de Rio das Ostras, que fez o teste pela primeira vez. A partir da análise dos dados, pode-se concluir que a maioria dos indivíduos desconhece seu diagnóstico, o que é de fundamental para a transmissão da doença. Portanto, é de suma importância a realização de campanhas e testagem de hepatite como este, com o objetivo de conhecer o perfil epidemiológico dos indivíduos acometidos por essa infecção e desenvolver ações para a sensibilização e orientação da população quanto à prevenção desse agravo.

Diante do presente projeto, eu Liliane Amazonas Camilo, como bolsista de extensão do projeto “Acolhimento e aconselhamento em hepatite C” desempe-

nei as atividades com êxito, participando e atuando nas seguintes ações: Participação em reuniões com a equipe de execução para discussão das atividades do projeto e articulação com o calendário do município; Organização de materiais e fichas de atendimento para a realização das campanhas; Confeção de impresso para a coleta de dados da população atendida; Divulgação da campanha de hepatite C; Criação de folders, banners e material explicativo para o projeto; Participação efetiva nas campanhas por meio da testagem, acolhimento e aconselhamento em hepatite C; Digitação das fichas de atendimento e análise dos dados; Elaboração de relatórios e resumos; Elaboração de artigo científico. A participação nessas atividades permitiu-me adquirir e compartilhar experiências e saberes, tanto o saber popular, quanto o técnico-científico, me permitiu também, compreender como se desenvolve o processo de pesquisa, participando do mesmo.

A experiência como bolsista de extensão está contribuindo para minha formação acadêmica com um saber em saúde ampliado, proporcionado por novas experiências e vivências, me tornando uma futura profissional de enfermagem mais consciente. A oportunidade oferecida me possibilitou um maior conhecimento no que se refere ao acolhimento e aconselhamento em hepatite C, cuja, o assunto é de suma importância para a população. Este projeto está me ajudando a construir uma consciência articulada com a prática, que para Paulo Freire, é desafiadora e transformadora, onde são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência. Diante disso, ressalto que, mediante a este projeto, estou ampliando e embasando o conhecer e saber em saúde para minha futura vida profissional.

Liliane Amazonas Camilo é extensionista do Projeto Acolhimento e Aconselhamento em Hepatite C. Coordenadora: Prof.ª Fernanda Maria Vieira Pereira.



Aulas de Química no Pré Social

Icaro Andrade Daflon

Não tive muitas dificuldades para lecionar a matéria de química, ela sempre foi uma matéria que eu tive facilidade durante meu ensino médio e era também uma opção de curso superior por minha parte. Durante as aulas pude perceber certa dificuldade dos alunos com a matéria em si, alguns por não acharem interessante, ou apenas dificuldades principalmente na parte de química inorgânica nos cálculos matemáticos que ela exige.

Venho percebido uma certa resistência da forma de pensar dos alunos em que eles são ensinados a pensar em formas de decorar e memorizar a matéria e não de entendê-la. Há uma falta de pensamento crítico e lógico, fora da comodidade de apenas decorar a matéria para que haja um entendimento e aplicação melhores dos conhecimentos das áreas da área de exatas.

Uma das dificuldades na hora de lecionar também é a falta de participação dos alunos em resolução de exercícios e a falta de proatividade na hora de tirar dúvidas e ter um esclarecimento melhor sobre a matéria explicada, sempre tento passar a matéria toda em escrito para que eles possam ter algo para consultar em momentos de dúvidas, porém sinto que não é suficiente já que uma explicação oral, mais descontraída e exemplificada de forma mais informal e próxima possui um maior efeito em termos de entendimento e aprendizado dos alunos.

Algo que atrapalha um pouco é também certa evasão de alguns alunos em relação as aulas de química, pois muitos ao perceberem que possuem dificuldade com a matéria acabam desistindo de aprendê-la, ao invés de tentar uma aproximação diferente ou métodos diferentes de aprendizado. Eu por exemplo tento

sempre manter uma aproximação com os alunos, enquanto passo a matéria no quadro, converso com eles sobre situações cotidianas, aconselho eles e também brinco e causo descontração, esta é uma ótima forma de criar um vínculo com os alunos e também disponibilizo meu contato para caso tenham dúvidas fora da aula eu possa auxiliá-los da mesma forma. Com isso, alguns alunos já vieram me consultar muitas vezes com uma parte da química que eles estão aprendendo em suas respectivas escolas e que ainda não cheguei a lecionar, e é gratificante quando, após explicar, eles posteriormente vêm me agradecer ou até mesmo mostrar suas boas notas adquiridas após minha explicação.

Em questão de realizações, é extremamente gratificante saber que alunos têm passado nos vestibulares os quais querem concorrer, tive notícias de alunos que passaram no CEDERJ, que passaram também na primeira fase da prova para a UERJ e que estão animados e confiantes para fazer o ENEM. Sinto que é um projeto muito benéfico para sociedade, já que ele proporciona para pessoas carentes a oportunidade de ter mais chances de entrar em uma universidade e mudar o aspecto econômico de sua família.

Icaro Andrade Daflon é extensionista do Projeto Pré Universitário da UFF Rio das Ostras.
Coordenadora: Prof.^a Sandra Maria do Amaral Chaves.





Da educação inclusiva aos percursos galgados no magistério

Felipe Fernandes Ribeiro

Pensando na educação inclusiva, gratuita, pública e de qualidade, a Universidade Federal Fluminense promoveu diversas ações acadêmicas que abarcaram, acima de tudo, a atitude solidária, o respeito pelo próximo, o encontro com as diferenças e a partilha do conhecimento. Nesse sentido, as atenções dadas neste breve depoimento às experiências como extensionista são formas de valorizar os caminhos percorridos por mim enquanto estudante, educador e sujeito histórico imerso nas dualidades de um tempo em constante movimento.

Impulsionadas pelas atividades de extensão do Observatório de Educação (OEDU), em parceria com a comunidade e a UFF, as práticas despertaram diálogos que contribuíram efetivamente para minha formação, acrescentando à memória significados amplos a partir do contato com as crianças e os adolescentes. Vemos, portanto, que a busca por uma universidade democrática começa, antes que nada, por intermédio de pequenas ações. Das reuniões coletivas à sabedoria de ouvir com acuidade, o pensamento voltado para o outro parece se nutrir de uma construção diária que se distancia do autoritarismo e segue na contramão da superficialidade.

No entanto, a impossibilidade que surge de cara nestas representações tão frágeis, porém humanas: é a de transpor vivência sem letras/palavras, ainda que o traquejo com a linguagem seja sempre de descoberta e emancipação. Sendo assim, ao versar sobre os passos galgados por mim no âmbito da educação e do magistério, deixo-me tocar por um arroubo poético a fim de reconheceras pedras no meio do caminho, mas, ao mesmo tempo, expor alguns momentos que repercutiram em minha formação acadêmica, profissional e cidadã.

Dentro dos espaços escolares e na agitação das ruas, vale destacar dois episódios relevantes que impactaram de maneira incisiva na realidade de várias pessoas, inclusive na minha: as dinâmicas articuladas dentro do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni) e a participação maciça de alunos, de bolsistas, de professores e da população no UFF nas praças/OEDU, que foi além dos muros da escola para alcançar a esfera pública.

Posto isso, ao refletir acerca do contexto atual, propomos dinâmicas no Coluniquê que trataram da temática do *Bullying* em seus múltiplos vieses. O intuito foi o de organizar debates que pudessem ser esclarecedores e didáticos, não se limitando, porém, apenas ao que estava proposto. Destas práticas, o entendimento do sistema educacional, bem como da sala de aula se somaram ao calor humano. Inevitavelmente, imaginar os sujeitos participantes da interação inseridos na sociedade resvalou também no cuidado com as questões afetivas, emocionais, psicológicas do alunado no contexto da família e da escola.

Por esse ângulo, o interesse das pessoas com relação a este trabalho esteve na troca de ideias sobre bullying, preconceito, desrespeito, intolerância, comportamento agressivo, apoio especializado, reprovação e educação inclusiva. Assim, trabalhamos juntos em prol do desenvolvimento dessas propostas levando em consideração os conceitos de educação, violência, inclusão e direitos humanos. Ainda sobre esse movimento de ruptura dos modelos estabelecidos, os olhares sensíveis e apurado sem torno de situações tão delicadas abriram as portas para muitas leituras, pesquisas e palestras, mostrando-nos a atualidade e a pertinência do estudo levantado.

Outro momento exitoso foi o “UFF nas praças”, com o projeto “Bullying não é brincadeira”, que atraiu grande público, rendendo escritas acerca do tema e discussões/imersões proveitosas que ensejaram a esperança de um Brasil mais justo e igual para todos. Diante de tais urgências, ficou patente que, apesar das apreensões iniciais na abordagem de um conteúdo tão dolorido, o grupo de extensão – ao disponibilizar informações importantes – acabou por lançar uma fagulha no entendimento sobre o bullying, aproximando-se enquanto sujeito/sociedade das diferentes vozes sociais.

Ao abraçar essas memórias, percebemos que foram muitos os impactos transformadores na vida individual e coletiva, tendo em vista que trazer para perto da escola e da população leiga dados dessa natureza sejam pontes que possibilitam o encontro e derrubam as fronteiras, incidindo de modo positivo no cotidiano dos brasileiros. Logo, é importante enfatizar que a conscientização dos

tópicos supracitados simboliza as expressões de curiosidade, de inquietação, de desconhecimento e de angústia que compunham os muitos rostos que estiveram presentes nesta longa caminhada. Assim, aprendemos não somente a lidar com situações conflitantes, mas também a experimentar o vasto mundo que somos e do qual fazemos parte.

Felipe Fernandes Ribeiro é extensionista do Projeto Observatório de educação: violência, inclusão e direitos humanos. Coordenadora: Prof.^a Valdelúcia Alves da Costa.



Minha experiência na extensão com peixes ornamentais

Carolina Marinho Colchete

Estou envolvida neste projeto de extensão desde o ano passado, quando tivemos como ideia abordar temas importantes na produção animal, no comércio e na aquarofilia como um todo: Bem-estar animal e do estresse em cativeiro. Conforme o projeto foi sendo desenvolvido, através de conversas e questionários com a população, me vi feliz em saber a quantidade de pessoas que estavam abertas para aprender mais sobre essa temática. Concomitante a isso, percebi a carência de materiais e pesquisas, principalmente no Brasil, sobre essa área.

Após alguns dias de mais pesquisas, visitas a aquários e zoológicos, conversas com produtores e profissionais da área; outro tema me despertou curiosidade: “O veterinário na área peixes ornamentais tem a mesma disponibilização de materiais sobre o tema na graduação?”. Após algumas pesquisas, me vi em uma área que carecia não só de materiais, mas também de profissionais.

Antigamente, não era tão fácil encontrar um tutor que levasse seu peixe ao veterinário, mas hoje já existem clínicas especializadas em animais selvagens que possuem também atendimento para peixes ornamentais. Além disso, esse atendimento é de extrema importância também em aquários e zoológicos onde esse animal precisa estar com sua sanidade em dia para corroborar com a ideia do bem-estar animal. Estando assim, consequentemente, ligados o bem-estar e a saúde animal. Uma vez que, o estresse pode aumentar a proliferação de diversos agentes patogênicos nos animais. Desta forma, pensei: “Por que não me disponibilizar nos comércios destes animais para fazermos um levantamento das maiores causas de morte e ajudar a minimizar isso?”.

Após expor a ideia e organizá-la com meu orientador, conversamos com empresários de algumas lojas em Niterói e no Rio de Janeiro, e conseguimos autorização para ajudar no monitoramento da qualidade da água e na recolha de peixes que vinham a óbito semanalmente. Com posterior intuito de realizar necropsia destes animais e procurar sua causa de morte.

No dia 17 de maio de 2019, fui a primeira loja, onde continuei indo por mais 4 semanas no mesmo dia e horário. A loja se mostrou preocupada com os parâmetros dos aquários e com os animais de forma geral, o que inicialmente já me deixou feliz. Conheci então o funcionário responsável pela parte do aquarismo que me recebeu com entusiasmo, disposto a me ajudar com as coletas. Além disso, conversei com ele e com alguns clientes do aquarismo, auxiliando em algumas dúvidas, disponibilizando materiais e divulgando eventos que iríamos vir a desenvolver.

Após algumas conversas com clientes e funcionários, foram expostas opiniões em relação ao que carecia a área. Despertando meu interesse em querer produzir alguns outros materiais para o projeto de extensão. Dentre eles, uma cartilha sobre maneiras de prevenção das principais enfermidades em peixes ornamentais no Brasil e um vídeo mostrando como são feitas as principais análises da qualidade de água. Facilitando ao aquarista, monitorar a água e evitar que haja queda da taxa de bem-estar, possível estresse e favorecimento de diversas patologias nestes animais, atuando também como uma forma de prevenção.

Além disso, junto ao Professor Roberson Sakabe (responsável pelo projeto), foram feitas necropsias no Laboratório de Aqüicultura. Os procedimentos foram de grande aprendizado, pude observar e aprender mais sobre a anatomia, alterações *post mortem*, técnicas de necropsia e os raspados de brânquia e muco. Porém, durante a necropsia também tive dificuldade de encontrar materiais que citassem as causas das alterações post mortem e detalhes sobre a técnica nesses animais.

Conforme as necropsias foram sendo desenvolvidas, pesquisei mais a respeito e ainda senti carência em relação a esse tipo de literatura. Me encontrei inspirada então a desenvolver um “Manual auxiliar de necropsia para peixes ornamentais”. Mas dessa vez, este material, seria voltado para a área de medicina veterinária e biologia. Este está sendo desenvolvido baseado em diversos artigos científicos e alguns livros traduzidos do inglês e espero conseguir terminar em breve. Depois do término de todos materiais, planejo retornar às lojas, disponibilizar a cartilha e o vídeo para os aquaristas e pessoas interessadas. E disponibi-

lizar, também, o manual de necropsia aos veterinários interessados.

Os projetos de extensão sem dúvidas me conquistaram como pessoa e como aluna. Estar disponível a desenvolver materiais que despertem curiosidade ao público de forma geral e escutar dentre críticas e elogios da nossa profissão visando melhorar, é sempre uma forma enriquecedora de aprender. Assim, concluo este depoimento de maneira positiva quanto ao projeto e espero que este ainda possa a vir sanar a dúvida e despertar curiosidade em diversos alunos e na população de forma geral.

Carolina Marinho Colchete é extensionista do Projeto Difusão de tecnologia na produção de peixes ornamentais produzidos e comercializados no estado do Rio de Janeiro. Coordenador: Prof. Róberson Sakabe.



Relato de experiência pré-vestibular

Caio Silva Lins

Meu nome é Caio Silva Lins, tenho 23 anos de idade, curso engenharia de produção na Universidade Federal Fluminense no polo de Rio das Ostras, estou atualmente no nono período do curso e participo do projeto de extensão do pré-universitário na Universidade Federal Fluminense. Sou tutor de física, abordo os assuntos no que tangem a matéria para o preparo dos alunos para os vestibulares como ENEM, UERJ, etc. O pré-vestibular é composto por alunos de faixa etária variadas, contendo alunos de ensino médio que querem prestar os vestibulares, alunos com formação superior que querem fazer uma segunda graduação e alunos de mais idade que possuem somente ensino médio completo que voltaram aos estudos e querem aumentar seus conhecimentos com um ensino superior com fins de agregar valor aos seus devidos currículos para uma melhoria de emprego.

As aulas são compostas por explicações que tangem o assunto da matéria abordada com exemplos que aproximem os alunos do conhecimento que lhe é apresentado, o intuito é mostrar aos alunos as aplicações da física no cotidiano como, por exemplo, o conteúdo sobre forças, mais precisamente sobre o que é um conceito físico, relativo ao movimento de rotação de um corpo após a aplicação de determinada força sobre ele, de uma outra maneira podemos dizer que é uma alavanca, entender os conceitos de uma alavanca para um trabalho manual como desmontar/montar algum artefato ou para erguer algum objeto muito pesado podemos usar os conceitos físicos da alavanca para facilitar a realização da tarefa.

Boa parte dos alunos se demonstra interessada na matéria mesmo tendo

poucos alunos que pretendem cursar alguma graduação na área das exatas. A dificuldade maior apresentada por parte dos estudantes não está nos conceitos da física, claro que em algumas partes dos conteúdos eles apresentam sim dificuldades nos conceitos por conta da intangibilidade, mas a maior barreira dos alunos está na matemática, nos cálculos e contas, ou seja nos artifícios da aritmética, álgebra e geometria. Essa dificuldade é um resultado de um ensino médio fraco, pois a maioria dos estudantes vem de escolas públicas. Porém, com o ensino de matemática que é ministrado por outro tutor do pré-vestibular, as dificuldades em relação aos cálculos com o tempo vão desaparecendo.

No início do projeto, eu não estava muito confiante se eu estava apto a transmitir o conhecimento que eu tinha de maneira clara e sucinta, mas, ao longo do projeto, fui melhorando minhas habilidades de apresentação pessoal, habilidades comunicativas e de postura profissional diante a situações problemáticas, como alunos que são inquietos e atrapalham as aulas, resolvendo tal situação sem precisar retirar o aluno da sala. A experiência de dar aula, de transmitir o conhecimento agregou muito na minha vida acadêmica, pois, a partir disso, pude melhorar os resultados dos meus trabalhos e provas. Outro aspecto que me agrega é o fato de eu já ter passado pelo o que os alunos estão passando, pois também fiz um pré-vestibular para ingressar na universidade e ver aquela quantidade de jovens, adultos e idosos querendo obter conhecimento, querendo aprender, me alegra poder fazer parte desse caminho que os meus alunos estão percorrendo para buscarem seus sonhos profissionais.

Caio Silva Lins é extensionista do Projeto Pré Universitário Social da UFF Rio Das Ostras. Coordenadora: Prof.^a Sandra Maria do Amaral Chaves.



Autoria e liberdade

Beatriz Batistela Silva Rodrigues

O primeiro dia com as socioeducandas foi no Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (Pacgc). Me encantei pelas adolescentes. A verdade é que a diferença de idade que eu tenho com elas é pouca – afinal, tanto eu quanto elas ainda estamos na casa do 1... Eu com 19, elas com 16, 17, 17, 18... Apesar disso, senti um estranhamento ao notar as diferenças que nos separam. Havia pouco tempo que eu também estava em idade escolar, me guiando pelas normas típicas de uma instituição como é a escola. Agora, entro em uma nova posição, em um novo lugar.

Essa, inclusive, é uma dificuldade que ainda tenho. Estou no início da minha longa (espero!) jornada como professora: posso já saber um bocado sobre Paulo Freire, tendências da didática, legislação e psicologia do desenvolvimento; contudo, a postura que um professor deve ter, como falar, o que falar, como reagir às muitas eventualidades de uma sala de aula, a diferença entre autoridade e autoritarismo, todas essas coisas, que pouco se pode aprender de fato no Ensino Superior, atravessam meus pensamentos de prática quero ter no Degase e em qualquer sala de aula em que eu estiver.

A Nara foi uma das garotas que, de primeira, mais me chamou a atenção. Imagino que isso possa ter acontecido com as minhas outras colegas também. A Raíssa, por exemplo, ao final da oficina quando reservamos um momento para conversar sobre nossas impressões, demonstrou uma certa confusão quanto ao gênero do grupo em geral, “pensei que só íamos trabalhar com meninas”, ela disse, denotando seu estranhamento. De fato, a Nara performa uma expressão de gênero “queer”, ela tem uma leitura social diferente do seu gênero verdadeiro.

Isso tudo é muito importante e digno de registro, mas, na verdade, o que realmente me desconcertou a respeito de Nara foi o fato de que eu a conhecia. Eu já havia conversado com ela algumas vezes e até mesmo pagado um açaí para ela em uma lanchonete no terminal rodoviário no Centro de Niterói.

A Nara certamente não me reconheceu. Quantas pessoas devem passar pela vida da Nara nas ruas? Mas esse reencontro foi bastante impactante para mim. O que acontece com as crianças e os jovens que estão em situação de rua?

As meninas, em certo momento, levantaram a questão dos meios de punição. Uma fala foi emblemática para mim: “você não pode reclamar de estar atrás das grades: ou é grade ou é morte”. Eu até tentei intervir nesse momento, mas o grupo estava inflamado na discussão e pouco me ouviram. Essa afirmação me soou tão dolorosa... Embora eu quisesse colocar essa dicotomia prisão-morte em xeque, a verdade é que, pelo menos até hoje, a realidade não foi muito carinhosa com essas jovens. Também, conforme conversamos, ao final chegamos ao consenso de que, para o primeiro dia, não parece razoável já chegarmos “cheias das verdades” acadêmicas. É bom conhecer nosso grupo primeiro, ir gradualmente criando certos vínculos.

Tenho o costume de me perguntar qual é a minha função em ambientes onde exerço a docência. Quais minhas intenções, finalidades, se estou de fato no caminho para construir coisas positivas. Essa inquietação às vezes me faz mal, porque me desmotiva. Algumas vezes, sinto que estou enxugando gelo. A dura realidade das jovens em privação de liberdade coloca a prova muitas verdades minhas e, falas como essa, representam os desafios de se trabalhar nesses ambientes.

As adolescentes são uma efervescência de sentimentos. A literatura, a leitura e a escrita são nesse cenário um campo muito fértil. Elas se mostraram participativas e interessadas. Acho que isso se deve ao fato de que as expressões artísticas podem significar um destino produtor às angústias inerentes à existência humana, além de uma forma de escape da realidade cotidiana.

Para mim, ficou nítido que as pessoas precisam ser ouvidas, expressar-se, fazer com que suas vozes ecoem. Uma adolescente tem muito o que dizer. Uma adolescente privada de liberdade, então... Acredito que o exercício da escrita e da leitura em coletivo é uma forma de exercermos nossa humanidade. Nessa perspectiva, também percebi ser crucial a escuta atenta, o diálogo e a possibilidade de se abrir com o outro, de passar honestidade e responsabilidade como

docente.

É importante que esses espaços sejam alternativos aos saberes dominantes e a formas de construção de conhecimento conservadoras. Há o poder da escola em moldar seus alunos de acordo com esse *ethos* dominante. Trabalhar com a leitura de textos com intenções livres me parece um caminho frutífero para romper com tal reprodução. Parece-me um bom meio para suscitar o pensamento autônomo, crítico, criativo. É poderoso semear conhecimento sobre a subjetividade de cada um. É uma relação recíproca, de auto e de hetero conhecimento. A escrita, a leitura, a literatura, a criatividade possibilitam a construção de autoria e, portanto, de consolidação da própria identidade.

Beatriz Batistela Silva Rodrigues é extensionista do Projeto Educação em espaços de privação de liberdade: interseções de gênero, raça e desigualdades sócioeducacionais. Coordenadora: Prof.^a Sandra Maciel de Almeida.





Programas “Espaço Aberto para a Saúde” e “Ciência & Saúde” como forma de aprendizado mais detalhado sobre inúmeras doenças

Gabriel Gontijo Granja

Tive a oportunidade de integrar a ação de extensão “Espaço Aberto para a Saúde” em maio deste ano e estou aprendendo de forma mais detalhada sobre temas que, embora sejam bem conhecidos, são tratados de forma didática e, ao mesmo tempo, bastante informativa. E isso tem me dado um conhecimento novo sobre alguns assuntos, com temas que falam sobre a insônia, ansiedade e a febre mayaro, no ano de 2019, por exemplo. Também gostaria de contar um pouco sobre cada projeto.

O “Espaço Aberto Para a Saúde” é um programa de extensão em formato audiovisual, cujo o conteúdo é veiculado no Youtube e mídias sociais. A gravação do EAS (sigla do programa) acontece em estúdio e tem como apresentador o professor do curso de enfermagem Jorge Luiz Lima. Ele recebe os convidados para discutir sobre temas previamente escolhidos entre a equipe do programa e solicitações de telespectadores. Os profissionais da área explicam o tema abordado no programa de forma detalhada, e respondem aos questionamentos realizados pela população, por meio de e-mail, ou vídeos dos participantes da comunidade interna e externa à UFF. Por fim, os especialistas convidados comentam sobre os desafios do tema proposto, além de indicar sugestões possíveis para a melhoria de alguma questão de saúde, ou qualidade de vida, junto à comunidade. A apresentação de todos os assuntos se dá de maneira descontraída e busca

aproximar o público da conversa.

O segundo projeto de ação se chama “Ciência & Saúde”, que aborda sobre assuntos relacionados às dúvidas da população a respeito de vários aspectos que envolvem a saúde. São vídeos, de aproximadamente 10 minutos, que contam com uma exibição de slides explicativos feitos com locução para ficar mais próximo do internauta que acessa tal conteúdo. Com isso, elaboram-se pequenas dicas para responder às dúvidas do telespectador/participante. No que diz respeito à saúde, as perguntas realizadas são de interesse da comunidade, sendo que a linguagem dos vídeos é direta, pontual e lúdica, com vários esquemas, imagens e animação.

Importante frisar que ambas as ações contam com dois canais envolvidos no projeto e uma rede social no Facebook com mais de 1500 seguidores em 2019. Além disso, há edições de programas e gravações de mídias para divulgação. O que monta o terceiro projeto que se trata da edição e manutenção de dois canais no YouTube e rede social.

A partir dessa parceria, as gravações do programa foram realizadas no estúdio disponível na Associação dos Servidores Professores Inativos (ASPI) da UFF, assim como as edições dos episódios, que foram realizadas pelos bolsistas e voluntários do programa EAS, pois o laboratório da Proex se encontra alocado neste local. Em 2019, foram produzidos, gravados, editados e publicados oito episódios com os seguintes temas: segurança do paciente (espaço aberto para a saúde); vacinas (ciência e saúde); câncer do colo do útero; doação de sangue; câncer de próstata; estresses causas, prevenção e tratamento; colesterol; aleitamento; HIV; sarna e pediculose.

Neste ano, o programa teve a oportunidade de entrevistar a coordenadora do Hospital Clementino Fraga Filho (UFRJ) e pesquisadora na área de segurança do paciente, Professora e Doutora Keroulay Estebanez Roque. Além disso, o programa tem usado vídeos explicativos através do “Ciência & Saúde” para abordar cuidados e prevenções de doenças e enfatizar medidas de promoção de saúde.

No momento, estão em fase de produção mais dez vídeos com caráter didático abordando temas atuais e que boa parte da população ainda desconhece, a saber: febre mayaro; insônia; obesidade; práticas integrativas e complementares em saúde; microcefalia; ansiedade; leptospirose; doação de órgãos; animais peçonhentos e superbactérias. Nestes, pude atuar na edição e locução dos quadros

que duram 3 min, são diretos e objetivos.

Finalizo meu depoimento argumentando que tanto do ponto de vista técnico, quanto científico, e até mesmo daquilo que se propõe a extensão universitária, o programa se mostra mais empenhado em atender às necessidades de informação da população sobre saúde. Os temas do EAS e do C&S são discutidos de forma interdisciplinar e transdisciplinar, por entender que saúde vai além da ausência de doença e de aspectos físico, mental e social, envolve também cultura, política, ética cidadania e processo saúde-doença-cuidado.

Gabriel Gontijo Granja é extensionista do Projeto Espaço Aberto para a Saúde (programa).
Coordenador: Prof. Jorge Luiz Lima da Silva.



Educar sobre Direitos Humanos na UFF: Desafios e Potencialidades

Vitor Fraga da Cunha

O projeto de Extensão “Educação em Direitos Humanos” – composto por sete professores do Departamento de Filosofia, além de mim, discente bolsista – destina-se a fomentar um ciclo de debates sobre direitos humanos, sendo cada debate sobre um tema específico dentro dessa temática geral. Dessa forma, tem por finalidade capacitar os participantes a se tornarem multiplicadores das informações e discussões sobre o tema. Até o momento já realizamos três eventos, que versaram, respectivamente, sobre intolerância religiosa, sistema prisional brasileiro e as consequências do fascismo. Nossos próximos encontros já estão agendados e tratarão sobre racismo, memória e ditadura e questões LGBTQI.

A extensão – junto com a pesquisa e o ensino – formam o tripé que sustentam a Universidade. O seu papel é atravessar os espessos muros acadêmicos e levar o conhecimento produzido no ambiente universitário para a população em geral – não adianta nós, que estamos dentro da Universidade Federal Fluminense (UFF), ficarmos dialogando entre nós mesmos, precisamos de ações que atinjam toda a sociedade, uma vez que a Universidade tem um papel social a cumprir. Nesse sentido, desde o início buscamos agregar a maior variedade de pessoas possíveis em nossos eventos. Infelizmente, por questões burocráticas, não podemos realizá-los fora da Universidade – o que julgo ser o ideal, pois, assim, os encontros ganhariam maior visibilidade. Seria interessante se eles fossem realizados em uma escola, por exemplo.

Então, mesmo com todos os eventos sendo realizados no Instituto de Ciên-

cia Humanas e Filosofia (ICHF) da UFF, buscamos trazer as pessoas por meio de ampla divulgação nas redes sociais. Estamos tendo uma média de vinte e cinco à trinta pessoas por evento, sendo que parte desse público são de pessoas que estão indo a todos os encontros, e a outra parcela é composta de indivíduos que vão pontualmente quando o tema do dia é uma temática específica do seu interesse e por aqueles curiosos que vão conhecer o projeto.

Dessa maneira, a partir dos encontros já realizados, avalio que nosso projeto de extensão tem saldo positivo, porém possui potencial para ir além. Uma das dificuldades que encontramos nesse percurso é a de atrair as pessoas para os eventos. Apesar da nossa média de participantes não ser ruim, é possível aumentá-la. Mas mesmo com o uso das redes sociais para divulgarmos as ações, além de convites feitos pessoalmente, há uma grande parcela que não demonstra interesse no assunto. O que é preocupante, uma vez que os Direitos Humanos compõem a base do Estado Democrático de Direito, motivo pelo qual nossa Constituição Federal dispõe de um amplo rol desses direitos. Então, fica como desafio para ações futuras, aumentar – ou até mesmo despertar – o interesse das pessoas nessa temática tão relevante.

Como fator positivo do nosso projeto, podemos destacar os debates riquíssimos ocorridos em todos os encontros. Em cada oportunidade convidamos especialistas sobre o assunto em questão para conduzir as conversas. Além disso, tanto os especialistas convidados como o público presente possuem variadas formações, de maneira que congregamos pessoas das mais diversas áreas: Filosofia, Direito, História, Psicologia, Letras, entre outros. Tudo isso torna o espaço multi e interdisciplinar, de modo que construímos um campo fértil para o aprendizado. Ademais, outro aspecto positivo é grande parte do público que participa dos eventos ser composta de licenciandos e professores. Dessa forma, estamos contribuindo com a capacitação de profissionais que saibam versar sobre Direitos Humanos ao exercerem o magistério, função basilar da sociedade.

Finalmente, participar desse projeto na condição de discente – que almeja seguir as carreiras de professor e pesquisador – tem sido uma experiência ímpar. No que tange a minha formação acadêmica, tenho ganhado maturidade ao ter que lidar com todas as tarefas de bolsista, além de conhecer e aprender com pesquisadores das mais diversas áreas. Pessoalmente, além do prazer de lidar com tantos profissionais incríveis, tem sido uma experiência riquíssima, de modo que eu mesmo, enquanto futuro professor, tenho desenvolvido rigor teórico acerca dos Direitos Humanos, o que aumenta minha desenvoltura para

tratar sobre o tema com meus futuros alunos. Dessa maneira, agradeço à UFF, à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), e aos meus professores do Departamento de Filosofia, em especial a Prof. Alice Haddad, coordenadora do projeto, pela oportunidade. Assim, seguimos educando sobre Direitos Humanos.

Vitor Fraga da Cunha é extensionista do Projeto Educação em Direitos Humanos. Coordenadora: Prof.^a Alice Bitencourt Haddad.



Ações que estimulam a aproximação

Thamires Ferreira Neves

O presente relato se refere a uma das atividades realizadas pelo CEATRIM, o qual faço parte como extensionista através do curso de farmácia. O CEATRIM é o Centro de Informação sobre medicamentos (CIM) da UFF e tem como objetivos a disseminação de informação técnica de qualidade aos profissionais de saúde e usuários de medicamentos e o desenvolvimento de atividades de farmacoepidemiologia. Um Centro de Informação sobre Medicamentos (CIM) funciona como uma estrutura técnica permanente de apoio ao uso racional de medicamentos (URM), que é um componente importante da Política Nacional de Medicamentos que deve ser promovido, entre outros, através da disseminação de informações objetivas e atualizadas.

Através do CEATRIM, foi realizada, no mês de maio de 2019, uma ação de promoção de saúde no CE Guilherme Briggs, que se encontra próximo à Faculdade de Farmácia - UFF, a fim de compartilhar sobre a importância do uso racional de medicamentos, pois no dia cinco de maio é instituído como o Dia Nacional do Uso Racional de Medicamentos.

Foi uma informação disseminada de forma ativa, ou seja, que não foi oferecida em resposta à pergunta de um solicitante, partiu do interesse da equipe e através dessa ação nos foi proporcionado uma experiência única.

Primeiramente, foi feito um planejamento do que seria abordado com os alunos, que eram de nível médio, e qual método utilizaríamos para atingir o objetivo da ação, que era disseminar informação, esclarecer dúvidas do dia a dia dos estudantes e realizar promoção de saúde. Definidos os objetivos, foi elabo-

rada uma apresentação sobre os principais tópicos relacionados ao tema, onde de forma dinâmica e interativa o trabalhamos com os alunos. Decidimos não apenas falar sobre assunto como uma palestra usual, mas trouxemos o público para dentro do tema, questionando sobre o contato destes com medicamentos, suas experiências e de familiares seguindo a posologia, se faziam uso do medicamento até o final do tratamento, se consultavam o médico em caso de dúvidas, como administravam e onde descartavam o produto. Esse processo permitiu uma troca de experiências pessoais, esclarecimento de dúvidas e fez com que os alunos se interessassem mais pelo tema. Ao final aplicamos um jogo de perguntas e respostas elaborado pela equipe do CEATRIM, a fim de solidificar o que foi abordado e verificar a retenção da informação compartilhada.

Toda a experiência foi muito rica, pois me permitiu participar de todos os processos para que a ação ocorresse, fosse planejando, preparando ou aplicando-a. Assim como a excelente oportunidade de ampliar as portas da universidade compartilhando os conhecimentos nela adquiridos para a população ao entorno. Com a ação desenvolvida conseguimos compartilhar sobre a importância de usar racionalmente o medicamento, seguir a prescrição médica e realizar o esclarecimento de todas as dúvidas que surgirem ao final de uma consulta, seja diretamente com o médico e também procurando a orientação do farmacêutico, que é o profissional mais habilitado sobre o assunto.

Considero a atividade de extrema importância para minha formação acadêmica e também para aproximar a universidade da sociedade, ampliando a visão da população sobre as ações nela realizadas e também permitindo que participem ativamente, ampliando a vivência prática dos universitários, acesso à informação e estímulo ao pensamento crítico.

Thamires Ferreira Neves é extensionista do Projeto Centro de Apoio à Terapia Racional pela Informação sobre Medicamentos – CEATRIM. Coordenadora: Prof.^a Selma Rodrigues de Castilho.



Encontros sobre o chão de terra: interrogando saberes, construindo práticas

Shanykka Queiroz Rojas

“Nós somos conjuntura”, foi a frase que, repetidamente, pronunciou Dona Delira, uma das assentadas do PDS Osvaldo de Oliveira, ao explicar a importância da coletividade no processo de ocupação. Depois completou: “Nós aqui fazemos tudo em conjunto. Essa é a única opção que nós temos, então a gente faz as coisas assim”.

A experiência de construir extensão popular deixa evidente a importância de manter atenção sobre aquilo que o campo fala. Em uma perspectiva acadêmica, a palavra conjuntura está estritamente ligada ao cenário político nacional e às formalidades de análises socioeconômicas. No entanto, para Dona Delira e o coletivo de mulheres Margaridas do Karukango, conjuntura é – também – situação, combinação de acontecimentos e diz respeito às vidas que ali existem, mas é, principalmente, saber a potência de cada sujeito na construção coletiva daquele espaço e daquelas formas de existir.

Hoje, olhando para trás, percebo que a minha expectativa sobre extensão popular e movimentos sociais antes de participar do projeto de extensão “Terra, Saúde e Direitos” diz muito sobre a incompletude do ensino quando não dialoga com a pesquisa e com a extensão. Digo isso, porque não há livro ou preparo que substitua a vivência com figuras como a Dona Delira e as(os) demais acampados(as) e assentados(as).

O projeto, cujo enfoque se dá no trabalho com comunidades rurais, envolve dois territórios principais: o Assentamento Osvaldo de Oliveira e o Acampamento Edson Nogueira, ambos vivenciados por mim no último semestre. A ex-

tensão popular me alcançou afetivamente através do meu primeiro contato com aquilo que viria a ser um dos mais potentes espaços de formação que encontrei durante a graduação.

Em abril de 2018, aguardávamos em frente à UFF (Campus de Rio das Ostras) a chegada do busUFF – quando nós dos campi de interior ainda contávamos com este recurso –, fazia bastante calor e eu trazia na cabeça um chapéu de palha e na bolsa um protetor solar e dois litros de água. Finalmente o motorista chegou, um funcionário muito querido em nossa comunidade acadêmica que recentemente se viu desempregado em função dos cortes de verba na educação promovidas pelo governo Bolsonaro. Signifiquei a presença deste senhor como bom agouro, tendo em vista que foi com ele que eu já havia embarcado outras vezes em viagens de encontro com aquilo que é tão imperioso à nossa formação e que muitas vezes nos escapa na academia: o saber da experiência.

Exceto o barulho do motor de nossa velha caçamba passando por de cima das estradas de terra batida e esburacadas, a viagem foi em boa parte contemplativa por parte das(os) estudantes presentes. Era como se esperássemos que na iminência de nosso silêncio algo pudesse emergir do acúmulo teórico das salas de aula e dos incansáveis debates vivenciados por de dentro dos muros da universidade. A ocasião de nossa viagem foi a realização de um mutirão para o cadastro de cerca de 60 famílias acampadas na ocupação de um latifúndio improdutivo por parte do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST).

Realizamos o questionário para o cadastro que facilitaria a obtenção de recursos sociais para as famílias e, enquanto isso, conversei com algumas pessoas. Entre elas destaco o Bruxo, um senhor de 50 anos, que conheci no momento em que procurava remédio para as dores de cólica que sentia. Embora não tivesse nenhum remédio convencional, Bruxo compartilhou comigo os seus conhecimentos sobre as plantas medicinais, apontando ser o chá de lavanda o mais indicado. Conversamos ainda sobre a minha trajetória enquanto estudante de psicologia, o trabalho dele no setor de saúde do movimento, da construção da farmácia fitoterápica no assentamento e sobre uma perspectiva ampliada de saúde que envolve, por exemplo, a luta pelo direito à terra. A nossa conversa revelou a mim a tonalidade ética sobre os processos de produção de saúde e doença: a saúde do indivíduo é indissociável da saúde do coletivo.

Percebi, nessa ocasião, não só o desejo em conhecer mais aquele território, mas também reafirmei para mim, enquanto ética extensionista, os ensinamentos

sobre educação popular: os saberes devem ser compartilhados e não transferidos de forma verticalizada.

Hoje, o Acampamento Edson Nogueira encontra-se em área pertencente a Macaé e, cumprindo o interesse público, desenvolve uma Unidade Pedagógica em Agroecologia. Os encontros no Acampamento-Escola resumem a coletividade vivida entre as famílias e as(os) estudantes das universidades, uma vez que se revezam nos papéis de educadores(as) e educandos(as).

A trajetória na extensão popular revela a importância dos espaços de voz tanto quanto dos de silêncio. Fui atravessada por muitos afetos e algumas vezes precisei me distanciar da formalidade das salas de aula para perceber que a minha presença junto às mulheres e homens que constroem coletivamente suas vidas e lutas demanda uma presença atenta e sincera de quem percebe o mundo e a si no mesmo processo.

Shanykka Queiroz Rojas é extensionista do Projeto Terra, saúde e direitos: extensão popular junto a movimentos sociais. Coordenador: Prof. Ramiro Marcos Dulcich Piccolo.



Saqueiros do Sudeste

Universidade
Federal
Furnas

FEC
Faculdade
de Ciências
Exatas

SECRETARIA
DE CULTURA
DE FURNAS

ALPHAN

Capital
Viva

Ministério
da Cultura

BR&SI



Cuidados à Pessoa com Doença de Alzheimer e outros transtornos demenciais - Blog Interativo

Rubens da Silva Thimóteo

Com o aumento da expectativa de vida, a população tem envelhecido cada vez mais e, para isso, são necessários cuidados específicos para essas pessoas. Em paralelo, percebe-se que a tecnologia também avançou bastante na pós-globalização. Com isso, esse projeto de extensão visa promover ações de educação em saúde, produzindo cuidados gerais e específicos da saúde da população idosa, de seus cuidadores e dos idosos com doenças de Alzheimer e outros transtornos demenciais. No que diz respeito às minhas experiências, atuar em um projeto de extensão cuja base teórica é fundamentalmente caracterizada pelo cuidar em enfermagem, sendo esse cuidado de forma holística, garantindo a subjetividade dos usuários dos serviços de saúde e, além disso, embasado nos princípios e diretrizes do SUS - integralidade, universalidade, participação popular, regionalização e hierarquização - é bastante enriquecedor, à medida que, trata-se de um projeto que visa promover estratégias de promoção, prevenção e proteção à saúde.

Por ser um projeto de caráter da Atenção Primária à saúde, a gente como pesquisador acaba vendo a importância que esse setor tem sobre a vida das pessoas. Lidar com questões de prevenção, promoção e proteção é saber produzir cuidados diante de determinantes sociais favoráveis e desfavoráveis à saúde. O blog, por ser interativo, possibilita a troca de conhecimentos e de comunicação

entre a pessoa que publica e as pessoas que visualizam as postagens, não sendo então caracterizado por um informante que desconsidera o conhecimento e experiências alheias, o vendo como uma tábula rasa, desprovida de experiências e razão. No blog são discutidas questões como: prevenção de quedas, cuidados específicos ao idoso demenciado, cuidados com medicamentos, higiene, nutrição, lazer e questões de envelhecimento.

Em relação as dificuldades encontradas no projeto, estão: os desafios encontrados pelos impactos de uma sociedade pós globalizada e a desigualdade social, pois com o avanço tecnológico, a sociedade tende a acompanhar o ritmo da evolução, porém sabe-se que nem todos possuem as mesmas oportunidades, tampouco possuem as mesmas condições, por isso a grande desigualdade social da nossa sociedade. Isso acaba sendo um empecilho para as pessoas no que diz respeito ao acesso do blog, porque nem todos os idosos têm acesso à internet, seja devido a seus determinantes sociais, seja por ter desconhecimento do uso da plataforma. Observa-se ainda o desafio em incentivar os cuidadores de idosos a também usarem o blog como tecnologia educacional como fonte de informação e troca de saberes pautado nas necessidades diárias de cuidado.

A Atenção Primária à Saúde tem papel fundamental no desenvolvimento de medidas acerca de educação em saúde, a fim de fornecer informações que incentivam a promoção da saúde, prevenção de agravos, reabilitação e recuperação de acordo com o processo saúde-doença do indivíduo. Dessa maneira, torna-se imprescindível a elaboração de medidas como esse projeto de extensão e outras ações alternativas para incentivar o autocuidado dos idosos.

Rubens da Silva Thimóteo é extensionista do Projeto Cuidados à Pessoa com Doença de Alzheimer e outros transtornos demenciais - Blog Interativo. Coordenadora: Prof.^a Alessandra Conceição Leite Funchal Camacho.



Memórias de um projeto de extensão

Lohany Corona Seabra

O Observatório de Direitos Humanos do Sul Fluminense decorre de uma construção entre a universidade, por meio de professores de diversos departamentos, e diferentes coletivos e movimentos sociais presentes na região do Sul Fluminense, mais especificamente na cidade de Volta Redonda. A estruturação do programa, visando à elaboração de propostas e objetivos, se dá a partir de sucessivas reuniões com os membros dos coletivos, alunos e professores, bem como diversos atores da região que têm sido alvo de violações dos direitos humanos. Como resultado, temos como eixo norteador as questões em torno do direito à cidade, desempenhado através da assistência técnico-jurídica a quatro ocupações da região, e da preocupação com o registro e preservação das memórias destas comunidades.

A execução do programa junto à comunidade resulta em experiências extraordinárias, fazendo emergir muitas memórias. O anseio pelo direito à moradia conecta diferentes grupos, estabelecendo grandes laços fraternos. A busca por alternativas face aos difíceis dilemas da vida urbana tem como consequência o surgimento de relações afetivas com os parceiros da sociedade civil, o estabelecimento de redes de apoio e o desenvolvimento de um senso ético de justiça e direito por parte dos moradores, resultando na articulação de outras lutas que não somente o direito à moradia. A maioria feminina se torna liderança nesses espaços, assumindo um papel político na organização coletiva, dividindo-se entre as atividades laborais, familiares e, agora, também políticas. A presença da universidade, notoriamente conhecida como o “local do saber”, reforça a compreensão de que aprovar uma lei é apenas parte do caminho, restando a árdua tarefa de colocá-la em prática, em busca de transformar a realidade local.

A relação de confiança estabelecida entre os coletivos e a universidade desmonta preconceitos e atesta que a luta pela terra e pelo território é legítima. Portanto, analisar e aproximar-se da luta pela moradia é, em última instância, contribuir para a garantia dos direitos humanos, o que significa discutir, além do problema do acesso à moradia, os meios necessários para assegurar o direito à saúde, à educação, ao meio ambiente e à participação nos processos decisórios municipais. Daí resulta uma troca profícua e transformadora entre academia e movimentos sociais, na qual contribuímos, de um lado, a partir de nossas pesquisas, para traçar um diagnóstico dos problemas a serem enfrentados, orientando as ações tanto do poder público quanto dos próprios moradores, com relação a seus direitos. E, de outro, somos confrontados com realidades de vida diversas, colaborando para uma concepção mais humanista da sociedade em que vivemos e comprometendo-nos com o combate às injustiças sociais e a afirmação dos valores democráticos.

A “Cidade do Aço” tem em sua história complexas relações de interesses e lutas. A privatização da CSN, marco do projeto neoliberal na região, alterou agudamente a paisagem e a malha social urbana. Os obstáculos estruturais encontrados, os embates com o poder público, a violência policial e o sentimento de impotência em face da violência estatal e das imposições da siderúrgica na região, que possui controle e fortes influências sobre a gestão pública na cidade, se mostram como algumas das dificuldades encontradas no desenvolvimento do programa.

Os trabalhos realizados dentro do programa são constituídos por saberes e práticas transdisciplinares em diálogo com as demandas populares, proporcionando uma aproximação de diferentes saberes da universidade com a sociedade, resultando em uma formação crítica e comprometida com o social, que é inigualável. O projeto é baseado na relação ensino-pesquisa-extensão, fortalecendo a função social da universidade pública em seu projeto político, entendendo também as mobilizações sociais como produtoras de conhecimento e saberes, e não como mero objeto de pesquisa.

Sendo discente do curso de direito, posso afirmar que predomina nas salas de aula um conhecimento dogmático, sem espaços para discussões e contato com a realidade concreta das cidades brasileiras. A partir da oportunidade de participar deste projeto, pude não apenas aprofundar meu conhecimento sobre a região e o problema da moradia no país, como também minha formação na área de direitos humanos. Tal atuação tem como efeito final a expansão dos

meus horizontes de consciência, contribuindo para a transformação da realidade social. Como repercussão na minha formação acadêmica, profissional e cidadã, a participação no projeto proporcionou o aumento de esperança; a vontade de me comprometer com a terra e com o resgate da dignidade da população marginalizada e excluída, com uma ética interligada com a justiça e o cuidado.

Lohany Corona Seabra é extensionista do Projeto Observatório de Direitos Humanos do Sul Fluminense. Coordenador: Prof. Rafael Mendonça Dias.



Educação dos tutores sobre doenças que acometem seus “pets” nas quais o diagnóstico por imagem veterinário tem um papel fundamental

Larissa Vahia Malliagros

O projeto de extensão “Atendimento na Área de Diagnóstico por Imagem no Ambiente Hospitalar Veterinário 2019” teve início em abril, quando tive a oportunidade de acompanhar e auxiliar na rotina de execução dos exames ultrassonográficos e radiográficos do Hospital Universitário da Faculdade de Veterinária Professor Firmino Mársico Filho, da Universidade Federal Fluminense (HUVET-UFF). O objetivo do projeto é educar os tutores sobre doenças que acometem seus “pets”, nas quais o diagnóstico por imagem veterinário tem um papel fundamental.

A coordenadora do projeto me orientou no sentido de que deveríamos desenvolver materiais didáticos para aproximar os exames de imagem da realidade e do cotidiano dos indivíduos e seus “pets”, com uma linguagem mais acessível aos usuários. Ressalta-se que pude constatar a grande quantidade de atendimentos no Setor de Diagnóstico do HUVET-UFF, inclusive da população de baixa renda, que não teria condições financeiras de ter acesso a estes recursos diagnósticos. Nesse sentido, o objetivo do projeto torna-se ainda mais importante. Ao traduzir a importância desses exames para a rotina clínica, a população compreende melhor e adere mais facilmente ao tratamento dos animais. Além disso,

o cuidar do outro desperta o cuidar de si, cumprindo a missão fundamental da Medicina Veterinária, que é cuidar do homem por meio dos animais.

A confecção de materiais didáticos permitiu que eu expandisse meu olhar sobre a população e o meu aprendizado acadêmico. Na rotina hospitalar havia um grande fluxo de atendimentos; entretanto, fui percebendo algumas dificuldades que considero relevantes, como a falta de comprometimento com o horário agendado, atrasos e remarcações frequentes e a demora para marcar o exame solicitado na consulta. Acredito que tais problemas surjam da dificuldade de compreensão, por parte dos tutores, sobre a importância dos exames de imagem nos procedimentos da clínica geral e na saúde dos animais. Diante disso, criei um vídeo ilustrativo de três minutos para exibição no ambiente de espera do hospital, enfatizando que o exame ultrassonográfico pode auxiliar na identificação precoce e no estadiamento da doença renal crônica, que acomete cães e gatos. A produção de conteúdo visual desperta a curiosidade, facilitando a transmissão do conhecimento.

Para conscientizar a população, usuária ou não do Setor de Diagnóstico por Imagem, realizei um trabalho a ser feito com o público infantil, por meio de estratégias educativas, sobre o diagnóstico por imagem, inserindo essas crianças em um ambiente similar ao encontrado no setor hospitalar de ultrassonografia. Confeccionei um aparelho ultrassonográfico de papelão, com um *notebook* acoplado passando um vídeo gestacional de uma cadela, para que crianças pudessem realizar um exame ultrassonográfico em um animal de pelúcia. Com o objetivo de instruir e conscientizar, essa prática motiva e sensibiliza quanto à relevância de levar os animais ao médico veterinário regularmente.

No vídeo, uma gestação canina reforça a responsabilidade individual para com o seu animal, incentivando as crianças a aprenderem a respeito da prevenção de afecções, tanto em gestantes quanto em animais não gestantes, passíveis de serem vistas no exame. Essa troca de experiências entre o público infantil e os estudantes de veterinária nas ações reforça a importância do médico veterinário para a comunidade. Dessa maneira, torna-se possível disseminar o conhecimento com a produção de materiais audiovisuais e lúdicos, reduzindo as barreiras e transformando as inter-relações entre a universidade e a população. Já na ação realizada no “UFF nas Praças”, a exposição de banners com informações sobre diagnóstico por imagem atraiu o público para esclarecer questões sobre a utilização dos exames de imagem como forma de prevenção de doenças, suas indicações e limitações, cumprindo, assim, o papel como agente da saúde,

sendo uma das minhas responsabilidades como futura médica veterinária. Tal ação também permitiu divulgar as atividades e o funcionamento do Setor para a população não usuária.

Este projeto constituiu-se uma prática de extensão essencial para minha formação acadêmica, profissional e cidadã, visto que integrou várias áreas do conhecimento, tanto popular quanto científico, por meio da aproximação e adaptação das diferentes linguagens transmitidas durante as ações. O planejamento e o trabalho em equipe com os residentes do hospital veterinário, necessários às atividades dirigidas à população, geraram também competências e habilidades únicas e importantes na minha vida profissional e pessoal, como a responsabilidade social e o relacionamento com pessoas de culturas e classes diferentes. Concluí que é de extrema relevância incentivar a participação de acadêmicos em ações de extensão. Tal troca de experiências com a população pode, por um lado, suprir as carências da comunidade e, por outro, estreitar laços entre ela e os atores da universidade, visto que ambos, neste caso, almejam o bem-estar animal e do ser humano.

Larissa Vahia Malliagros é extensionista do Projeto Atendimento na Área de Diagnóstico por Imagem no Ambiente Hospitalar Veterinário 2019. Coordenadora: Prof.^a Márcia Carolina Salomão Santos.



Educação das Relações Étnico-Raciais em Jogo: Diálogos e Afetos

Julio Cesar da Silva

O projeto foi criado com o intuito de homenagear, valorizar e disseminar a cultura, bem como proporcionar o conhecimento de jogos, danças, brinquedos e brincadeiras de origens africanas, afro-brasileiras e indígenas, e a importância das leis federais de números 10.639/03 e 11.465/08, que tratam da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africanas, afro-brasileiras e indígenas em todos os níveis de ensino no país, possibilitando o reconhecimento, o enaltecimento e o respeito à diversidade étnico-racial da sociedade brasileira.

O encontro é destinado a docentes e discentes dos cursos de licenciatura da Universidade Federal Fluminense e demais faculdades da região, aos estudantes do ensino básico, professores de Educação Física das escolas do município de Niterói e do entorno e a toda a comunidade.

As atividades ministradas nas oficinas ofereceram a todos uma magnífica experiência, ao serem realizadas conforme eram praticadas por nossos ancestrais, e ainda são praticadas pelos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Nos quatro encontros realizados no primeiro semestre do ano de 2019, estiveram presentes estudantes dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Jornalismo, Pedagogia, Produção Cultural, Psicologia, Publicidade, Serviço Social e professores de Serviço Social e Educação Física da Universidade Federal Fluminense, assim como alunos e professores da rede básica de ensino de Niterói e Maricá, servidores técnicos e outros integrantes da comunidade, que possuem interesse em aprender mais sobre a temática do projeto.

Os temas trabalhados nos encontros foram o cacuriá, jogos de mancala, jo-

gos indígenas da etnia Kalapalo e roda de samba. Recebemos visitas de pessoas de todos os gêneros e idades nas oficinas, que participam e mostram-se interessadas tanto na aula teórica quanto na aula prática. Ter essa experiência com a comunidade está sendo muito gratificante, pois ver o interesse e a empolgação das pessoas ao conhecer a história de outra cultura ressalta a importância de debatermos sobre as questões étnico-raciais, principalmente no âmbito escolar.

As atividades ministradas foram bem recebidas pelo público presente, que se divertiu e ao mesmo tempo aprendeu jogos, danças e brincadeiras de outras culturas. No início de cada oficina muitos se mostravam tímidos, mas com o decorrer das atividades logo se soltavam; e, ao final, se perguntavam por que não tiveram essas aulas quando estudavam no ensino básico ou médio. Ressaltavam a dificuldade em participar das aulas de educação física, pois sempre eram voltadas para vôlei, handebol e futebol, não dando espaço para outras atividades que possibilitariam que todos os alunos participassem.

Vivenciar as manifestações da cultura afro-brasileira, africana e indígena nos espaços externos do prédio do Instituto de Educação Física mostra que as aulas podem ser dinâmicas, construtivas e divertidas, causando assim uma transformação no espaço acadêmico e mostrando que a aula, tanto teórica quanto prática, pode ser feita em outro ambiente, diferente das salas de aula, o que torna sua prática mais prazerosa.

Estar à frente do projeto como bolsista está sendo uma honra e grande responsabilidade, pois o projeto está ajudando a manter a cultura e a tradição de nossos ancestrais através de atividades lúdicas, que serão usadas por pesquisadores e ensinadas às futuras gerações. A experiência em poder planejar as oficinas e ministrar as atividades tem ajudado muito em minha formação acadêmica como professor de educação física, e através desse projeto levarei para as escolas, após minha formação, a riqueza da cultura indígena, africana e afro-brasileira, através de jogos, brincadeiras e danças.

Julio Cesar da Silva é extensionista do Projeto Educação das Relações Étnico-Raciais em Jogo: Diálogos e Afetos. Coordenadora: Prof.^a Claudia Foganholi Alves.





Meu Relato Como Extensionista

Gabriela Alves Pereira

Mineira, criada em cidade pequena com baixíssimas taxas de violência, souri um choque quando, ao chegar ao Rio de Janeiro, me deparei com uma realidade tão diferente da qual estava habituada. Em Angra dos Reis, onde curso Políticas Públicas na UFF/IEAR, em contraste com histórias bonitas e nostálgicas de um paraíso que só existe nas fotos e nas memórias de seus moradores mais antigos, muitos são os relatos apavorados de cidadãos feitos de reféns pela violência. Esses relatos, ratificados pelas notícias sangrentas da mídia local, quase sempre relacionadas ao tráfico de drogas, contribuem para que a ideia que se tenha de Angra seja a de uma cidade violenta, dominada por traficantes vindos do Rio, um caos impossível de ser contido pelas autoridades, um caso perdido (todas essas expressões foram usadas por pessoas com as quais conversei sobre a violência em Angra desde que me mudei para cá, em 2017).

Essa era a ideia que eu também tinha sobre a segurança pública angrense. Mas, por mais que eu tivesse medo e ainda me surpreendesse com casos e acontecimentos que jamais ocorreriam em minha cidade natal, me interessava cada vez mais pelo tema. Assim, em meados de 2018, fui selecionada pelo professor Fabiano Monteiro, grande pesquisador da área, para ser sua bolsista no projeto de extensão “Diagnóstico de Segurança Pública e Social de Angra dos Reis”. Durante os meses em que trabalhei no projeto, consegui compreender melhor a história da cidade, sua dinâmica social e criminal e, assim, me despidendo dos *pré-conceitos* anteriores, pude enxergar uma realidade que só a pesquisa e o conhecimento podem mostrar.

Acredito que seja importante falar sobre essa primeira experiência extensio-

nista porque, embora ela não seja o foco deste relato, é o grande divisor de águas de toda minha experiência enquanto aluna de políticas públicas, pesquisadora na área de segurança e, principalmente, enquanto cidadã residente em Angra dos Reis. Além disso, o projeto do qual sou bolsista atualmente, o “Plano de Prevenção da Violência e Desenvolvimento Local em Territórios Vulneráveis do Município de Angra dos Reis-RJ”, não existiria sem o “Diagnóstico” e outros projetos que o precederam, visto que é fruto de anos de pesquisa sobre a região da Costa Verde, em especial Angra.

Como bem explica o professor Fabiano na descrição sobre os objetivos do projeto, o Plano de Prevenção da Violência e Desenvolvimento Local em Territórios Vulneráveis “visa provocar a reflexão conjunta entre gestores, moradores e pesquisadores acerca das potencialidades existentes nos territórios, que permitam dirimir os impactos do crescimento acelerado e desordenado na região, bem como a garantia da cidadania e o exercício democrático frente ao avanço da violência.”

Para tanto, contamos com o apoio dos CRAS – Centros de Referência de Assistência Social – para que possamos ter contato com as pessoas atendidas por eles, tidas como a parcela da população mais afetada pela violência, moradora dos territórios vulneráveis e carente de políticas que efetivem seus direitos de se desenvolverem em todas suas potencialidades. O próximo passo da pesquisa será a aplicação de questionários para conhecer as opiniões, demandas e ideias dessas pessoas.

Mais uma vez, a extensão da UFF me permitirá sair da minha zona de conforto, da minha bolha social, e enxergar através de outros olhos. Olhos de pessoas que, talvez, nunca terão a chance de estar no lugar privilegiado em que eu estou, que é a universidade pública. Essa é uma responsabilidade grande, que aceitarei na esperança de fazer a diferença, mesmo que pequena, na vida delas.

Gabriela Alves Pereira é extensionista do Projeto Plano de prevenção da violência edesenvolvimento local em territórios vulneráveis do município de Angra dos Reis-RJ. Coordenador: Prof. Fabiano Dias Monteiro.



Encontros educativos sobre os cuidados pós-natais do recém-nascido de baixo risco

Ingrid Lucchese

O presente projeto visa à realização dos cuidados domiciliares do recém-nascido com qualidade e segurança, essenciais para as puérperas e seus familiares. A instrumentalização das famílias mediada por encontros educativos dialógicos entre profissionais/acadêmicos (educadores) e puérperas/familiares (educandos), que partam das reais necessidades desses últimos, sendo estes compreendidos como sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem, é um elemento essencial para uma educação transformadora que contribua para o empoderamento das famílias.

Sendo assim, essas são as premissas que justificam a realização desse projeto, cujos objetivos são: realizar oficinas de discussão com os graduandos de enfermagem no que se refere à educação em saúde, o processo de alta da maternidade e os cuidados domiciliares com o recém-nascido; realizar rodas de conversa junto às gestantes, puérperas e familiares sobre os cuidados domiciliares com o recém-nascido; identificar as dúvidas das gestantes, puérperas e familiares sobre cuidados domiciliares com o recém-nascido durante as rodas de conversa; orientar gestantes, puérperas e familiares quanto aos cuidados domiciliares com o recém-nascido através de simulações em bonecos; discutir junto aos acadêmicos de enfermagem as experiências da roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a sensibilização de gestantes, puérperas e familiares de recém-nascidos quanto aos cuidados domiciliares.

A ação extensionista está em andamento. No primeiro semestre deste ano, foram realizadas seis rodas de conversa com puérperas, gestantes e familiares, nas quais as principais dúvidas foram relacionadas à amamentação, cuidado

com o coto umbilical, higiene corporal, refluxo do recém-nascido, manejo da cólica, broncoaspiração, dúvidas sobre o ambiente domiciliar e sua relação com o sono do recém-nascido. No total, durante os seis encontros, foram assistidos aproximadamente quarenta participantes, incluindo puérperas, gestantes e seus familiares. Através das dúvidas levantadas pelos participantes, foram discutidos os assuntos e esclarecidas as dúvidas. Quando necessário, foram demonstrados os cuidados com o boneco e realizada a dinâmica do “certo e errado”, que consiste em variados produtos que podem ou não ser usados no bebê, para que as puérperas, gestantes e seus familiares digam o que usariam e o que não usariam em seus cuidados domiciliares, o que foi bastante enriquecedor para a troca de experiências.

A realização de um projeto de extensão sobre os cuidados domiciliares com o recém-nascido junto às puérperas, gestantes e aos familiares, através de rodas de conversa e simulações em bonecos, é fundamental no processo de formação do enfermeiro, pois a educação em saúde é um componente essencial em sua prática profissional. Além disso, neste semestre, ao ser introduzida a dinâmica do “certo e errado”, percebemos uma maior interação entre os sujeitos e os acadêmicos, visto que a dinâmica aguça a curiosidade, portanto surgem mais dúvidas.

Também se percebe a importância dessa troca de experiências com os cuidadores, pois em suas falas ainda são evidenciadas atitudes que seriam tomadas e não são preconizadas pelo Ministério da Saúde, como o uso de faixas e moedas sobre o coto umbilical, que podem acabar causando infecções; a utilização demasiada de pomadas de prevenção de assaduras, pois, por sua espessura ser bastante grossa, na remoção pode acabar agravando a assadura e irritando a pele do bebê; bem como de lenços umedecidos, que podem acabar causando alergias e irritação, pois muitos contêm álcool e outros produtos químicos; além de notar que muitos não têm o conhecimento de que é necessária a realização da higiene da cavidade oral, mesmo antes de os dentes nascerem, com gaze e água filtrada, para prevenir o surgimento futuro de cáries; entre outros, a fim de obter um crescimento e desenvolvimento saudável das crianças e reduzir a mortalidade neonatal.

Logo, a oportunidade de realizar esse tipo de atividade potencializa e qualifica a sua formação, agregando valores técnicos, científicos, éticos e sociais, tendo em vista a integralidade e a humanização do cuidado. A realização de pesquisas bibliográficas também contribui para a formação acadêmica dos alunos parti-

cipantes por permitir o aprofundamento na temática. Ademais, essa atividade extensionista, além de favorecer a instrumentalização de puérperas, gestantes e familiares, favorece a idealização de pesquisas científicas sobre práticas educativas em saúde que, além de promover a saúde, melhorem a qualidade de vida das pessoas, no caso específico do recém-nascido e sua família, na transição da maternidade para casa.

Ingrid Lucchese é extensionista do Projeto Práticas educativas em saúde sobre os cuidados com o recém-nascido no processo de alta da maternidade. Coordenadora: Prof.^a Fernanda Garcia Bezerra Góes.



A Ativação do Sensível na Atenção Psicossocial a partir da estratégia de Educação Permanente em Saúde

Giovana Cardoso Citeli Jordão

Descobri em meus caminhos que atuar em saúde mental é um desafio, que requer reinvenções constantes. Neste desafio é preciso estar disponível, viver, sentir e se entregar. É preciso estar aberto às infinitas e inesperadas possibilidades, que só acontecem a partir de um trabalho vivo em ato.

Ser um psicólogo e trabalhador em formação no campo da saúde mental é aprender a ser cuidador, copeiro, recepcionista, amigo, artista e criança. É viver e encontrar-se mundo afora, construindo novos caminhos junto daqueles que se perderam em si mesmos com o passar dos anos.

Ativar o sensível na formação neste campo é ser humilde e valorizar as pequenas coisas do dia a dia, sabendo que elas nos ensinam muito mais do que qualquer teoria, que nos formam profissionais abertos para ter um encontro com o outro.

Falar sobre a atenção psicossocial é falar sobre vida, entendendo que o trabalhador enquanto tecnologia humana é o que sustenta o trabalho no campo da saúde mental, compartilhando seu corpo muitas vezes para construir vida com o outro.

Neste sentido, na presente experiência de extensão, cujo objetivo é qualificar

e refletir sobre as práticas de trabalho e cuidado com a equipe de saúde mental do CAPS do Município de Piraí, foi possível perceber que cada discussão sobre as práticas de trabalho nestes meses sensibilizou essa equipe, ampliando características potentes e possibilitando análises sobre as mudanças necessárias em seu modo de produzir cuidado.

A ativação do sensível nesta equipe se consolida quando é preciso unir forças para sustentar a forma de cuidado da atenção psicossocial, preconizando o cuidado em liberdade fundamentado na reforma psiquiátrica, fortalecendo o trabalho multidisciplinar e inter-setorial, insistindo nas ações de desinstitucionalização e no trabalho de reabilitação psicossocial. Creio que este seja o maior desafio enfrentado nesta experiência, porém também o fator de maior mobilização para mudança e reflexão do processo de trabalho cotidiano desta equipe.

Acredito que um dos notáveis frutos dessa mobilização da equipe foi a construção da intervenção “Oficina de Sensibilização”, em parceria com a equipe do hospital geral da cidade de Piraí e com os integrantes discentes e docentes da UFF participantes do presente projeto de extensão.

Esta intervenção consolidou-se a partir da proposta de desenvolver uma oficina para qualificar o cuidado na atenção à crise nos leitos de internação no hospital geral, compreendendo que o trabalhador do hospital, ao deparar-se com um usuário de saúde mental em situação de crise, vivencia sentimentos de insegurança, medo e impotência, apresentando dificuldades com o manejo da situação.

Neste sentido, a intervenção “Oficina de Sensibilização” se organizou metodologicamente em quatro oficinas, estruturadas em cinco momentos. Diante das diversas repercussões que esta intervenção teve nos trabalhadores do hospital, darei ênfase ao último momento da oficina, que se caracterizou por uma roda de conversa com os usuários que estiveram internados no leito e a equipe do hospital geral; este momento, a meu ver, sendo o maior produtor de mudanças e afetações.

A iniciativa de realizar uma roda de conversa com os usuários e trabalhadores para uma troca de experiências configurou este espaço em uma roda de educação permanente, em que os usuários puderam falar sobre suas vivências no momento da crise e como gostariam de ser tratados, ao mesmo tempo em que os trabalhadores compartilharam suas dificuldades na assistência ao usuário no momento da crise. Esse compartilhamento do vivido na experiência da loucura

produziu uma ativação do sensível na equipe, ao se aproximarem dos usuários fora da crise, além de emergir pistas para o manejo terapêutico.

Em minha visão, esta experiência da intervenção “Oficina de Sensibilização” é extremamente inovadora e revolucionária, tendo em vista o movimento e a luta que devemos fortalecer todos os dias em prol de um cuidado compartilhado e humanizado, que contemple as diretrizes e princípios do SUS, da reforma psiquiátrica brasileira e da luta antimanicomial.

Expresso extrema gratidão por ter tido a oportunidade de viver estas experiências junto a uma equipe de trabalhadores extremamente acolhedora, que vive verdadeiramente a proposta da atenção psicossocial, valorizando o estudante em formação e legitimando nosso lugar enquanto parte influente neste trabalho, como no convite para ter fala pública sobre o trabalho realizado nesta parceria, o que aconteceu no Fórum Bimensal de Trabalhadores e Usuários da RAPS do Médio Paraíba, onde fui privilegiada em poder compor a apresentação da intervenção da “Oficina de Sensibilização”.

Giovana Cardoso Citeli Jordão é extensionista do Projeto Práticas educativas em saúde sobre os cuidados com o recém-nascido no processo de alta da maternidade. Coordenadora: Prof.ª Fernanda Garcia Bezerra Góes.



Pré-Universitário Social da UFF Rio das Ostras

Ana Beatriz Rodrigues Ferreira

Iniciei minha experiência no projeto de extensão no primeiro período do ano de 2019 e, como tutora, tenho a função de montar um cronograma que será apresentado ao longo do período, ministrar aulas, resolver exercícios junto com os alunos e auxiliar na resolução de dúvidas referentes ao conteúdo da disciplina de português e literatura.

O projeto conta com três turmas, sendo uma no período da manhã de 08:00 as 12:00 e duas no período da noite de 18:00 as 21:45. No total são 150 alunos inscritos, divididos em 50 alunos por turma, que já tenham concluído o ensino médio ou estejam no último ano do mesmo.

Não fazemos restrição de idade, o que é fundamental para acolher alunos que estão há muito tempo fora da sala de aula e buscam uma oportunidade de ingressar na faculdade.

Por se tratar de um projeto de extensão cujo público-alvo são pessoas que não possuem condição financeira de custear um preparatório particular para auxílio no vestibular, tenho contato com diversas realidades diferentes da minha, vivências de mundo que têm se tornado um grande aprendizado e auxiliado na minha formação acadêmica. Além de transmitir um conhecimento para os alunos, sinto que aprendo muito com eles sobre como lidar com o ser humano, como viver com pessoas diferentes, e isso tem despertado uma confirmação sobre a busca pelo mestrado após a conclusão da graduação.

Uma das vantagens do projeto é o auxílio da coordenadora que se faz sempre presente, que incentiva os alunos e marca diversas reuniões para que estejamos

sempre alinhados no que se refere ao que vai ser transmitido, além de oficinas que realizamos com os alunos que têm como finalidade expor um pouco sobre diversas profissões e sobre o que a Universidade Federal Fluminense tem a oferecer.

É claro que, como tudo na vida tem seus prós e contras, no projeto não seria diferente. Como somos acadêmicos, a carga horária de projeto se torna um pouco cansativa ao longo do período, além de faltar recursos midiáticos para todas as aulas, mesmo com a coordenadora fazendo o possível para que possamos utilizar sempre um projetor, o que facilita na otimização do tempo durante as aulas.

Porém, apesar de alguns empecilhos, falta de alguns recursos e desgaste físico, é uma grande honra fazer parte desse projeto que ajuda tantas pessoas, que dá um novo olhar para alunos que chegam achando que não são capazes de pertencer à universidade e depois retornam ao mesmo local como alunos, não mais do preparatório, mas da graduação de sua escolha.

É gratificante saber que, de alguma forma, estou sendo capaz de transformar vidas, trazer uma nova oportunidade e uma nova perspectiva de vida para tantos alunos que olham com um olhar de admiração por sermos, por vezes, da mesma idade que eles e já estarmos ocupando um papel de transformação na vida de muitos.

Só a educação é capaz de transformar, e esse projeto veio para mostrar que a educação transforma não somente o educando, mas também o educador.

Ana Beatriz Rodrigues Ferreira é extensionista do Projeto Pré-Universitário Social da UFF Rio das Ostras. Coordenadora: Prof.^a Sandra Maria do Amaral Chaves.





Qual o caminho para garantir os direitos das mulheres?

Larissa Batista Franco

Para pensar o direito das mulheres, lembro de duas frases: “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”, da filósofa Simone de Beauvoir, e “quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”, da ativista Rosa Luxemburgo. Essas frases significam algo que não cabe em palavras: o sentimento de justiça social, a vontade de construir uma sociedade mais igualitária, a indignação ao ver alguém sofrendo violação de direitos e, no caso das relações de gênero, notar como, ao longo da história, as mulheres tiveram seus direitos negligenciados e vozes silenciadas. Esses sentimentos podem também vir acompanhados de uma sensação de impotência. Portanto, como transformar o sentimento em ação?

A partir do desenvolvimento do projeto, a concepção da ideia de projetar um curso de capacitação e formação em direito das mulheres, com o público-alvo de mulheres que são lideranças comunitárias ou que desejam ser, tomou forma; e, a cada passo dado, a concretização da proposta mostra a importância de atividades extensionistas com enfoque em questões de gênero.

Tem-se então a parceria com a Coordenadoria Geral de Políticas para Mulheres do Município de Macaé, a qual surge a partir de outro projeto de extensão sobre gênero, e está sendo fundamental no processo de efetivação do curso: além da parte estruturante do projeto e o contato com outros setores públicos, possibilitou conhecer pessoas que desenvolvem políticas públicas por acreditarem naquilo que fazem e na transformação social.

Sendo assim, a partir do planejar o curso junto à Coordenadoria, foi possí-

vel utilizar a rede já existente em Macaé de proteção aos direitos das mulheres, que procura sempre estar em expansão, como o Centro Especializado de Atendimento à Mulher e a Patrulha Maria da Penha. Também fui convidada para contribuir com a retomada do Grupo de Trabalho da Rede Contra a Violência de Gênero e pude encontrar mulheres de diversos setores que, unidas pelo sentimento de justiça social, querem pensar estratégias para que possam concretizar a ação, para combaterem a violência doméstica que atinge milhares todos os dias.

Estar em uma atividade extensionista que se articula com os setores públicos do município no qual a universidade está, em um contexto de cidade mediana como Macaé e que possui diversos estudantes que vêm de fora, como eu, e não conseguem criar laços com a cidade e nem ao menos conhecer as políticas públicas que aqui são desenvolvidas, proporciona uma experiência que capta o sentimento e transforma em ação, bem como traz uma carga de pertencimento.

As mensagens com interesse em conhecer e contribuir com o projeto via e-mail, Instagram. O interesse dos portais de notícias em realizar matérias para divulgar a iniciativa. O surgimento de convites para que o projeto seja desenvolvido nos Centros de Referência de Assistência Social da cidade. A expressão no rosto das mulheres quando se explica sobre o que é o projeto. Todas constituem memórias marcantes, e ainda a certeza de que muitas outras estão por vir. O curso terá início em 19 de setembro, e as inscrições já estão abertas desde dia 19 de agosto.

Nesse processo de organização do curso, tornou-se evidente que, para cumprir a função social que a atividade extensionista se propõe a ter, era necessário que o curso fosse realizado em um local que não a universidade; uma localização central. A partir de um contato feito entre a Coordenadoria de Políticas Públicas e a Secretaria Adjunta de Qualificação Profissional, conseguiu-se que o projeto fosse desenvolvido no Centro de Educação Tecnológica e Profissional (Cetep), uma instituição pública que promove 40 cursos profissionalizantes para a população macaense, sendo um espaço de aprendizado que cumpre um papel importante na busca de autonomia, seja financeira, seja intelectual e de formação.

Por fim, o aprendizado sobre a Educação Jurídica Popular e o seu ideal, de uma educação na qual o educador aprende com o educando, que seja horizontal, que valorize os conhecimentos populares, muda a percepção de sistema educacional e te tira do lugar comum universitário de “o grande detentor de conhecimento”. Assim, age como princípio do desenvolvimento do curso e suas aulas,

para criar um ambiente acolhedor e possibilitar efetivamente a troca de saberes.

Enquanto estudantes de Direito, temos contato com diversos debates jurídicos, mas em muitos resta o sentimento de sobrecarga teórica e nem sempre as questões sociais entram em pauta. Aliás, como concretizar os direitos humanos? Como superar a dicotomia entre igualdade formal e material? Como tornar as mulheres cidadãs ativas e engajá-las na luta por direitos? São questões que não possuem uma resposta concreta; contudo, a partir do desenvolvimento do projeto, suas respostas começam a tomar forma.

Larissa Batista Franco é extensionista do Projeto "Elas por Elas: direito das mulheres em pauta".
Coordenadora: Prof.^a Fernanda Andrade Almeida.



Promoção da saúde mental com crianças no âmbito escolar: conversando sobre *bullying*

Giulia Lemos de Almeida

A partir do programa Saúde na Escola, o enfermeiro se insere no ambiente escolar, visando unir os saberes do profissional da saúde e da educação, a fim de manter a população escolar o mais bem informada possível. A temática saúde mental nas instituições de ensino e em nossos lares é, por vezes, negligenciada. O *bullying*, principalmente, ocorre na maioria das escolas, afetando diretamente os envolvidos. Desse modo, o projeto entende que, para evitar os casos de *bullying* nos colégios, há necessidade de sensibilizar as crianças, com a realização de atividades buscando a interação dos alunos e a compreensão de seus atos.

O projeto objetiva conscientizar as crianças de que suas atitudes, com ou sem intenções de magoar, podem afetar o próximo, trazendo consequências para sua própria saúde mental e a da vítima, tratando também sobre a importância da saúde psicossocial. Busca-se, além disso, trocar informações sobre o *bullying*, instigando reflexão a partir das atividades realizadas. O projeto mostra-se relevante na medida em que histórias de agressão psicológica e verbal são relatadas durante os encontros.

Contando com a atuação de acadêmicos de enfermagem, envolvendo a disciplina de saúde coletiva, podem-se viabilizar ações de promoção da saúde, que se inserem junto com a bolsista em campo de ETP e, em dias seguidos, na extensão, levando conhecimentos da pesquisa, através de ações práticas no recreio e sala de aula. A meta principal é criar espaços saudáveis para os estudantes, sendo o ambiente escolar ideal para troca de conhecimento. A partir da educação em

saúde nas instituições de ensino, é possível estimular a conscientização sobre a saúde nos âmbitos físicos, sociais e psicológicos nesses indivíduos ainda em formação.

O projeto aborda a questão psicossocial, principalmente o *bullying*, um tipo de agressão que prejudica quem sofre e quem pratica. Diferentes tipos de violência podem acarretar consequências ao desenvolvimento psicológico das crianças, como a progressão para depressão, ansiedade, automutilação e até o suicídio.

Trata-se de um projeto de extensão que consiste em atividades sobre *bullying* com alunos do Coluni – UFF, sendo realizado às segundas-feiras a cada quinze dias. Os encontros ocorrem durante o horário escolar, no pátio do colégio, participando alunos do ensino fundamental de oito a treze anos de idade. No primeiro encontro, houve reunião com a coordenação, psicólogas e enfermeira para entender a demanda dos alunos. Foram apontados casos constantes de *bullying*, ansiedade e até uma tentativa de suicídio, tendo sido decidido realizar atividades no âmbito da saúde mental, inicialmente sobre o *bullying*, uma vez que este pode desencadear as outras situações relatadas.

Assim, começaram as questões sobre como seria trabalhada a temática com crianças dessa idade, levando em consideração a dificuldade de prender a atenção dos alunos e a adaptação da linguagem. Portanto, foram escolhidas atividades interativas, nas quais os escolares participam do processo de aquisição e transmissão de conhecimento. No segundo encontro, a interação com as crianças se iniciou, no pátio da escola, com alguns alunos do primeiro e segundo ano. Uma história foi contada na qual um menino foi excluído das brincadeiras, pois estava com piolhos. Então, foi solicitado que os escolares desenhassem como se sentiriam caso acontecesse com eles próprios. Foram entregues desenhos com expressões tristes, alguns mostrando os mesmos chorando e outros foram devolvidos com relatos de sentimento de indiferença. Os alunos foram orientados a, quando reconhecerem algum caso de *bullying*, conversar com a vítima e o agressor.

No terceiro encontro, um dado foi elaborado, em que cada face possuía uma imagem de criança triste, estimulando cada aluno que girasse o dado a contar uma história que ocorreu dentro da instituição e o deixou chateado. Houve diversos relatos, como meninos zombando da mochila de uma das crianças, ou meninas zombando das roupas de outra garota. Foram constatadas também histórias de *bullying* cometidas pelo mesmo aluno, sendo conhecido como uma

pessoa que possui este tipo de hábito. Assim, houve estímulo para que esses casos sejam reportados e abominados.

O projeto de extensão dedica-se ao combate de um tipo de violência que cresce mais a cada ano, acometendo e sendo praticada, principalmente, pelos jovens, afetando seus relacionamentos interpessoais e sua saúde mental. O *bullying* é realidade na vida dessas crianças; portanto, levamos trabalhos de sensibilização para o âmbito escolar sobre o *bullying*, com o intuito de mudar alguns paradigmas e evitar diversas consequências ruins, como o desenvolvimento de transtornos mentais e sociais. É notório que os escolares aparentam estar mais confortáveis no colégio, com a criação de um laço de confiança das crianças com os graduandos, em um ambiente familiar de aprendizado, sendo a escola um local habitual para expressão de dúvidas, onde os participantes podem abertamente falar sobre suas inseguranças.

Giulia Lemos de Almeida é extensionista do Projeto Promoção da saúde das crianças do colégio universitário da UFF. Coordenadora: Prof. Jorge Luiz Lima da Silva.



Multiplicando a Cultura de Direitos Humanos

Thayná Rosário Lima da Silva

O projeto de extensão “Desenvolvendo: Cultura dos Direitos Humanos na Infância e Adolescência” teve seu início em maio de 2019. Possui como principal objetivo levar até alunos das escolas públicas da cidade de Macaé a discussão do tema direitos humanos, ao apresentar o documento internacional Declaração Universal dos Direitos Humanos. A abordagem nas escolas será feita através de atividades lúdicas desenvolvidas pelas alunas integrantes do projeto, sendo coordenadas pela professora doutora Letícia Leidens.

A importância deste projeto de extensão reside na necessidade de discutir o tema direitos humanos com o público das crianças e adolescentes, que geralmente tem pouco acesso a discussões e estímulos que envolvem o tema. Sendo assim, é imprescindível que desde novos eles tenham contato com o assunto, para que passem a compreender seus direitos e deveres, saibam reconhecê-los e, caso necessário, possam reivindicá-los. Pela falta de informação e distorções conceituais, uma grande parcela da população não consegue interpretar ou refletir sobre os valores que os envolvem, imprescindíveis para o processo civilizatório. Por este motivo, se mostra evidente a relevância da abordagem do tema desde a infância e juventude para a formação de cidadãos conscientes e críticos.

Dessa forma, para determinar a ação, inicialmente foram feitas reuniões para especificar qual seria a faixa etária das crianças e adolescentes com os quais trabalharíamos, quais seriam as escolas que visitaríamos e quais seriam as atividades desenvolvidas pelo grupo. A primeira dificuldade encontrada nessas reuniões foi a questão de desenvolver atividades que se adequassem tanto para crianças quanto para adolescentes. Por isso, optamos por trabalhar com grupos

separados pela faixa etária, inicialmente com turmas de crianças e, na sequência, com grupos de adolescentes, podendo assim focar em desenvolver atividades para uma faixa etária específica.

Após alguns encontros onde se fez um levantamento de ideias de atividades que poderiam efetivamente ensinar às crianças sobre os direitos humanos e que ainda fossem lúdicas, objetivando que os jovens realmente se interessassem pelo tema, determinamos quais atividades seriam desenvolvidas pelo grupo e, no momento seguinte, essas ideias começaram a tomar uma forma mais concreta.

Assim, alguns exemplos de atividades que estão sendo desenvolvidas pelas integrantes do projeto são: uma peça de teatro onde simularemos um tribunal, com a finalidade de demonstrar alguns direitos humanos que seriam de difícil visualização por parte das crianças; um jogo de dominó adaptado, onde de um lado da peça teremos uma imagem/desenho que representará um artigo da DUDH e do outro sua parte escrita; uma dinâmica em que separaremos os adolescentes em grupos e levaremos jornais com manchetes atuais, para que possam identificar o tema direitos humanos, no caso, sendo violados, demonstrando o quanto isso está presente no nosso cotidiano e possibilitando uma reflexão sobre como podemos defender os nossos direitos; paródias de músicas infantis sobre os artigos da DUDH para que as crianças possam aprendê-los com maior facilidade. Além disso, ao fim das nossas atividades nas escolas, deixaremos um mural lúdico e criado no contexto da ação acerca dos 30 artigos da DUDH.

É importante salientar que as atividades nas escolas estão ainda em seu início. No final de agosto tivemos uma reunião com a diretora do Colégio Maria Leticia Santos Carvalho, e agendamos nossa primeira ação do grupo para 5 de setembro de 2019. Portanto, o relato no presente momento se restringe à parte inicial de preparação, escolhas e organização da ação.

Um dos nossos principais objetivos é fazer com que essas crianças e adolescentes se tornem multiplicadores sociais do que aprenderam, e que cheguem em casa após a escola e estejam entusiasmados com o assunto para falarem com suas famílias e amigos sobre os direitos humanos.

Deste modo, o projeto me proporciona a oportunidade de vivenciar experiências valorosas e bem diferentes do que é visto na sala de aula, ao ir além dos muros da universidade e levar até alunos de escolas públicas um pouco sobre um assunto tão imprescindível para a sociedade. Portanto, através dessa ação de extensão, posso expandir meus conhecimentos adquiridos no âmbito acadêmi-

co para crianças e adolescentes, buscando de algum modo causar um impacto positivo na vida desses jovens e na comunidade em que vivem. Também será um desafio trabalhar com um público diverso da universidade, no processo de comunicação e linguagem.

Assim sendo, é extremamente gratificante, como aluna e cidadã, pensar que a partir dessa ação de extensão essas crianças e adolescentes podem ser estimuladas e se tornarem agentes transformadores da sua realidade. Acredito que essas atividades podem apresentar repercussões positivas ao longo de todo o desenvolvimento humanista do nosso público, atingindo também o papel da universidade.

Thayná Rosário Lima da Silva é extensionista do Projeto Desenvolvendo: Cultura dos Direitos Humanos na Infância e Adolescência. Coordenadora: Prof.^a Letícia Virgínia Leidens.



Ambientalize

Vinícius Marques Chacon e Silva

Um ambiente sustentável é fundamental para uma vida saudável. Os hábitos da população podem refletir diretamente na saúde do coletivo, tomando como exemplo a poluição das ruas, um fator que pode agravar drasticamente casos de enchentes nos centros urbanos. Nesse contexto, faz-se necessária não só a conscientização dos indivíduos a respeito dos impactos desses hábitos, mas também a promoção de novas práticas que possam auxiliar na contenção desses problemas ambientais. O projeto “Saúde e Ambiente: Práticas e Saberes”, vulgo “Ambientalize”, visa associar práticas sustentáveis ao estilo de vida da comunidade, buscando trazer para o cidadão saberes úteis de maneira simplificada, de modo que ele possa aderir a essas práticas e viver coletivamente de maneira mais saudável e sustentável.

A proposta do projeto surgiu pouco antes da bolsa de extensão, no primeiro evento “Ambientalize”, ocorrido no Parque Municipal Penhasco Dois Irmãos, na zona sul do Rio de Janeiro. Tal evento trazia para as populações rodas de conversa com temas urgentes, como a gestão de resíduos, a produção de alimentos por hortas caseiras, a importância do reflorestamento e das unidades de conservação, a relação entre saúde e meio ambiente. Visando manter essa proposta, o projeto entrou em contato com a Rede Naturalis, que gerencia parques pelo estado do Rio de Janeiro, para tornar mais fácil o contato entre o projeto e a população.

A equipe também participou do evento “UFF nas Praças”, organizado pela Universidade Federal Fluminense e pela prefeitura de Niterói. Neste evento, foram discutidos tópicos como gestão de resíduos e redução de consumo, utili-

zando como exemplo algumas práticas sustentáveis como a compostagem reutilizando baldes, hortas verticais reutilizando garrafas PET, e a produção de sabão ecológico a partir do óleo de cozinha.

Esta produção de sabão ecológico é uma das marcas do projeto, pois é um produto que chama bastante atenção da população, tornando mais fácil discutir e incentivar tanto essa quanto outras práticas sustentáveis. Sendo assim, o grupo realiza oficinas com os alunos da universidade mostrando todos os processos da produção de sabão a partir do óleo, a fim de promover essa prática. Além disso, almeja colocar um ponto de coleta de óleo na universidade, deixando à mostra o produto final, isto é, disponibilizando o sabão ao lado do ponto, a fim de incentivar o processo. Esse processo também é apresentado para os alunos da universidade como uma oficina.

Partindo da mesma premissa, o projeto Ambientalize agora busca atuar também em escolas, para ministrar oficinas de educação ambiental, agregando as práticas sustentáveis à formação pessoal dos alunos. Além disso, há o estudo de outras práticas sustentáveis que podem ser compartilhadas com a população, como o reaproveitamento de biogás a partir de um biodigestor de matéria orgânica e o uso de plantas específicas para fitorremediação. Tais práticas se mostram promissoras quanto à recuperação de áreas degradadas e ao combate à poluição do ar.

Vinícius Marques Chacon e Silva é extensionista do Projeto Saúde e Ambiente: Práticas e Saberes. Coordenador: Prof. José Paravidino de Macedo Soares.





Transformação aplicada à ciência

Beatriz Fileme

Atuar em comunidade é um desafio e uma conquista alcançada a cada encontro do meu saber com o do outro. No momento em que surgiu a proposta de trabalhar com idosos, a fim de promover saúde, junto a ela, vários questionamentos se seguiram. Uma estudante de enfermagem que havia iniciado o segundo período poderia oferecer alguma contribuição relevante? Não obtive a resposta desse questionamento imediatamente, porém, eu teria. Em janeiro de 2018, experienciei o primeiro contato com a ciência por trás da atuação junto à comunidade. Numerosos estudos acadêmicos destrinchados semanalmente conferiam maior importância à intervenção que dali a poucos meses participaria.

O primeiro obstáculo enfrentado não estava ligado ao contato com a comunidade em si, mas a possibilidade de não alcançar as expectativas, afinal representava a Universidade Federal Fluminense. Soma-se a isso, o pouco conhecimento sobre o público que seria abordado e o campo de atuação. Porém, essas questões iniciais foram contornadas devido à excelente mentoria da coordenadora da ação, que esteve disponível em todos os momentos para apoiar e motivar o desejo na obtenção de cada vez mais conhecimento sobre as temáticas planejadas e o percurso acadêmico.

Jurujuba é uma comunidade tradicional na cidade de Niterói, composta por diversos moradores ligados à pesca e maricultura, e, por essa razão, a nova equipe que integrava o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) encontrou dificuldade em alcançar a população acima de sessenta anos, que foi enquadrada em situação de vulnerabilidade, em função disso convidou o projeto para atuar

no centro de convivência onde o CRAS estava alocado a fim de atrair moradores com a faixa etária pretendida objetivando iniciar atividades educativas sobre promoção da saúde e envelhecimento ativo. Nesse contexto, o principal dilema era estimular e preservar o interesse dos idosos durante as atividades, respeitando o protagonismo, autonomia e demanda espontânea quanto à participação.

Durante o primeiro encontro, evidenciou-se o motivo das numerosas semanas de estudos, pois os participantes constituíam um grupo heterogêneo em diversos sentidos. A partir do primeiro contato, observou-se a necessidade de formas de comunicação alternativa devido ao grupo ser composto por analfabetos funcionais e de baixo poder aquisitivo. Diante desta nova demanda, os encontros que estavam programados para acontecerem mensalmente foram ajustados para a utilização de metodologias ativas, contribuindo com desdobramentos que me agregaram novas habilidades enquanto discente.

O desenvolvimento do projeto ocorreu de forma acelerada. Crescemos juntos, tanto em número quanto em conhecimento. Espantosamente, ainda nos primeiros encontros, partiu dos idosos o desejo de realizar as atividades quinzenalmente. Em decorrência do aumento na frequência das reuniões uma nova necessidade se estabeleceu a partir do surgimento de novas temáticas que desencadeou mudanças extraordinárias em um dos participantes menos provável.

Com o passar dos meses, o grupo estava estabelecido e a confiança sobre o trabalho realizado se tornava cada vez maior. Porém, somente na execução da Oficina de Memória Social, aquele questionamento sobre a minha capacidade de ser promotora de mudança na vida deles foi respondida. Durante as discussões sobre o papel do idoso na sociedade, houve unanimidade sobre o senso de valor social se resumir a força de trabalho, e, com o advento da aposentadoria, o indivíduo se sentiria marginalizado. A oficina foi realizada em três encontros com temáticas de valorização à vida e o papel estrutural do idoso na sociedade. Em consequência da necessidade da discussão, essa oficina se tornou um marco tanto para mim quanto para eles. Seria a primeira vez que ouviriam sobre a importância do que representam, assim como se estabeleceria a ciência por trás da prática de extensão causando transformações para além da saúde física, com a minha contribuição.

O encerramento da oficina coincidiu com a semana do Dia Nacional do Idoso, o que justificava a organização da festa com o tema karaokê. No entanto, havia muito mais a ser celebrado naquela tarde. Um dos participantes que havia sofrido um AVC, anos atrás, passava por um processo de isolamento social

desencadeado por sequelas que, por vezes, resultavam em episódios epiléticos, e comentou em mais de uma ocasião que não participava de atividades sociais em grupo devido à vergonha de um possível incidente. Neste dia, ele chegou ao encontro acompanhado de sua esposa, e, após algumas músicas, surpreendendo a todos se aventurou a cantar. Ao se deparar com a cena, comoventemente, sua esposa integrou-se ao trio o qual eu ajudava a compor. Ao som de “Whisky a go go” eu obtive a resposta que tanto ansiava. Por essa razão, a extensão compõe o tripé do que a academia representa, e que jamais poderia se completar em sua ausência.

Beatriz Fileme é extensionista do Projeto Envelhecimento Ativo: uma proposta de intervenção interdisciplinar para a promoção da atenção integral da pessoa idosa. Coordenadora: Prof.^a Moema Guimarães Motta.



A construção de uma esperança

Mariáh Valentim Pessanha Rodrigues

O Projeto Barco Escola faz parte de praticamente toda a minha trajetória universitária. Entrei no projeto em 2015, mesmo ano que entrei na UFF, convidada pelo coordenador Marcio Cataldi. A princípio o projeto estava apenas no papel, mas eu e mais dois alunos compramos a ideia e mergulhamos na missão de tornar uma ideia tão nobre em realidade.

A proposta do coordenador era levar a alunos de ensino médio de escolas públicas a compreensão de que a universidade é uma possibilidade real na vida deles, que a comunidade acadêmica é feita por pessoas comuns, que erram e aprendem como eles, na intenção de desmistificar a vivência universitária, mas nunca passando a ilusão de que será algo fácil, apesar de possível.

A partir dessa ideia, buscamos tornar mais interessante o que é ensinado em sala de aula vinculando com o que é produzido na graduação. Com os temas de meio ambiente, energias renováveis e instrumentação meteorológica e oceanográfica, transformamos fórmulas de física e matemática, tidas muitas vezes como inúteis e sem sentido pelos alunos, em algo interessante e visível. Além disso, tratamos de assuntos de geografia, biologia e química de uma maneira interdisciplinar e presente no cotidiano.

Para tornar todos esses assuntos palpáveis, criamos e agregamos diversos experimentos, durante a aula teórica, para ilustrar a teoria, o que foi muito importante, pois, para entender o experimento, até os alunos mais indisciplinados prestaram atenção e participaram das aulas, surpreendendo inclusive os professores da escola.

Mas, para incentivar o aluno a buscar a graduação, levar experimentos na sala deles não é suficiente. Por isso, preparamos uma oficina no laboratório de instrumentação de baixo custo da UFF, que, atrelada à aula embarcada que finaliza o projeto, faz os alunos verem de fato que são capazes de produzir ciência e de ser parte da comunidade acadêmica.

Durante a oficina, os alunos têm a oportunidade de conhecer o espaço físico da universidade, o que causou reações surpreendentes. Alguns deles choraram de emoção ao se verem nesse lugar, outros, com os olhos arregalados, caminhavam com a cabeça distante, além das várias perguntas que surgiam durante a caminhada no campus. Mas, o que é comum a todos eles é o brilho nos olhos.

Após conhecerem o espaço, nos dirigimos ao laboratório e explicamos da maneira mais simples possível o funcionamento do Arduino. Em seguida, dividimos em dois grupos, um para aprender sobre circuitos eletroeletrônicos na prática, fazendo um circuito reaproveitando componentes eletrônicos de aparelhos obsoletos que iriam para o lixo. O outro grupo tem uma rápida aula de programação em Arduino, usando como base o sensor de temperatura e umidade, e em seguida eles protagonizam a programação e montagem desse sensor. Os grupos são trocados para que ambos tenham as duas experiências. No início a maioria fica bem tímida e com medo de mexer nos equipamentos, mas em pouco tempo todos topam colocar a mão na massa e muitos, inclusive, querem fazer mais de uma vez.

A ida à UFF já estimula muito os alunos a quererem fazer alguma graduação, mas para incentivar ainda mais, vamos para a última etapa, que dá nome ao projeto. Chega o grande momento de embarcar no Barco-Escola. Com todo o conhecimento que eles construíram nas etapas anteriores, estão capacitados para fazer o trabalho de campo repleto de equipamentos, dentre eles, o que foi construído por suas próprias mãos no laboratório.

Para o barco, os alunos levam uma ficha, com parâmetros a serem coletados, e equipamentos, alguns movidos a energia solar. É explicado a eles que vamos passar por alguns pontos específicos da baía e parar para medir, o que varia entre 3 e 5 locais. Ao chegar a esses locais, os alunos são orientados a fazerem exatamente o que se faz em um trabalho de campo da graduação ou pós. Eles devem observar o local e interpretar os dados, além, é claro, de registrar. Os dados do sensor de baixo custo feito por eles podem ser comparado com os dados de um sensor semiprofissional, cerca de 15 vezes mais caro. Nesse momento, é incrível observar que os alunos se veem numa situação em que precisam de cuidado e

seriedade, e apesar de serem adolescentes empolgados, eles se sentem responsáveis e protagonistas do trabalho.

Todas as experiências são diferentes entre si, porque os alunos são diferentes entre si, e cada um tem muito a aprender e mais ainda a ensinar. É incrível ver que eles terminam o projeto diferentes, mais animados e determinados a buscar a capacitação, nem sempre acadêmica, mas também cursos técnicos.

O ponto alto de emoção, nesse projeto, foi receber mensagens de alunos que entraram na UFF, como o aluno de pedagogia na UFF Pádua e outro de engenharia elétrica em Niterói. A sensação é de dever cumprido e realização. A Universidade tem que ser uma oportunidade para todos e todas, e nossa função, no Projeto Barco-Escola, é mostrar essa oportunidade para quem não acredita que a tem.

Mariáh Valentim Pessanha Rodrigues é extensionista do Projeto Barco-Escola. Coordenador: Prof. Marcio Cataldi.



A Divulgação científica a partir do solo

Marcelo da Silva Regufe

Minha experiência como bolsista extensionista tem início no começo do ano, quando entrei em contato com a professora Itaynara Baptista, do Instituto de Geografia da UFF, conversamos sobre possibilidades acadêmicas. A partir desse momento, eu demonstrei interesse em entrar no projeto que a professora tinha arquitetado. Começando assim o projeto com a parceria do professor Gabriel Nuto e mais três estagiários, o “Conhecendo os Solos”. Este projeto seria para ampliar o conhecimento e método de como a ciência é vista de fora do ambiente acadêmico, transmitindo a ciência do solo como meio para atingirmos nosso objetivo.

Nossos encontros acontecem de uma vez a duas vezes na semana, para tratar de quando serão as práticas nas escolas, questões de metodologia aplicada, a construção e ampliação do projeto. Essas reuniões acontecem ou na sala da professora ou no laboratório. No LAGEF (Laboratório de Geografia Física), é onde guardamos nosso material. Ao lidarmos com materiais em que temos de ficar sempre cuidando, um minhocário, diversas mudas de feijões, um corte de solo vivo, assumimos a tarefa de estar sempre estar disponível na UFF.

O corpo técnico é formado por dois professores da UFF, Itaynara Baptista e Gabriel Nuto, e três estagiários, Marcelo Regufe, Rayane Paiva e Carol Lopes, sendo o primeiro bolsista. Nas primeiras reuniões, ficaram decididos os primeiros encontros para unir informações capazes de nos dar resultados científicos sobre o tema. Iríamos ao colégio público da UFF, o COLUNI. Nessas primeiras oficinas do projeto, ingressamos nessa escola e utilizamos diversas questões, experiências e metodologias, além de apresentar a importância, a qualificação e o

uso do solo.

Nessas reuniões, o foco é a interação do público e de mostrar a importância do solo e sua estrutura nos moldes simplificados, a fim de qualificar o público, através de experiências e demonstrações de solos bem preservados, com raízes e solos totalmente degradados. As experiências projetadas, em sala de aula, estimulam a criatividade e o ensino dos alunos que praticam o que aprenderam dos livros. A prática nos alunos tem estimulado a todos nós, a fazer cada vez mais uma experiência mais dinâmica e envolvente por ambas as partes, apresentando aos alunos o que é a ciência e que podem, sim, fazer parte do corpo científico.

Nosso projeto mostra como é a utilização do solo e como ele é presente na vida das pessoas, sendo a primeira experiência sensorial. Nessa primeira experiência, os alunos tocam em alguns tipos como a areia e a argila, além de transformarem em figuras e demonstramos a elasticidade do material.

Falamos dos diversos tipos de problemas que o solo pode causar e de algumas especificidades de onde podem ser encontrados diversos tipos de solos. Exemplificamos que a argila pode ser usada como máscara e que o solo é essencial na agricultura e na construção de casas, podendo, em alguns casos, ser exatamente o fator de não poder ter construção nestes locais.

A segunda experiência é sobre a porosidade do solo e busca mostrar que o solo tem certa capacidade de absorção da água. São colocados dois recipientes, o primeiro com um corte de solo com raízes e o segundo com a terra solta. Os alunos, instruídos pelo corpo da extensão, adicionam água e observam o que acontecerá. Ainda nessa experiência, expressamos a atenção para a construção em áreas de risco de quedas e que uma região com bastantes árvores, tem menos risco de desmoronamento.

A partir disso, os alunos demonstraram grande interesse e algumas perguntas foram feitas em relação ao porque do solo não se desfazer por mais água que eles colocassem na superfície com raízes e plantas. A outra vira lama e, no recipiente, não aparenta ser mais sólida, o que foi de espanto por parte dos alunos, que jogaram mais água na outra, para tentar transformá-la em lama, o que não ocorria.

Dentre essas primeiras experiências, tivemos algumas dificuldades para chamar atenção dos alunos, pois, além de nosso corpo ser pequeno, não convivemos diariamente com eles. Essa distância se evidenciou nas vezes em que tivemos que pedir silêncio. A idade dos alunos também foi uma dificuldade pessoal

e a falta de didática para aplicar, que foi facilmente vencida pela perseverança, na crença, no poder, no falar e na aplicação dos temas, além de certa facilidade para se explicar o conteúdo.

Os alunos ficam vidrados em serem cientistas por um dia e descobrem que podem ser diariamente, seja em casa ou na rua. O projeto no COLUNI foi em 4 oficinas, em diversas séries e coletou informações através de um questionário em que estamos ainda elaborando os resultados e tirando conclusões. Este, por si, estimula os alunos e mostra a importância de projetos como esse nas escolas públicas do nosso país. Como responsáveis pelo projeto, estamos tomando gosto pela divulgação de dados que podem influenciar novas gerações a buscarem a ciência como objetivo de vida.

Marcelo da Silva Regufe é extensionista do Projeto Conhecendo os Solos. Coordenadora: Prof.^a Itaynara Batista.



Relato de experiência

Marcos Felipe Pereira Valença

O projeto de extensão que participo, o Pré Universitário Social da UFF Rio das Ostras, tem o intuito de prestar auxílio para aqueles que desejem tentar o ingresso em uma instituição de ensino superior, com foco principal naqueles que desejem fazer isso pelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O projeto ocorre dentro da própria universidade, que disponibiliza todo o aparato necessário para que as aulas possam ocorrer. Essas aulas são uma revisão de todo o conteúdo exigido pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), instituição vinculada ao MEC (Ministério da Educação).

Sou aluno de engenharia de produção do campus de Rio das Ostras, desde o primeiro semestre do ano de 2015, e atuo nesse projeto desde março de 2018. Devido ao que estudei durante a minha graduação e a vontade de experimentar a sensação de dar aula, tive boas qualificações para poder tutoriar a disciplina de física e, vinculado a isso, mostrar a aplicabilidade e explicar fenômenos que convivemos, no dia a dia, ou não, do ponto de vista físico.

O pré-vestibular é uma ação que lida com todos os tipos de público. Ao mesmo tempo em que temos alunos jovens, alguns nem são maiores de 18 anos, também há aqueles que já possuem uma idade bem mais avançada. Outra diferença também existente é de alunos que acabaram de cursar, ou ainda estão cursando, o ensino médio (ou equivalente) e aqueles que já não estudam há muito tempo. Outro ponto de muita diversidade, diz respeito à diferença cultural entre os alunos que fazem parte do projeto.

Toda essa diversidade traz consequências para sala de aula. E muita das ve-

zes, essas consequências se traduzem em dificuldades na hora de passar algum conteúdo ou informação acerca do assunto proposto que está sendo discutido naquele momento. Além dessa dificuldade de comunicação entre tutor e aluno, há também os conflitos causados entre os próprios alunos.

Para contornar essa situação, procuro sempre trazer exemplos de diversas situações que englobem todos os grupos ao mesmo tempo, como, por exemplo, o funcionamento de alguns motores, pisos estufados e uso de desodorante são modelos de situações que todos presenciam cotidianamente e independem de idade e cultura. Apesar de tentar dar uma aula igual para todos os alunos, é esperado que não seja possível atingir esse objetivo visto que, além da diferença cultural, há diferentes tipos de alunos, cada um com suas próprias facilidades e dificuldades. É nesse ponto que a atenção individual é de extrema importância.

É comum alunos me procurarem após as aulas ou até mesmo por outros meios (como *WhatsApp*, e-mail, *Facebook* e afins) para poderem tirar dúvidas tanto da matéria como também de alguma questão que ainda ficou alguma dúvida. Esses momentos de atenção individual que eu tenho a maior possibilidade de ajudar o aluno com aquela dúvida, pois posso compreender com cada um onde existe cada dificuldade.

Existem duas dificuldades principais que percebi ao longo dos dois anos que participei do projeto. A primeira diz respeito ao nervosismo do aluno com a chegada do ENEM e com toda a cobrança, pessoal e externa, que vem acompanhada com a prova. Para esses alunos é necessário ter uma conversa, a nível pessoal, para explicar-lhes como lidar com essas situações e, se necessário, até mesmo dar relatos de vivências pessoais para animá-los. A segunda dificuldade está muito relacionada à dificuldade que os alunos têm com outra disciplina: matemática. Muitas vezes por ter dificuldade nessa disciplina, os alunos demonstram dificuldades em entender a matéria de disciplina de física, visto que a principal ferramenta dela é a matemática. Para contornar esse problema, tento, antes de ensinar as fórmulas, explicar o fenômeno que aquele assunto trata e, após isso, utilizar a ferramenta matemática para quantificar seus efeitos.

Lidar com todas essas situações são de muita importância pessoal para mim. As experiências que obtive são aplicáveis em âmbito acadêmico, social e cidadão, pois o Pré Universitário Social me ensinou, acima de tudo, a como me comunicar, a relacionar com pessoas de diferentes idades, culturas e escolaridade.





Revisando a revisão: como ser um revisor

Maria Clara da Cunha Machado

Dentro da Letras, uma das áreas de atuação mais conhecida para além do magistério é o trabalho de revisão de textos. Ao contar a um conhecido, amigo ou familiar que essa é a área de atuação, não é incomum ouvir o subsequente pedido para ajudar na revisão de um determinado texto ou documento, ou uma pergunta sobre como se escreve corretamente uma determinada palavra, como se um profissional da área tivesse a obrigação de saber toda e qualquer norma gramatical e ortográfica.

O que é muitas vezes deixado de lado ao longo desse senso comum é a importância desse profissional para a vida acadêmica e cotidiana. Mais do que apenas aquele amigo que revisa a monografia de final de curso ou um documento, que pode informar a forma correta de dizer uma palavra como se fosse um dicionário, o revisor de textos tem a responsabilidade de conhecer as melhores maneiras de se dizer um determinado texto, de reduzir a ambiguidade, de aplicar as normas prescritas por aquela determinada revista/editora/publicação. É um campo vasto, portanto, reconhecido tanto pela comunidade quanto pelos pares, porém um que não é amplamente divulgado durante a graduação de um estudante de Letras.

Há, sim, as matérias de gramática e literatura, mas ser um bom revisor vai muito além disso e programas como a Oficina de Revisão Editorial abrem espaço para essa qualificação profissional. Um saber que vai além do gramatical, englobando todo o universo dos textos científicos, e que é exigido na maioria das editoras na hora da contratação.

Elas querem experiência, alguém que esteja familiarizado com o processo, a responsabilidade e o cuidado necessário ao revisar o texto de outro, afinal o revisor deve lidar diretamente com o texto do outro sem permitir que seus gostos estilísticos interfiram em sua avaliação, resultando em um determinado julgamento de valor. Ao contrário do que é geralmente imaginado, um revisor não deve modificar/ alterar o material alheio, mas sim sugerir, apontar e explicar os erros e as modificações, cabendo ao próprio autor acatá-las ou não.

Dessa maneira, o projeto extensionista da Oficina me permitiu, e permite, aprender na prática e no convívio com outros professores e profissionais da área a melhor maneira de lidar com as inusitadas situações apresentadas. Da mesma forma, hoje me permite ajudar meus próprios colegas, pois como parte da equipe do projeto já em seu segundo ano, agora também consigo participar da elaboração das oficinas, apresentado tópicos que costumavam me causar dúvida antes de um aprofundamento do estudo e que agora já conheço as soluções ou a melhor maneira de contornar.

Além, disso, apesar de ser um trabalho de natureza solitária em sua essência, o projeto permitiu uma integração entre os membros da área dentro da universidade, criando uma rede de apoio e de colaboração que enriquece a todos nós coletivamente. A cada dúvida ou passagem complexa, é possível entrar em contato com colegas ou professores e debater o problema, encontrando, juntos, uma melhor maneira de indicá-lo ao autor e contribuir para uma maior clareza do texto.

Porém, ao mesmo tempo em que o revisor atua, de certa forma, nas sombras e no anonimato – afinal, nossos nomes podem estar presentes nas páginas de editoras das revistas, mas são poucos aqueles que os notam – ele retrata a forma como os textos serão exibidos em sua forma final. Toda a pesquisa e trabalho do autor são conferidos pelos revisores antes da publicação em qualquer periódico e isso não poderia ser diferente nas revistas universitárias. Mesmo sem termos nenhum contato direto, é através do revisor, muitas vezes, que um autor percebe questões em seu próprio texto.

Sem a presença de uma equipe de revisores qualificados, nossas publicações não seriam tão bem recebidas pela comunidade acadêmica externa, não porque o artigo não tivesse relevância ou fosse mal escrito, um mero problema de indicações de referência poderia comprometer o trabalho, por exemplo. As normas, embora sempre embasadas na ABNT, variam de periódico para periódico, de editora para editora, e sem uma padronização seria inviável que nossas revistas

recebessem boas classificações e passassem a serem utilizadas como referência tanto interna quanto externa (pois é importante lembrar que não apenas autores brasileiros ou da UFF submetem seus artigos em revistas como a *Gragoatá* ou a *Caderno de Letras UFF*, periódicos no qual atua esse projeto).

Em suma, o projeto de extensão Oficina de Revisão Editorial vem contribuindo de forma expressiva para meu, e de outros diversos alunos integrantes da iniciativa, conhecimento profissional dentro da área, bem como tem contribuído para a melhora no trabalho e no número de alunos envolvidos nas produções acadêmicas da UFF, uma vez que pouco sabíamos a respeito dessas oportunidades de nossa universidade antes da implementação do projeto.

Maria Clara da Cunha Machado é extensionista do Projeto Oficina de Revisão Editorial. Coordenadora: Prof.^a Gloria Braga Onelley.



Odontologia e empatia

Milena Alves Crespo Azevedo

O *Pensa, Imagina, Inventa!* é um projeto de extensão repleto de aprendizados e novas experiências! Ele é realizado no Solar Meninos de Luz, uma instituição filantrópica que atende mais de 400 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social da comunidade do Pavão-Pavãozinho, município do Rio de Janeiro/RJ. Esse projeto me movimentou para fora da zona de conforto de dentro da universidade. Toda sexta-feira, as “missões” me levam a explorar novas realidades da Odontologia além dos muros!

Em uma das atividades do levantamento de necessidades de saúde bucal em crianças entre 4 e 6 anos, em que utilizamos como instrumento de avaliação palitos de madeira e todo o equipamento de proteção individual, me deparei com uma menina que demonstrou aflição e medo. Ela declarava que não gostaria de ser examinada, e por mais que eu tentasse fazê-la mudar de ideia, afirmando que não seria doloroso e demorado, ela não aceitava...Angústia e medo tomavam conta daquela criança totalmente indefesa.

Para nós, estudantes de Odontologia ou cirurgiões-dentistas, estar vestido de branco e portar instrumentos de exame bucal é um ato corriqueiro e inofensivo. Mas, para ela, assim como para muitas pessoas, esse pode ser um cenário de pavor! Como estamos acostumados com toda essa paramentação, não nos damos conta de quais sensações provocamos nas outras pessoas. Foi justamente o que aconteceu com aquela menina, que estava assustada com a minha presença e meus materiais.

Naquele momento, me dei conta que eu era o ser diferente! Aquela não era a minha realidade, mas sim, a realidade da menina. Eu apenas cheguei (em um dia

nublado), invadindo seu espaço e sua privacidade, solicitando que ela abrisse a boca. Sim! Ela deveria fazer isso para uma pessoa desconhecida, que usava roupa e jaleco brancos, e que dava “ordens”. Ao refletir sobre o que estava acontecendo, me dei conta que muitas vezes falta essa sensibilidade em nossa atuação! Hoje entendo que essa falta de empatia só faz aumentar a aflição das pessoas com a figura do cirurgião-dentista.

Era necessário pensar de outra forma, pensar em uma alternativa que fizesse de mim não mais a “estranha”, e sim, parte daquele meio de convívio! Foi quando percebi que ela segurava uma boneca em seus braços. Chamei-a para brincarmos e ela aceitou. Passaram-se alguns minutos. Aos poucos, ela foi falando mais, se expressando com mais facilidade e me contou o nome da sua boneca, como ela brincava e quem havia lhe dado aquele presente.

Com essa aproximação, comecei a tentar introduzir a ideia de fazer o exame bucal na menina. Juntamente com sua boneca, que coincidentemente tinha uma escova de dente “acoplada”, ensinei-a como escovar os dentes e a menina gostou! Ela foi ficando cada vez mais perto de mim. Passou a encostar no meu corpo. A partir daí, nós escovamos e examinamos a boca da boneca com os palitos de madeira, os mesmos do exame bucal. Após essa situação, perguntei-a se poderia realizar o mesmo procedimento do brinquedo nela e, por fim, ela autorizou, com prazer. Examinei! Ao término, ela não só havia gostado, como pediu para permanecer naquele local até que todos os exames nas outras crianças acontecessem.

Naquele ambiente, ela me ajudou escrevendo nas fichas de exame clínico, desenhando e ajudando as outras crianças a perderem o seu meu medo também. E, ao término da atividade, uma situação inusitada: a menina afirmou que a partir daquele dia gostaria de se tornar dentista! Que satisfação enorme! Foi incrível perceber como através de poucos gestos e ações nós, futuros profissionais da saúde, temos a capacidade de mudar a vida de alguém, a sua saúde, a sua autoestima! Dei-me conta que temos um grande poder nas mãos e que temos que usá-lo com sabedoria.

Após ver que a Odontologia é real, que vai muito além daquilo que estamos acostumados a viver todos os dias e que muitas pessoas necessitam de nós, minha vida acadêmica se tornou mais fácil. A partir dessa experiência no projeto, consegui perceber que muitos seres humanos com necessidades de saúde bucal são “esquecidos” pelas autoridades, especialmente os que moram em locais afastados, nas periferias de nossas cidades. Hoje compreendo que não podemos

deixar essas crianças e adolescentes “para trás”. Ao contrário, acredito que devemos cumprir nosso papel na sociedade e promover uma Odontologia acessível, segura, com amor e empatia!

Milena Alves Crespo Azevedo é extensionista do Projeto Pensa, Imagina, Inventar! Cocriação e compartilhamento de saberes e tecnologias sustentáveis em promoção da saúde. Coordenador: Prof. Deison Alencar Lucietto.



Guia prático sobre vacinas no smartphone: o uso do QR Code como ferramenta digital de divulgação e auxílio a profissionais e alunos de Enfermagem

Pablo Fernandes Pinheiro

Minha experiência em um projeto de extensão tem sido muito importante para a construção do profissional que eu desejo ser no futuro, em especial, sendo um aluno de enfermagem podendo vivenciar as mais diferentes realidades sociais das pessoas que utilizam o sistema público de saúde. A princípio, o que parecia ser apenas um instrumento de difusão das informações voltadas aos profissionais, evoluiu para um método de informação também à sociedade acerca de todos os processos de vacinação, e prestando um serviço muito importante de educação em saúde, de modo que fosse possível mostrar aos cidadãos que iriam entrar em contato conosco sobre a relevância e a seriedade da Universidade Federal Fluminense, fomentando a importância de seus serviços e mostrando que ela representa mais do que uma academia. A universidade pública é um órgão que atende a população como um todo, não apenas os estudantes.

O objetivo do guia prático é o de auxiliar os técnicos de enfermagem e os enfermeiros a respeito das mais diversas informações sobre os procedimentos, contra indicações, e doses recomendadas relacionados à vacinação. Concomitantemente a essas informações contidas no guia, foi explicitada a nossa responsabilidade com a prestação de um serviço à comunidade, organizando rodas de

conversa, tirando dúvidas nas salas de espera dos postos de saúde, divulgando corretamente as informações e combatendo as mais diversas inverdades no tocante a esse tema que é de suma importância.

Minha visão mudou muito, porque ela se transforma completamente, sendo oriunda de um estudante que estava em uma sala de aula absorvendo informações teóricas das mais variadas disciplinas para uma pessoa que entra no ambiente social dos pacientes, e que se insere verdadeiramente na realidade do povo fora das paredes das salas de aula, e o projeto visa possibilitar o conhecimento de suas realidades e necessidades. Tenho certeza de que é muito importante incluir o acadêmico em atividades desse tipo, desde os primeiros períodos, para que ele adquira experiências que não podem ser passadas apenas nas aulas. O conhecimento teórico é de extrema relevância, mas quando há a oportunidade de unir teoria com a prática, é feita uma ligação de tudo o que se aprende com a aplicação do saber à vida fora da academia. Diante disso os projetos de extensão são extremamente necessários para mim. É nosso dever levar a nossa comunidade o nosso conhecimento, e oferecê-los tudo o que nós temos para oferecer.

Acho que nós, alunos da UFF, somos mais do que alunos. Todos nós somos um investimento necessário para o crescimento científico, tecnológico, e social da comunidade brasileira como um todo, e todos nós deveríamos ter consciência do nosso papel e da nossa relevância. Um outro fato que eu acho importante mencionar é que mesmo vindo de um bairro da periferia de São Gonçalo e natural de uma família que sempre utilizou os serviços públicos, eu nunca consegui observar tão bem as carências e dificuldades da população como eu posso observar agora, sendo um acadêmico que está prestando serviços a eles.

Considero que eu, hoje, possuo uma experiência maior do que eu possuía antes, e que eu amadureci bastante com as responsabilidades e deveres que foram destinados a mim, assim como a toda a minha equipe. Melhorei também minha capacidade de relações interpessoais e estou cada vez mais ciente da nossa contribuição a todos que necessitam de informação e do apoio da nossa instituição, em especial a população mais carente. Agradeço a todos os meus mestres, minha escola de enfermagem, universidade e amigos pela oportunidade que eu estou tendo, e que eu julgo ser única e necessária para que possamos evoluir cada vez mais como nação, bem como seres humanos individualmente.

Pablo Fernandes Pinheiro é extensionista do Projeto Guia prático sobre vacinas no smartphone: o uso do QR Code como ferramenta digital de divulgação e auxílio a profissionais e alunos de Enfermagem. Coordenadora: Prof.^a Gina Peres Lima dos Santos.



O cuidado é uma equação equivalente

Paloma Gomes de Araujo

Ao passar para o curso de medicina veterinária, eu acreditava que minha dedicação deveria estar sempre voltada para os animais, os quais representariam o meio e o fim da minha realização profissional. Acredito que essa ideia errônea seja compartilhada por muitos alunos do meu curso, e que muitos só entendem a verdadeira complexidade da profissão depois de formados.

No início deste ano, iniciei a participação em um projeto de extensão, muito motivada pela minha paixão por felinos e pela forma cativante que a minha professora orientadora apresentou o projeto, enquanto ministrava uma aula sobre esporotricose. O projeto “Ações Integradas de Prevenção e Controle da Esporotricose Animal” tem o objetivo de realizar o diagnóstico, acompanhar a recuperação dos animais e divulgar medidas de prevenção dessa zoonose, atendendo a população de Niterói e adjacências.

Desde que comecei, tive contato com muitos tutores e seus gatos. Um momento marcante foi a chegada de um casal, que buscou o projeto pedindo uma segunda opinião, pois havia recebido orientação para realizar a eutanásia de seu animal doente. Aflitos, eles acreditavam que era a única alternativa. Entretanto, no projeto, tomaram conhecimento da possibilidade de tratamento e puderam também conversar com outros tutores, que já vinham cuidando de animais na mesma condição, que os incentivaram para que eles não desistissem do gato sob o cuidado deles. Durante outro atendimento, recebemos uma senhora com sete gatos portadores de lesões características. Após a análise das amostras foi confirmada a infecção pela micose. O projeto, infelizmente, ainda não disponibiliza o antifúngico, que possui um custo elevado e o seu uso deve ser de no mínimo

seis meses. Essa tutora foi persistente, buscando ajuda em diversas ONGs. A medicação foi obtida mediante os laudos comprovando a infecção. Assim, fiquei muito gratificada com a importância do nosso projeto em fornecer o diagnóstico de forma gratuita e com a atitude da tutora, que diante de tantas dificuldades, não desistiu de seus animais, reforçando a ideia de que não devemos hesitar em pedir ajuda.

Mas dentre todos os tutores, uma senhora, em especial, me marcou muito. A mesma chegou ao ambulatório aflita, sentindo-se culpada, pois desconhecia a doença. Explicou que seu gato, Hugo, contraiu o fungo quando ela deu lar temporário a um gato doente. Por se tratar de uma pessoa humilde e sem nenhum referencial prévio, foi necessário transmitir a ela informações sobre a doença de forma a facilitar o seu entendimento. Essa experiência, ao mesmo tempo desafiadora, foi encantadora ao constatar o interesse dela pelo assunto, e quando ela se dirigiu à página digital do projeto e agradeceu diretamente a mim pelo cuidado que tive com seu felino. Fiquei extremamente feliz e fascinada com essa nova forma de reconhecimento adquirida na carreira que escolhi. Por meio dela e com a convivência com outros tutores, pude compreender que a Medicina Veterinária não é só sobre cuidar de animais, mas também é cuidar de pessoas, principalmente, porque o projeto se propõe também a questionar se o tutor apresenta lesões suspeitas da doença, encaminhando aqueles acometidos para o projeto que atende a esporotricose humana.

A extensão é um elo muito importante entre a universidade e a comunidade, sendo uma forma de retribuir o conhecimento acadêmico adquirido e uma fonte de aprendizado. Ser extensionista contribui para que eu me torne uma profissional mais confiante e preparada ao trabalhar em equipe. Acredito que meu principal aprendizado foi que o cuidado é uma via de mão dupla. Ao cuidar de um animal, que pode ser para o tutor como um filho, eu, despretensiosamente, também estou cuidando do tutor, assim como ao cuidar da pessoa, tranquilizando e passando informação, também estou cuidando do animal. E muitas vezes, os tutores encontram formas de retribuir, sejam com palavras ou levando bolos ou doces para mim e para a equipe. Em um contexto maior, se trata do cuidado de toda uma comunidade, já que as ações do projeto têm como objetivo o enfrentamento de uma importante zoonose. Dessa forma, vivencio o aprendizado do conceito de saúde pública, mas aplicado com afeto.

Paloma Gomes de Araujo é extensionista do Projeto Ações Integradas de Prevenção e Controle da Esporotricose Animal. Coordenadora: Prof.^a Elisabeth Martins da Silva da Rocha.





Compartilhando sabedorias

Rafael Triaca

Venho relatar minha experiência com extensionista no projeto “Um novo olhar sobre a aposentadoria”, que tem como objetivo levantar as preocupações quanto a esse momento novo e, na maioria das vezes, controverso que é a aposentadoria por meio da realização de Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA), visando expandir os horizontes dos participantes para as diversas possibilidades relacionadas a esse período que pode ser danoso caso seja limitado a entrar no ócio. A preocupação com a envelhescência sempre me interessou desde antes da universidade, o projeto surgiu para mim como uma oportunidade de estar em contato com um tema que me interessa antes de qualquer perspectiva acadêmica. Comecei minha atuação como extensionista no primeiro período de 2019, no momento, estava cursando o terceiro período de psicologia, nos primeiros encontros com a equipe composta pela supervisora e os estagiários que compunham o grupo nos limitávamos a construir nosso cronograma, realizar divulgações do projeto e discutir leituras as quais serviriam de base para nossas atuações no campo da aposentadoria e envelhescência já que nosso PPA só começaria mais a frente no decorrer do período e esse já estava acordado de ser realizado na Base hidrográfica da Marinha de Niterói, instituição parceira de nosso projeto de longa data e, justo por isso, passei esse primeiro momento do período ouvindo relatos das experiências dos que já haviam realizado o projeto no local e me encontrava fantasiando como seria a minha própria ao ser meu momento de atuar, alimentando cada vez mais meu anseio por começar minha primeira experiência no papel agente potencializador de mudanças na vida de indivíduos que estavam no aguardo de uma ruptura na dinâmica de suas vidas que seria a aposentadoria, papel esse que foi o principal farol que me trouxe à psicologia.

Ao chegar ao primeiro dia de realização do grupo no local, ainda não havia nenhum participante, mas não tardou para que começassem a chegar e preencher a roda a qual se constrói para a realização dos encontros. No primeiro momento, com a maioria dos participantes fardados, senti-me enclausurado numa existência que não se fazia compatível com o ambiente militar e fiquei me perguntando como se daria todo o decorrer do grupo frente a esse choque de ambientação, foi proposta então pelo facilitador uma dinâmica de apresentação onde todos da roda iriam participar, consistia em desenhar uma fruta a qual haveria algum tipo de identificação do indivíduo com ela, e após, seria falado a razão da escolha de determinada fruta, fui pego de surpresa por ter de participar também, mas, quando se deu início às falas, tive, pela primeira vez, o sentimento de conforto que ainda iria sentir cada vez mais vezes ao longo das atividades, sentimento esse que se deu por cada fala não soar desdenhosa quanto a dinâmica, mas, sim, cheias de entrelinhas e interpretações recheadas de subjetividade que cada participante pincelou nos seus desenhos tão simples e significativos. A cada dinâmica que foi realizada e nas pausas para o café no meio dos encontros, pude conhecer cada vez mais seres humanos ímpares, que possuíam memórias ricas de vidas com tantos altos e baixos que enxergavam na aposentadoria um grande momento para relaxar de décadas de árduo esforço para se inserirem no sucesso buscado e me vendo em situação delicada que era ter de alertá-los do perigo de não planejar suas aposentadorias e achar que o ócio seria a melhor escolha para descansar, ao mesmo tempo que, entre cafés e biscoitos, no intervalo, eu mesmo era cruzado por conselhos e histórias pessoais que me remetiam a um grande encontro familiar onde eu era o jovem cercado por pessoas que me acolheram como um membro e, ao mesmo tempo que esperam meu auxílio, não se viam apenas como passivo e sentiam-se à vontade para me auxiliarem no trajeto tão longo que ainda vou trilhar que é a vida.

Conclui o que ouvia desde o início de minha graduação, que cada indivíduo é rico em suas individualidades e só é possível saber como lidar com ele ou o grupo quando de fato estiver em contato na prática. Pude-me sentir realizado ao ouvir o quanto foi importante o grupo para seus participantes que chegavam sem muito saber o que esperar da aposentadoria e saíram com planejamento para tê-la como uma vida ativa, mas acima de tudo importante para mim, que pude ter meu primeiro contato com minha prática profissional com pessoas incriveis e aprender a lidar com os empecilhos inevitáveis na relação do profissional com outros indivíduos e instituições, reconhecendo também a importância da extensão na universidade, que proporciona experiências como essas, permitindo nosso crescimento como profissional e pessoal, e, principalmente, promo-

ve esse contato intrínseco do conhecimento científico com a comunidade geral, indispensável já que é para ela que nossa produção deve ser guiada.

Rafael Triaca é extensionista do Projeto Um Novo Olhar Sobre a Aposentadoria. Coordenadora: Prof.^a Janes Santos Herdy.



Potências da Extensão Universitária e suas articulações com a sociedade

Raquel Trigo Pereira

Na condição de bolsista do projeto de extensão “Os Confins da Psicanálise em Tela: a Mulher, o Corpo, o Amor e a Morte” tentarei, por meio deste depoimento, transmitir uma parcela do meu trabalho e da minha experiência extensionista no presente ano. Antes, considero imprescindível destacar a importância das ações de extensão na sociedade de Niterói, a qual abriga uma das sedes da Universidade Federal Fluminense (UFF), e também em tantas outras comunidades que de alguma forma, se articulam, por meio da extensão, com o conhecimento produzido na academia.

Por intermédio de diversas ações de extensão, a universidade transpõe seus muros e transborda conhecimento na sociedade. Afinal, o conhecimento não é produzido para toda a comunidade? Criar e participar de tais ações significa também reconhecer a importância científica e prática das trocas de saberes e simboliza a luta para defender uma universidade pública, gratuita e de qualidade. A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, traço caracterizador das universidades públicas, mostra-se à comunidade por meio de um processo político e cultural que, por sua vez, é inter e multidisciplinar. Como as ações de extensão se dão na prática? Para esclarecer tal dúvida, irei contar um pouco da minha vivência no “UFF nas Praças” e nos eventos realizados pelo projeto de extensão Confins.

É preciso deixar claro que, não conseguirei expressar em palavras, grande parte da riqueza de conhecimento científico produzido nesse dia e boa parcela das potências estabelecidas nas trocas de saberes entre a comunidade e os estudantes. Em dois dias de evento, estudantes e profissionais de todas as áreas do

conhecimento e de todas as sedes da UFF, levaram à sociedade de Niterói, um pouco do que é produzido dentro da universidade pública. O modo de levar o conhecimento à sociedade variou: aconteceu por meio de apresentação de pôster, experimentos científicos, atividades lúdicas, atividades corporais ou procedimentos de saúde. No entanto, dois pontos ligaram toda essa diversidade: o amor pelo o que, nós estudantes, construímos na universidade e o interesse nos olhos dos cidadãos que participaram das ações.

No meu caso levei à sociedade um pôster que explicava um pouco a trajetória e as ações do projeto de extensão o qual faço parte. Desde 1986, o projeto “Os Confins da Psicanálise em Tela: a Mulher, o Corpo, o Amor e a Morte”, vem mudando as formas usuais de apresentação e discussão de filmes, uma vez que, buscamos escapar da mera aplicação de um saber acabado sobre os elementos presentes no contexto cinematográfico. Para isso, buscamos os filmes para inquirir a Psicanálise e demais saberes constituídos. Os eventos de exibição e discussão de filmes são abertos a toda comunidade, seja ela acadêmica ou não. Já a divulgação ocorre por meio de cartazes espalhados por toda a cidade e pelo Facebook. Vale dizer que, o projeto realiza outras atividades além da supracitada. São elas: levantamento bibliográfico, realização de grupo de discussão e de estudos e produção de textos e material vinculados aos campos da psicologia e da psicanálise com relação aos temas norteadores do projeto.

Durante o período de exposição do pôster, que levei ao UFF nas Praças, muitas pessoas se aproximavam para saber mais do projeto ou para pegar informações de quando seria o próximo evento de exibição e discussão de filmes. Uma parcela delas se interessava também em saber o histórico de filmes já apresentados/ discutidos e demonstrava interesse em estudar sobre psicanálise e arte. Houve até o caso de psicanalistas parabenizarem o referido projeto de extensão. Toda essa troca com a sociedade e todas as pessoas que se mostraram interessadas, despertou ainda mais em mim, o desejo de continuar estudando e me debruçando sobre psicanálise e cinema. Contudo, aconteceu mais do que isso: a sociedade me confirmou o caráter nevrálgico da universidade pública para construção de processos de conhecimento e autonomia.

Por fim, relato que minha experiência como bolsista de extensão vem mudando algumas pseudo-certezas que eu possuía. Sim, é verdade que a educação como um todo vem sofrendo cortes monumentais em seus orçamentos e também é verdade que as universidades públicas encontram-se ameaçadas. Entretanto, também é verídico que continuaremos resistindo a tais ataques e que uma

grande quantidade de conhecimento científico e ações de extensão de qualidade permanecem sendo produzidas ainda em época de crise. As dificuldades existem assim como eu tinha certeza antes de ingressar no ensino superior público e, posteriormente, nas ações extensionistas da UFF. Mas agora eu sei que, apesar de todos os percalços, a qualidade e a pertinência do que é produzido pelas universidades com e para a sociedade não pode e não vai parar!

Raquel Trigo Pereira é extensionista do Projeto Os Confins da Psicanálise em Tela: a Mulher, o Corpo, o Amor e a Morte. Coordenador: Prof. Paulo Roberto Mattos da Silva.



Uma experiência com jogos e softwares no ensino da matemática

Thais Dias de Oliveira

Me chamo Thais, tenho 23 anos, sou aluna do curso de Licenciatura em Matemática da UFF em Santo Antônio de Pádua e bolsista de extensão há 2 anos consecutivos e irei contar um pouco de minha trajetória até aqui.

Começo com a indagação: o que seria um projeto de extensão?

A palavra extensão vem do verbo estender, que é o mesmo que esticar, expandir. E é exatamente isso o que fazemos em nosso projeto. Nós levamos um pouco da nossa universidade para a comunidade ao redor, da mesma forma, a recíproca também é verdadeira, porque também levamos um pouco da comunidade para nossa universidade, pois nós ensinamos o que aprendemos, e sempre aprendemos algo, ao ensinar.

Trabalhar com extensão, não é simplesmente se associar a um projeto, produzir material e aplicá-lo. Aprendi durante o meu curso de licenciatura, e continuo a aprender, que é sempre necessário levar em consideração a realidade do público que você deseja alcançar. Por isso, nosso projeto é voltado para o ensino fundamental e médio de escolas públicas, pois é necessário levar aos alunos de comunidades mais carentes, a tecnologia educacional, para que possam utilizar a informática, que hoje é algo de tão fácil acesso, de forma a contribuir para sua formação acadêmica. E eu, como aluna de escola pública durante toda a minha vida acadêmica, me sinto muito orgulhosa e prestigiada por ter a oportunidade de participar de um projeto desses, de levar a esses alunos algo que pouco me foi ofertado durante minha trajetória escolar. E por esse motivo, escolhi levar o material que desenvolvemos no projeto, para aplicar na escola em que eu fui

aluna, no Colégio Estadual Deodato Linhares, que fica em Miracema, Estado do Rio de Janeiro, cidade em que resido.

Como utilizamos o software Geogebra na aplicação de nosso projeto, que é um software matemático público e de livre acesso, que nos possibilita trabalhar diversas áreas da matemática como geometria, álgebra e cálculo, necessitamos de uma sala de informática para aplicação do mesmo e, hoje em dia, muitas escolas já possuem essa sala. Na escola em que desenvolvemos as atividades, possuía cerca de 20 computadores e um fato que me chamou atenção é que os computadores não possuíam esse software.

Durante minhas aplicações de oficinas, pude constatar que os alunos também não conheciam esse software, algo que acaba nos entristecendo, pois como pode uma ferramenta de tão autoajuda passar despercebida? Como eu gostaria de ter sido apresentada a ferramentas como essa durante a minha formação...

Mas acredito que é exatamente para isso que projetos como o nosso existem. Para levar a esses alunos ferramentas e meios de enriquecimento intelectual. E tenho certeza que estamos agregando a esses alunos, conhecimentos que talvez sem esse projeto de extensão, eles não teriam acesso.

Durante nossa última oficina aplicada nesse ano de 2019, que foi uma oficina de jogos matemáticos virtuais, onde trabalhamos com jogos como Tangram, Torre-de-Hanói e Dominó Fracionário, todos confeccionados no software Geogebra, pude ver a carinha deles de surpresa e entusiasmo, de estar trabalhando diferentes áreas da matemática em forma de jogos computacionais. Foi uma oficina bem descontraída e cheia de aprendizado.

E realmente foi muito gratificante para minha formação pessoal e profissional, estar ali, ensinando para aqueles que hoje, ocupam o lugar que eu já ocupei. Ir para a frente da turma, enquanto a professora responsável, que também já foi minha professora, senta diante de mim e me assiste, é como se os papéis agora tivessem se invertido. Isso realmente não tem como explicar. A sensação de estar construindo parte do meu sonho, que desde pequena era ser professora de matemática, e poder estar contribuindo para a formação daqueles alunos que também carregam sonhos consigo, é indescritível.

Tenho certeza que o fato de eu estar ali e mostrar a minha história, os incentiva a correr atrás de seus sonhos. Graças ao projeto de extensão, estou vivenciando um pouco disso. Estou me preparando para em breve assumir meu lugar de docente, e acredito que a comunidade irá colher muitos frutos com projetos

dessa magnitude, quem sabe um dia, não serei eu, a professora, que irá assistir um desses alunos administrando suas próprias oficinas?!

Thais Dias de Oliveira é extensionista do Projeto O Uso de Softwares de Domínio Público como Ferramenta de Auxílio na Aprendizagem de Conteúdos Matemáticos. Coordenador: Prof. Wagner Rambaldi Telles.



As construções e contribuições

Thaís Santos Thurler e Silva

O seguinte texto tem o propósito de relatar/elucidar as vivências e aprendizados no projeto de extensão “Deficiência e Trabalho” da Prof.^a Dra. Cristina Lucia Maia Coelho, realizado toda sexta feira na APAE-Niterói, mais precisamente na sala de artes da professora Malu.

O projeto busca em longo prazo a inserção de pessoas com deficiências intelectuais no mercado de trabalho assistido, com a realização de visitas no intuito de conhecer as condições de trabalho e políticas aplicadas nesse ambiente, ou seja, a maneira em que as empresas os recebem e treinam, todavia são notáveis as dificuldades acerca desta demanda, mas idealizamos que com o processo seletivo, as entrevistas, aplicação de testes e a montagem dos perfis serão possíveis encaminhá-los ao trabalho, garantindo assim uma fonte de renda àquelas famílias, a inclusão e principalmente uma mudança no status quo.

As entrevistas são realizadas no intuito de traçar o perfil exato do candidato, suas habilidades, sonhos, percepções do que é o trabalho, gostos, sua escolaridade e entre outras coisas. Após o perfil estabelecido torna-se fácil à distribuição na hora de conseguir as vagas e encaminhá-los, ao final do processo o acompanhamento mensal como forma de identificar se aqueles indivíduos realmente estão no ambiente de trabalho, se tem os mesmo direitos e ações naquela empresa e principalmente se estão feliz de estar no trabalho, fazendo algo que gostam.

Os demais testes tornam-se imprescindíveis na apuração do desenvolvimento cognitivo do sujeito e o que podemos fazer para que habilidades que talvez eles não possuam, possam desenvolvê-las ao longo dos testes propostos.

Entendemos tamanho impacto deste projeto na sociedade e comunidade a qual nos rodeia, e por este motivo que dedicamos nosso tempo e zelo para que com isso este feito se torne realidade, o caminho é longo e complexo, mas acreditamos que no final teremos bons resultados.

Nota-se que grande parcela dos sujeitos entrevistados não recebe nenhum tipo de ajuda do governo, como por exemplo, o LOAS, observado isto, propomos que após as visitas e possíveis assinaturas de CLT seja possível reverter drasticamente às dificuldades financeiras salientadas por alguns familiares.

Ademais, foi possível através de relatos dos responsáveis identificar que grande parte passam a maioria de seu tempo acompanhando seus filhos nas mais diversas atividades, o trabalho nesse caso seria de total ajuda, seja ela no âmbito inclusivo e financeiro como em forma de que os pais os auxiliem no trabalho de sua autonomia completa.

No primeiro dia de visita a APAE, diria que certo nervosismo instaurou-se e por um momento refleti se iria conseguir ou não. Após a primeira conversa com os presentes, senti um puxão instantâneo, soube então que deveria estar ali e que cada ação que fosse realizada moldaria minhas percepções do mundo e das pessoas. Como bolsista deste projeto, foi possível conhecer a trajetória daquele espaço, suas dificuldades, suas conquistas, suas ambições e principalmente o amor que há em cada ação, e em cada palavra. Sinto extrema gratidão por ter tido a oportunidade de estar presente em um projeto como esse, absorvi muitos ensinamentos e espero absorver ainda mais.

Projeto este que contribui para minha formação acadêmica e pessoal, pequenas atitudes mudam o mundo e a vida, aprendi com a Cristina e principalmente na APAE, que não só as atitudes contribuem para mudar algo, como também nos tornam quem somos e quem seremos, além de fazer a real diferença para alguém. São poucas as palavras para expressar verdadeiramente e fielmente minha gratidão, por participar deste projeto de extensão.

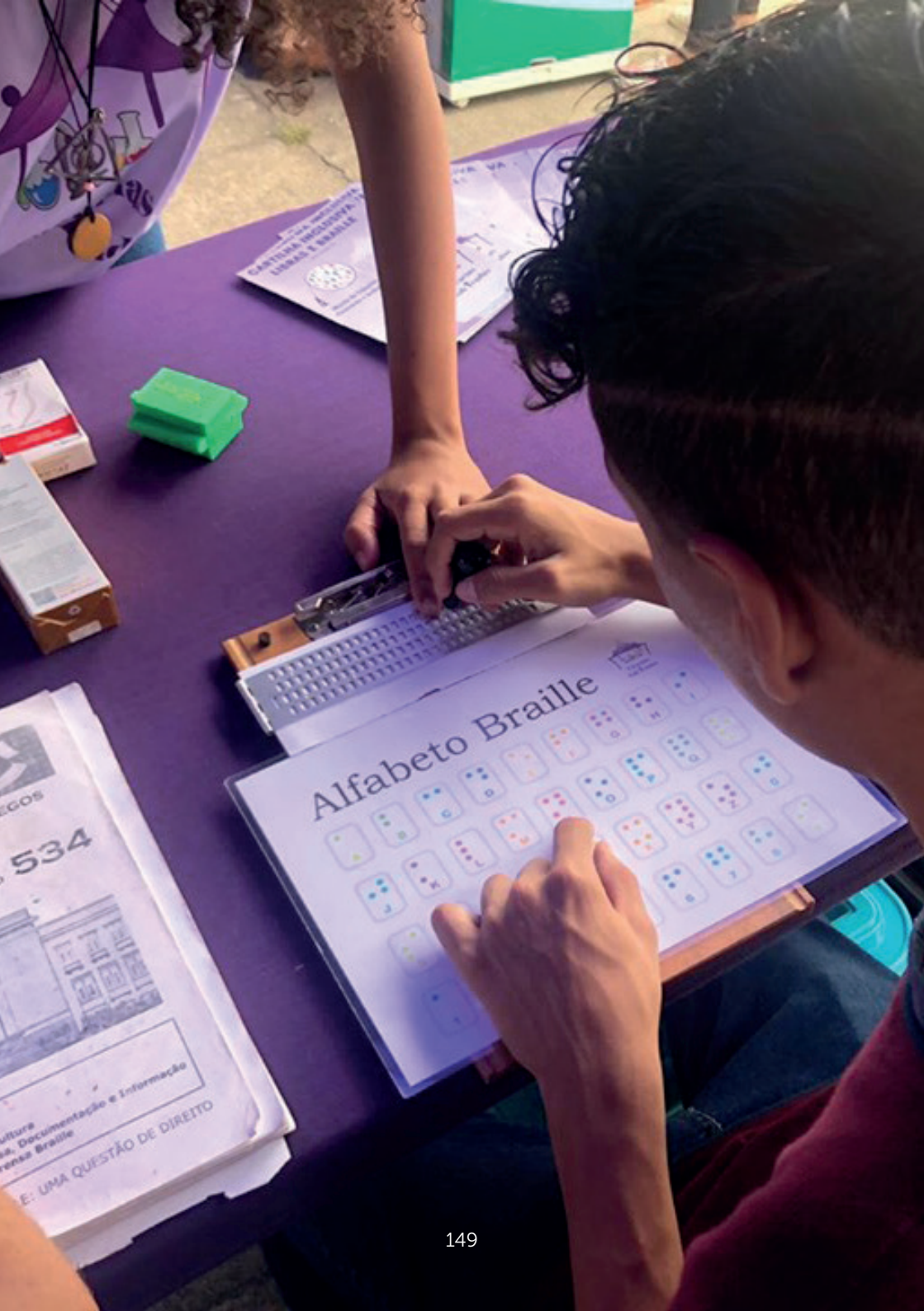
Uma das coisas que mais marcaram nos momentos em que passamos na APAE, foi o acolhimento dos responsáveis e filhos que ali estão presentes, sua bravura e inspiração nos acalentaram e nos agraciaram, suas histórias nos motivaram a persistir e alcançar nosso propósito, a doçura e o carinho recebido tornava a volta à casa fundada no pensamento de que na próxima sexta retornaríamos novamente.

Não há palavras e ações que descrevam as mudanças proporcionadas em

minha vida acadêmica e pessoal, levarei este ensinamento para as graduações futuras e principalmente nos amarres de minha monografia, sei de antemão que está longe, mas este projeto fez-se como um caminho a ser trilhado nas demais áreas acadêmicas.

Espero que este pequeno relato sirva com seu propósito, mas não apenas de relatar como também modificar nossas atitudes em prol do outro, que possamos aprender com as diferenças.

Thaís Santos Thurler e Silva é extensionista do Projeto Deficiência e Trabalho. Coordenadora: Prof.^a Cristina Lucia Maia Coelho.





Um breve relato da minha experiência no Projeto PICS UFF

Yasmin Aguiar Faria Lima

Ao todo são 10 alunos participando deste projeto, que consiste em divulgar evidências científicas à população, resumidas em uma linguagem mais simples e concisa, para serem publicadas na rede através de recursos como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e blog, em uma periodicidade semanal. Das 29 Práticas Integrativas e Complementares (PICS) reconhecidas pelo Ministério da Saúde e disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), selecionamos 11 para aprofundarmos os nossos saberes e elaborarmos os resumos semanais à comunidade pertinentes às respectivas práticas. São elas: Acupuntura, Antroposofia, Aromaterapia, Ayurveda, Dança circular, Fitoterapia, Florais, Homeopatia, Meditação, Reiki e Yoga.

Antes mesmo de iniciarmos o projeto, em fevereiro de 2019, fui interrogada pela professora Gleyce sobre qual prática eu gostaria de ficar responsável pelas publicações. E com toda certeza, a minha resposta foi Homeopatia, pois a arte dessa ciência sempre me despertou muita curiosidade. Eu ouvia e lia relatos de pessoas que usavam a Homeopatia para diversos fins e obtinham sucesso em seu tratamento, porém eu não conseguia entender como aqueles “glóbulos de sacarose” podiam ser tão eficazes para tratar e oferecer um conforto maior aos pacientes do que àqueles oferecidos pela medicina convencional. Tudo aquilo para mim, ao mesmo tempo que era interessante, era difícil de se acreditar, porque eu sempre ouvi de alguns professores e até mesmo de profissionais da saúde que a Homeopatia não passava de efeito placebo.

Entretanto, decidi usar essa minha dificuldade a meu favor e ingressar nessa jornada para aprender mais sobre a Homeopatia e divulgar para a população

um pouco mais sobre essa ciência que traz consigo tantas dúvidas. Dúvidas estas que vão desde o seu preparo até o seu mecanismo de ação no nosso organismo. Foi então que, nessas pesquisas, adquirimos informações que vão desde o surgimento/histórico, a sua farmacotécnica, o correto acondicionamento e administração dos seus medicamentos, até as aplicabilidades terapêuticas dessa ciência tão antiga. E confesso que o mais interessante de tudo isso foi descobrir que a sua aplicabilidade é muito mais vasta do que eu imaginava. Afinal, eu jamais imaginaria, por exemplo, que a Homeopatia poderia “curar” uma paciente que sofria há anos com uma enxaqueca intratável na medicina convencional; ou então que os espermatozoides de bois poderiam ser melhorados com a adoção desses medicamentos.

Não tenho dúvidas que essas publicações farão diferença na vida de muitos leitores que nos acompanham nas redes sociais. Não só as pertinentes a minha prática, como também as dos outros colegas do projeto. Pois esse programa, além de nos enriquecer como acadêmicos e futuros profissionais farmacêuticos permite-nos ter um olhar para o outro. Um olhar mais humano e integrado. Afinal, esse é também o objetivo das PICS. Essas 29 práticas reconhecidas não vieram para substituir a medicina convencional do SUS, mas sim para complementá-la, já que as evidências científicas têm demonstrado os reais benefícios do tratamento integrado entre práticas integrativas e complementares e medicina convencional. Sendo assim, achamos muito válido e necessário compartilhar as pesquisas e a ciência existentes por trás das PICS. Ainda assim, sabemos que esse caminho que estamos trilhando é bastante desafiador, pois a resistência ainda é grande por parte de muitas pessoas. Mas esperamos que juntos possamos apresentar com mais clareza e propriedade as mudanças benéficas que as PICS podem trazer para a vida das pessoas como um todo.

Yasmin Aguiar Faria Lima é extensionista do Projeto Práticas integrativas e complementares em saúde: divulgação de evidências científicas para a população. Coordenadora: Prof.^a Gleyce Moreno Barbosa.



Para Além dos Muros da Universidade

Luiza Silva Rezende

O projeto de extensão “Café com RH: Promovendo ações em prol da melhoria da qualidade de vida no trabalho em Macaé” pertence ao departamento de administração do Instituto de Ciências da Sociedade da Universidade Federal Fluminense e teve seu início no ano de 2012 pela professora e atual coordenadora, Dra. Izabela Taveira. Este projeto tem como principal objetivo instigar o pensamento crítico sobre as questões relacionadas à qualidade de vida dentro e fora do trabalho, recursos humanos, gestão de pessoas, sustentabilidade, saúde, responsabilidade social e segurança no trabalho.

Participo deste projeto como ouvinte desde o ano de 2015, frequentando eventos como grupos de estudos, palestras e rodas de conversa, os quais despertaram o meu interesse em entender quais eram os desafios para se alcançar certa qualidade de vida no trabalho sem perder a ideia de produtividade.

Em de 2016, resolvi me tornar uma voluntária do projeto, para atuar diretamente nas discussões além de auxiliar a promover mais eventos como os que eu havia participado. Também contribuí com a parte da criação de conteúdos para tornar possível a divulgação das nossas ações. Ao mesmo tempo em que ajudava o projeto a se manter vivo junto com os demais integrantes, descobri que ele estava me ajudando a desenvolver algumas habilidades como trabalhar em equipe, melhorar a comunicação, aprimorar a noção de prazos e prioridades, aprender a negociar, além de superar a timidez de falar em público. Em 2019, fui selecionada para a vaga de bolsista do projeto de extensão Café com RH, posição em que me encontro até hoje.

Em abril de 2018, organizamos a roda de conversa intitulada “Mulheres do Mar”, um evento que teve grande repercussão e que contou com a participação de seis convidadas, todas mulheres de diferentes empresas, que já tiveram experiências embarcadas em plataformas de petróleo. Elas compartilharam com o público todas as dificuldades e desafios que elas precisaram enfrentar para manterem vivo o sonho de trabalhar com o que queriam, passando por cima de preconceitos, assédios, insultos e muitos outros tipos de desmotivação.

Em meados do ano de 2018 e início de 2019, criamos dois subprojetos do Café com RH: o “SOS Universitário” e o “Café com RH com Diversidade”. O primeiro foi uma forma de ajudar os estudantes a ficarem por dentro do mundo universitário e do mercado de trabalho, promovendo eventos para esclarecer dúvidas, para alertar sobre editais, bolsas, estágios e outras oportunidades, além de como se portar no mercado de trabalho. Já com relação ao segundo subprojeto citado, este surgiu a partir de um evento no qual participamos, que os palestrantes convidados demonstraram uma fala preconceituosa e machista dentro de uma universidade, abordando sobre a figura da mulher em uma empresa. Tal acontecimento nos impactou e nos fez refletir que muitas outras pessoas poderiam ter o mesmo pensamento. Diante disso, como faríamos para reverter essa situação? A ideia principal foi promover ações em prol da diversidade, para evitar que ações e pensamentos preconceituosos se propagassem por nossa comunidade. Sendo assim, organizamos um grupo voltado a isto, fazendo publicações em nossas redes sociais e promovendo eventos para conscientizar a população, além de dar voz às minorias e dar a eles a oportunidade de compartilhar as suas experiências com o público, apresentando o outro lado do preconceito.

A extensão não é uma tarefa fácil. Todos os envolvidos passam por diversos desafios, ouvimos muitos “não”, mas o incrível desta jornada é a persistência e o comprometimento dos membros em levar conhecimento e junto com ele, o sentimento de mudança. A comunidade acadêmica vem enfrentando muitas dificuldades ao longo das últimas décadas, sejam financeiras ou de ideologias contrárias, que tentam tirar os recursos, os quais são cada vez mais escassos. No entanto, a extensão é uma forma de mostrar todo o conteúdo produzido por nós e disponibilizar ao público todos os recursos que temos disponíveis para tornar a sociedade um ambiente melhor, em todos os aspectos, principalmente, através do conhecimento. Se temos esta oportunidade, mesmo com todas as dificuldades, por que não colocar tudo isso em prática? Seja através de palestras, visitas, feiras, rodas de conversa, fóruns de discussão, online ou presencialmente, o importante é promover a troca de saberes com a sociedade e mostrar que temos

muito o que agregar quando unimos as forças, deixando claro que ambos podemos nos beneficiar e ajudar uns aos outros. A universidade vai além de “tirar notas altas”, ela é uma porta que se abre para adquirirmos muito conhecimento e produzirmos conteúdo, seja a partir da participação em projetos de extensão, visitas técnicas, estágios em empresas e instituições, produção de artigos, e muito mais. Os estudantes brasileiros apresentam um grande potencial e devemos valorizá-los desde já.

Luiza Silva Rezende é extensionista do Projeto Café com RH: Promovendo ações em prol da melhoria da qualidade de vida no trabalho em Macaé. Coordenadora: Prof.^a Izabela Maria Taveira.



Educação Patrimonial: Um Ensino Interdisciplinar de Geografia, Arte e Linguagens das Cidades de Campos e Cataguases

Pablo Fernandes Pinheiro

Antes de entrar na UFF, sempre fui bastante incentivado a participar das Bolsas de iniciação científica, pró-extensão, entre outras. Eu tive oportunidade de conseguir essa bolsa com o Prof. Dr. Edmilson da Motta, no qual foi meu professor de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Como fui bastante influenciado a tentar uma bolsa, não só por uma experiência acadêmica. Pessoal, muitas dessas bolsas fazem diferenças na forma que um estudante pode conseguir dinheiro para poder se sustentar, ou pelo menos diminuir nos custos da faculdade (principalmente na faculdade, a xerox não vem sozinha).

Tudo é novidade dentro da faculdade, principalmente quando existem relações sociais e espaciais dentro dela, então tudo é novo. Todos os dias é uma informação nova. Não seria diferente dentro da bolsa extensão, você estuda um determinado tema que é proposto. Descobre a importância dele na sociedade e a relevância do mesmo nos tempos atuais, trazendo uma informação esquecida para uma sociedade em constante transformação.

Na aplicação dos estudos entre as cidades de Cataguases e Campos, foram bastante surpreendentes. O envolvimento dos participantes dentro dos temas foi bastante grande, principalmente, de professores ou funcionários dos colégios. Demonstrando uma aptidão em conhecer mais sobre as suas cidades, em

descobrir que alguns dos maiores nomes da arquitetura moderna fizeram parte dela, principalmente Cataguases – MG ou Cidade Modernista (uma das cidades que mais tem obras modernistas do Brasil, fora as capitais do Brasil). Muitos dos alunos não conheciam alguns autores que moldaram a cidade de Cataguases, como por exemplo: Oscar Niemeyer, Burle Marx, Portinari, Djanira, entre outros. Muitos alunos dessa instituição (Colégio Cataguases) não conheciam informações sobre a sua própria cidade. Foi um momento bastante complicado, pois é estranho um desconhecido entrar na sua escola e te falar sobre coisas na qual “deveria” saber, o maior arquiteto brasileiro ajudou a moldar a paisagem da cidade e ainda construiu o colégio que você estuda, como essas informações vão sendo esquecidas com o tempo?

Quando estudei o Oscar, fiquei bastante surpreso, pois sou de Niterói, uma das cidades que ele fez bastantes trabalhos e descobri depois de pesquisas sobre. Na cidade de Campos, foi a mesma coisa, descobrir que sua cidade teve mudanças grandes e na qual não estão sendo tão valorizadas pelas pessoas como deveriam, o Jardim do Liceu é um grande exemplo, ele foi construído onde só as pessoas da alta sociedade na época poderiam utilizar, hoje é um espaço público que carrega uma grande história de luta e resistência. A importância da valorização da cultura cai sobre terra, quem conta as histórias são os vencedores, mas se a gente não valorizar essas mudanças das paisagens de prédios, casas e escolas quem vai? Eu me senti bastante importante de ensinar conhecimento, de mostrar o retrato de se você não valorizar a sua cultura, ele vai ser esquecido, assim como os seus autores.

Pablo Fernandes Pinheiro é extensionista do Projeto Educação Patrimonial: Um Ensino Interdisciplinar de Geografia, Arte e Linguagens das Cidades de Campos e Cataguases. Coordenador: Prof. Edmilson Antonio Mota.



Arte, experiências de vida de adolescentes mulheres das classes subalternas: pesquisa-ação e assessoria

Thainá Barbosa Fernandes

Ao ingressar no ensino superior, logo no primeiro período da faculdade, sempre ouvi dos meus professores que a universidade vai além da sala de aula e no início não compreendia muito o porquê disso. Os períodos foram se passando e eu comecei a compreender o “ir além da sala de aula”.

No segundo período, um amigo disse que eu deveria procurar um grupo de projeto de pesquisa para fazer parte, porém ao ouvir esse nome eu logo estremeci, pois na escola não havia esse tal “grupo de pesquisa” e achei que não conseguiria dar conta de estar em um, pensei que seria algo que estava além da minha capacidade e deixei essa ideia de lado, afinal, eu estava no segundo período e ainda estava me adaptando a essa nova fase da minha vida. Os períodos foram se passando e eu já estava ambientada ao meio universitário, entretanto, mesmo assim eu não tinha amadurecido sobre a ideia de estar em um grupo de projeto de pesquisa.

Ao cursar a matéria de Ética, no quinto período, a professora havia comentado sobre o grupo de pesquisa e de estudos que a mesma coordena, achei a ideia o máximo, todavia, tive medo de começar a participar de ambos e não conseguir ser capaz de obter um bom desempenho, ao longo do período, fui amadurecendo a ideia e resolvi tentar, pois não custava nada. Entrei em contato com a professora e pedi para participar da reunião do grupo e a mesma deixou, na reunião, escutei toda a proposta de grupo de projeto e fiquei empolgada com a ideia, na mesma semana fui na reunião do grupo de estudos e vi que não havia

nada a temer, pois era um grupo de alunos que debatiam ideias e opiniões. Foi então que percebi que eu estava apta a participar de ambos os grupos.

Ainda que eu esteja começando agora nos grupos, tenho as mais positivas expectativas em relação a eles, pois a ideia de estudar/refletir sobre artes, subjetividade e adolescentes é algo novo na minha rotina e sei que irá sair novos conhecimentos que poderei levar para a minha futura profissão e para o meu presente. Além disso, poder fazer parte de uma roda de conversa e debater com pessoas que estão em níveis diferentes do meu, contudo debatem e dialogam no mesmo patamar que o meu e também abordam novas ideias e conceitos, é algo enriquecedor.

Thainá Barbosa Fernandes é extensionista do Projeto GETEPSS: Grupo de Estudos em Ética Profissional e Serviço Social. Coordenadora: Prof.^a Isabel Cristina Chaves Lopes.



YAMINI BARRIOS DE
CAYALDO BOLA
217934126

HUAP

Anexo I:

Currículos dos Avaliadores

Andreia Pereira Escudeiro começou a desenvolver atividades extensionistas no ano de 1983, ainda como discente. Desde então, vem participando de diversas ações extensionistas. É formada em Enfermagem e Medicina, atuando como professora universitária e como oficial do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ). Teve a oportunidade de atuar em diversos campus da UFF como extensionista e como membro voluntário nos desastres de Região Serrana, Bumba, Piratininga, Petrópolis, Muzema, Santana de Mundaú, e vários outros. Atualmente está à frente do Programa NEPUR e dos projetos Suporte Básico de Vida no Trauma e Primeiros Respondentes.
e-mail: aescudeiro@id.uff.br

Cristina Delou é psicóloga e licenciada em psicologia com especialização, mestrado e doutorado em educação. Estudou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Enquanto cursava o mestrado, foi convidada a fazer parte de um grupo de pesquisa na UERJ sobre superdotação. Desde então, é sua principal linha de pesquisa. Leciona, faz pesquisa e extensão há 26 anos, sendo a primeira colocada no concurso para lecionar na Universidade Federal Fluminense. Criou o Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/ Superdotação e a Escola de Inclusão e integrou o grupo que criou o Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão e o Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão no Instituto de Biologia da UFF. Recebeu o Prêmio Jabuti 2015 na categoria Educação-Pedagogia e, em 2019, foi agraciada com o Prêmio Medalha Carioca, na categoria Personalidade Educacional, pela Câmara Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro.

e-mail: cristinadelou@id.uff.br

Elaine Monteiro é professora do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordena o Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu, programa de extensão desenvolvido com comunidades jongueiras e quilombolas da região sudeste que articula

ações de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial negro. Integra o Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (LABOEP), o Laboratório de Imagem Documental em Educação (LIDE), ambos na FEUFF, e o grupo interdisciplinar e interdepartamental Encontro de Saberes da UFF.

e-mail: elainemonteiro@id.uff.br

Jairo Werner é psiquiatra e médico pela Universidade Federal Fluminense, com doutorado em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestrado em Educação pela UFF. É professor titular da Faculdade de Medicina da UFF com ampla participação no ensino das disciplinas e áreas de Neuropsiquiatria Infantil, Psiquiatria infantil, Desenvolvimento Infantil e de outras áreas. Coordena várias ações extensionistas junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFF (PROEX), entre eles a Rede Geal - de saúde mental da infância e juventude, o Programa de justiça restaurativa/álcool e outras drogas, o Psiquiatria infantil sem paredes, a Escola Fantártica/expoantar-academia de ciência e arte e o Programa Nossos Futuros Médicos. É coordenador da pesquisa pioneira na Antártica sobre Saúde Mental (CNPq-2019-2022), que integra o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR).

e-mail: jairowerner100@gmail.com

Nivia Valença Barros é professora de Serviço Social na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense. Concluiu o pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Coimbra em 2016, o doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em 2005, o mestrado em Educação em 1994, a especialização em Psicotraumatologia em 2015 e a graduação em Serviço Social em 1983. Atua na docência na graduação do Departamento de Serviço Social da Escola de Serviço Social - UFF e na pós-graduação (mestrado e doutorado) no Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Direitos Humanos e Cidadania - Nudhesc-UFF e membro do Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social e do Núcleo de Pesquisas Proteção Social, Gênero, Famílias e Gerações. Coordena o Programa UFF Mulher- PROEX e é membro da Rede de Pesquisa sobre Famílias e Política Social – REFAPS, desenvolvendo pesquisas na área dos estudos de gênero, famílias, criança e adolescência, violência, geração, sujeitos sociais, direitos humanos, políticas sociais, infância e população LGBTTI. É membro Titular do Conselho dos Direitos da População LGBT, de Niterói e Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPQ.

e-mail: barros.nivia@gmail.com

Anexo II: Edital



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
I CONCURSO DE DEPOIMENTO EXTENSIONISTA
EDITAL 2019**

A Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense (PROEX-UFF) promove o I Concurso de Depoimento Extensionista.

O concurso tem por finalidade incentivar o depoimento escrito por alunos extensionistas matriculados na Universidade Federal Fluminense, relatando as experiências vividas na ação extensionista junto à comunidade.

A Comissão Organizadora do I Concurso de Depoimento Extensionista é designada pelo Pró-Reitor de Extensão para instituir e operacionalizar os trabalhos referentes a este concurso.

Este edital estabelece o local e período para a realização das inscrições, a temática a ser explorada, a elaboração e as orientações para a confecção dos depoimentos, os critérios para avaliação e seleção, a comissão avaliadora, os depoimentos vencedores, a premiação, o local de divulgação dos vencedores, o local de entrega da premiação, os benefícios proporcionados por este concurso, o cronograma e as disposições finais.

1. DA INSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS

1.1. As inscrições são gratuitas e o prazo para o registro dos depoimentos será de 01 de agosto a 25 de agosto de 2019.

1.2. Somente será aceita a inscrição de um depoimento por aluno extensionista.

1.3. Ao se inscrever, o participante autoriza a utilização, publicação e reprodução do conteúdo com finalidade acadêmica, por meio da revista, site e mídias sociais da PROEX, respeitando-se, contudo, a propriedade intelectual do autor do depoimento.

1.4. Os depoimentos deverão estar vinculados às ações extensionistas cadastradas no SIGProj junto à PROEX-UFF (exercício 2019) e aprovadas pela Câmara Técnica da PROEX com status “EM ANDAMENTO NORMAL” até o dia 25 de agosto de 2019.

2. DA TEMÁTICA A SER EXPLORADA

2.1. Este concurso tem por intuito abordar a atuação do candidato na ação extensionista da qual participa, de modo que seu relato deverá ser uma expressão subjetiva de suas vivências na ação, contendo informações – quando aplicáveis – referentes às dificuldades encontradas, a atuação junto às comunidades, os impactos transformadores verificados e a repercussão dessas experiências em sua formação acadêmica, profissional e cidadã.

3. DA ELABORAÇÃO E DAS ORIENTAÇÕES PARA A CONFECCÃO DO DEPOIMENTO

3.1. O depoimento deverá ser redigido em um arquivo em formato Word (.doc ou .docx), contendo apenas o nome do candidato, o nome da ação extensionista ao qual está vinculado (nome completo da ação conforme consta no cadastro no SIGProj), o título do depoimento e o texto.

3.2. O arquivo deverá ser redigido com fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento simples, com margem esquerda de 3,0 cm, margem direita de 1,5 cm, margem superior de 3,0 cm e margem inferior de 2,0 cm.

3.3. O texto deverá ser escrito em português, contendo um mínimo de 3.000 caracteres com espaço e um máximo de 5.000 caracteres com espaço.

3.4. O arquivo deverá ser anexado a um e-mail endereçado para encontredebolsistas@proex.uff.br. No campo “assunto” do e-mail, deverá constar a palavra CONCURSO seguido do nome completo do candidato.

3.5. Serão eliminados os depoimentos que:

3.5.1. não estejam de acordo com o estipulado por este edital;

3.5.2. possam causar danos materiais e/ou morais a terceiros;

3.5.3. façam propaganda eleitoral de qualquer tipo;

3.5.4. tenham sido produzidos por terceiros ou que foram plagiados;

3.5.5. representem ofensa à liberdade e à crença de outrem;

3.5.6. possuírem conteúdo que implique discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia ou procedência nacional e/ou regional; e

3.5.7. Contenham mensagens que possam representar crime (contravenção penal) ou que sejam compreendidas como incitação à prática de crime.

4. DOS CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO

- 4.1. Os depoimentos seguirão os seguintes critérios de avaliação e seleção:
 - 4.1.1. Pertinência à temática;
 - 4.1.2. Originalidade;
 - 4.1.3. Domínio da norma padrão da língua escrita;
 - 4.1.4. Compreensão da proposta, tendo o texto que versar sobre a experiência do extensionista junto à comunidade;
 - 4.1.5. Organização textual e progressão das ideias;
 - 4.1.6. Coerência narrativa, figurativa e argumentativa; e
 - 4.1.7. Coesão textual.

5. DA COMISSÃO AVALIADORA

- 5.1. A Comissão Avaliadora deste concurso será constituída por uma banca composta de docentes da Universidade Federal Fluminense.
- 5.2. A Comissão Avaliadora levará em consideração os critérios estabelecidos no item 4 deste edital para o julgamento dos depoimentos inscritos.

6. DOS DEPOIMENTOS VENCEDORES

- 6.1. A avaliação identificará 3 (três) depoimentos vencedores, sendo estes classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar.

7. DA PREMIAÇÃO

- 7.1. O prêmio será concedido exclusivamente aos discentes extensionistas relatores dos depoimentos vencedores.
- 7.2. Os depoimentos ganhadores receberão a seguinte premiação:
 - 7.2.1. 1º lugar: certificado e vídeo institucional produzido pelo Setor de Comunicação da PROEX, baseado no depoimento do bolsista com imagens da ação in loco realizada pelo ganhador.
 - 7.2.2. 2º lugar: certificado.
 - 7.2.3. 3º lugar: certificado.

8. DO LOCAL DE DIVULGAÇÃO DOS VENCEDORES E DA ENTREGA DA PREMIAÇÃO

- 8.1. A relação dos nomes dos vencedores, bem como a entrega da premiação, será informada em sessão pública no XIII Encontro de Bolsistas de Extensão, evento que acontecerá no dia 11 de setembro de 2019, a partir das 13h, no Auditório Macunaíma, Bloco B, Campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense.

9. DOS BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS

9.1. Este edital proporcionará como benefícios:

- 9.1.1. Reconhecer talentos da comunidade de alunos extensionistas e promover a satisfação de verem reconhecidas as suas ações na comunidade.
- 9.1.2. Motivar e despertar o desejo para a execução de ações extensionistas.
- 9.1.3. Divulgar as ações extensionistas da Universidade Federal Fluminense e estimular a interação e articulação com outras instituições.
- 9.1.4. Reconhecer os benefícios das ações extensionistas na comunidade.
- 9.1.5. Disseminar informações relevantes e transformadoras para toda a sociedade.

10. DO CRONOGRAMA

10.1. Este edital obedecerá ao seguinte cronograma:

- 10.1.1. 01/08/2019 a 25/08/2019 – divulgação do edital e período de realização das inscrições.
- 10.1.2. 26/08/2019 a 08/09/2019 – avaliação dos depoimentos pela Banca de Avaliação.
- 10.1.3. 11/09/2019 – divulgação dos resultados.

11. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

11.1. As decisões da Comissão de Avaliação e da PROEX-UFF não serão suscetíveis de recursos. Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora, ouvido o Pró-Reitor de Extensão.

11.2. Este edital tem validade durante o período de realização deste concurso, conforme declara o item 10.

11.3. É de responsabilidade do aluno extensionista a leitura deste edital para conhecimento dos critérios para inscrição dos depoimentos, pois a participação no concurso implica o consentimento das condições estipuladas para o certame, ficando o aluno ciente de todas as disposições do regulamento.

Niterói, 01 de agosto de 2019

CRESUS VINICIUS DEPES DE GOUVÊA
Pró-Reitor de Extensão

A extensão universitária é muito mais do que uma das bases que compõem a tríade ensino-pesquisa-extensão do ensino superior; ela habita a alma dos extensionistas, envolve sentimentos de indignação e justiça e é sempre carregada de esperança. O fazer extensionista exige humildade para aprender ensinando, pede licença para entrar e para transformar a realidade social. A extensão não busca apenas cumprir uma meta ou alcançar um objetivo, ela compartilha conhecimentos e forma profissionais comprometidos com a sociedade.

Esta coletânea reúne textos de discentes extensionistas da Universidade Federal Fluminense que participaram do I Concurso de Depoimento Extensionista, realizado durante o XIII Encontro de Bolsistas de Extensão da UFF, em 2019. São relatos que evidenciam a prática extensionista dos alunos, suas experiências, os resultados obtidos e a relevância da extensão universitária em sua formação acadêmica, profissional e cidadã. Mais do que isso, são textos que definem o espírito altruísta e o significado da extensão para os discentes da Universidade Federal Fluminense.



ISBN: 978-65-990419-2-1

